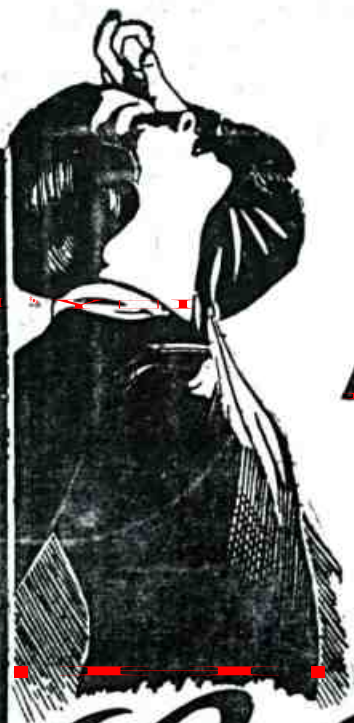
FON FON
ANNO XXIV — N.º 24
Rio, 14 de Junho de 1930
PREÇO: 1$000
930

As dores
nevralgicas
desapparecem
repentinamente com
dois comprimidos

BEDUINOS

De YÁRA DO RIO

VINDO de Neyed, na Arabia, o beduino acampára no deserto. Havia dois mezes que acompanhava a caravana de um rico mercador, na qual, entre varias escravas adolescentes, seguia tambem a donzella dos seus sonhos.

Ah! delle, que era senhor do deserto e da sua tenda, mas que tivera a ousadia de levantar os olhos para aquella belda-de destinada ao sultão!

O amor do arabe é indomavel como um pôtro selvagem. Assim, para Omar ben-Youssef, não havia barreiras nem preconceitos que impedissem a sua audacia — desejar para si a bella Izzat.

Errante por hereditariedade, elle seguira a caravana, certo de que um dia encontraria um meio de corresponder-se com a bem amada. E, com algum dinheiro e muita lábia, conseguiu as boas graças da velha Fatima, a guardiã das virgens.

No emtanto, a velha, quando soube daquella paixão insensata, negou qualquer auxilio aos jovens apaixonados.

Um dia, porém, quando a caravana acampára num oasis, Fatima, que estava apanhando agua numa fonte um pouco distante, foi surprehendida por um animal bravio. Si não fosse a providencial apparição de Omar ben-Youssef, que, com um tiro certeiro, abatera a fera, a velha teria sido atacada.

E, cheia de reconhecimento por aquelle que acabava de salvar-lhe a vida, Fatima prometteu que, á noite, quando o acampamento dormisse, levaria a bella Izzat á tenda do beduino.

* * *

O dia passa, a tarde morre, a noite chega. A lua, delicada e loura, diverte-se brincando de esconder por detraz das nuvens vaporosas. Depois, sentindo-se cansada, engasta-se no azul do céo e vem illuminar o deserto.

E tres sombras esguias, que se alongam, estendem-se preguiçosas pela areia ondulada. Essas sombras são: o beduino, sua tenda e seu cavallo.

Impaciente, como são todos os amantes, Omar ben-Youssef acha que ha muito anoiteceu. No emtanto, ha uma hora apenas que o crepusculo agonizou.

E, com a alma cheia de ansiedade, o beduino apaixonado põe-se a recitar:

— A noite veio e ella não chega.... E pelo deserto de minh'alma passa o simoun do desespero. Oh! lua, si tu visses a minha amada, desmaiarias de inveja. Porque a beduina Izzat é um lirio vivo, cuja belleza não tem rival. As rosas das suas faces são mais saborosas do que as doces tamaras vermelhas. Ah! quem me dera estancar minha sêde na frescura de sua bocca e esquecer a vida mirando-me na fonte serena dos seus olhos negros!

E a noite passa e ella não vem...

Uma brisa tépida perpassa; no emtanto, Omar sente que o deserto escalda.

Ansioso, vae e vem, recita, clama e desespera-se.

Mas eis que se alegra e tem a sensação de que o areial se transforma num delicioso oasis.

E' que, seguida da velha guardiã, Izzat vem chegando.

Completamente venturoso, Omar ben-Youssef cinge um braço á cintura da beduina, tira-lhe o manto e o véo, e, meigamente, com uma voz acariciadora, fala á bem amada:

O manifesto communista lançado pelo chefe revolucionario Luiz Carlos Prestes causou profunda decepção em todos aquelles que se diziam seus commandados e em todos os que por elle tinham qualquer grande sympathia. Esse official revoltoso percorrera o Brasil, de norte a sul, á frente duma verdadeira montoeira, como um verdadeiro Lampeão militar talando os sertões, saqueando e degolando. Evitou sempre o combate com as forças legaes e aproveitou a vastidão deserta do nosso hinterland para os seus audaciosos raides. Dahi a propaganda que delle fizeram os jornaes opposicionistas cariocas, acompanhados por alguns dos Estados. Arvoraram-no em salvador do Brasil, em um Messias da Republica, em estrategista, em politico, em tudo, da noite para o dia, sem que o seu passado obscuro justificasse esse exaggero.

Está ahi o resultado. O idolo era de barro e pelas proprias mãos desfez-se em pó. Assoprado directamente pelo bolchevismo russo, escreveu um manifesto idiota. E o Brasil inteiro o repelliu.

Que decepção nas hostes desse prestimoso rebelde! O grande chefe transformado em Olho de Moscou...

BEDUINOS

(Conclusão)

— Fecha os teus olhos, doce amor, e esquece o deserto! Porque a minha fantasia criou para o teu prazer um maravilhoso jardim. Fecha os teus olhos, esquece o deserto e ouve onde estás:

"A grama fresca e macia estende-se langorosa, resfriada pelas caricias das flores mal despertas.

"Fecha os teus olhos, escuta a fonte que canta aos pés das cannas bravas.

"Ah! fecha os teus olhos, esquece o deserto e ouve os guizos de prata do orvalho tilintando nas campanulas azues.

"E vós, flores, obedecei: Vinde com o oleo dos vossos perfumes ungir a minha doce amada."

Seguidos de Fatima, os dois jovens entraram na tenda perfumada a musgo e nardo.

O tempo passa e, sem ouvirem a velha arabe, que recommenda prudencia, as caricias redobraram.

Chegou a hora da partida. E' debalde, porém, que Fatima ordena a Izzat que a acompanhe.

Dirigindo-se, então, ao beduino, a velha diz:

— Lembra-te, meu filho, desse sabio proverbio: "A reputação de uma mulher é coisa bem fragil; é como o crystal, que depois de partido jamais poderá ser reparado."

Sem escutal-a, porém, Omar ben-Youssef estreita ainda mais a deliciosa flor humana que está em seus braços.

Então, a guardiã, vendo que não consegue convencel-os, resolve voltar sozinha ao acampamento.

E já fóra da tenda, Fatima, suspende o tapete que serve de porta e, sinceramente penalizada, diz aos amantes:

— Insensatos! A morte vos espera; no emtanto, deviam saber que "o amor é uma fruta cheirosa que tem o sumo doce e a polpa amarga".

E, como um ponto negro, ella sumiu-se no areial sem fim...

* * *

A noite passa e a manhã chega. Como despertos de um sonho delicioso, os dois jovens saem da tenda.

Cheios de admiração, vêem que o dia já desponta.

Então, a bella Izzat recostando a cabeça no peito do bem amado, diz-lhe, carinhosamente:

— Como foram curtas as horas que estivemos juntos e como são longos os minutos quando estamos separados!

As gazes do nascente tingem-se de rosa, emquanto, lá no alto, Aldebaran — a gotta d'ouro da constellação de Tauro — vem como um topazio rutilo engastar-se na aurora carminada.

Abraçados, felizes, bem juntinhos, os dois jovens caminham vagarosamente pelo deserto, emquanto a imaginação poetica de Omar ben-Youssef crea, para a bem amada, maravilhosas paizagens.

E não sentem que, seguindo os seus passos, envolvendo-os com as suas grandes azas negras, está Azrail, o Anjo da Morte...

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

Renovando a Cutis com oxigenio

Uma cutis pobre nada mais é que a accumulação de materia morta que se adhere fortemente ao rosto, provocando, assim, manchas, palidez, rugas e secura da pelle.

Somente o oxygenio é o que pode mercê de sua conhecida acção destruidora de toda a materia morta, extirpar essas nocivas accumulações e isto sem affectar os tecidos sãos.

Descobriu-se que a Cera Pura Mercolized contem oxygenio, de maneira que este ao pôr-se em contacto com a cutis, a limpa totalmente.

Poucas applicações de Cera Pura Mercolized bastam para que surja livre e saudavel a formosa tez que toda a mulher possue immediatamente debaixo da velha cuticula desfigurante.

Talvez que a sua pharmacia não tenha esta delicada substancia, tão efficaz para o cuidado da belleza; mas, se insistir em solicital-a, poderá obtel-a promptamente.

Cêra Pura Mercolized

(em inglez: "Pure Mercolized Wax")

Em todas as boas pharmacias, perfumarias e lojas, que vendem artigos de toilette, em todos os paizes do Mundo.

A RAINHA E SEU PAE

DA residencia da senhora Michu, porteira de uma bôa casa da avenida de Messina. A porteira da casa ao lado, senhora Bonavent, acaba de tomar seu café.

— Mais um pouco?
— Não. Obrigada.
— Sim. Mas não cheia.
— E seu marido, senhora Michu?
— Alcides? Desagradavel como sempre.
— Tinha tão bom genio...
— Mudou muito. Desde que ficou vermelho.
— Tingiu-se? Era negro como um carvoeiro.
— Não: vermelho de opinião politica.
— Ah!
— E' chefe da União Bolchevista da Plaine Monceau.
— Seu marido é bolchevique, senhora Michu?
— Sim.
— Pobre mulher!
— Seu trabalho o obrigou a isso.
— E que faz elle?
— E' constructor de montanhas russas.
— De montanhas russas?
— Sim. Nas feiras.
— Ah!
— Desde que se tornou vermelho está negro contra os ricos, os proprietarios, os capitalistas, os reis e as rainhas. Só ouvindo-o falar dos reis!
— E sua filha, dona Michu?
— E' nossa alegria!
— Continúa empregada nas galerias subterraneas?
— Sim.
— No departamento de perfumes?
— Sim. E' poetico, não?
— E' tão linda...
— E tão honesta...
— E tão instruida...
— E' uma perola. Elegeram-na rainha do districto, e hoje é seu grande dia.
— A senhora deve estar orgulhosa!...
— Sim. Mas é necessario que eu aja com grande discreção, em virtude das idéas politicas de seu pae. A filha de meu bolchevista não póde ser rainha. Assim, tenho que occultál-a. Foi coroada com um pseudonymo.
— E' uma rainha que está incógnita.
— Sim.
— E' curioso!
— Seu pae quer casál-a.
— E ella está satisfeita?
— Não. Ella gosta de um empregado das galerias, mas seu pae se nega a dar seu consentimento, porque o noivo se chama Barão.
— Não o comprehendo.
— Elle diz que Barão é um nome nobre.
— Pobrezinha!
— Seu pae quer casál-a com um de seus amigos: Heitor, que tem o nariz vermelho como seus cabellos.
— E ella?
— Ella não quer, naturalmente. Está apaixonada por Barão.
— Então?...
— Ha, por isso, um mar de desgostos.

Nesse momento a porta se abriu e appareceu a jovem Michu vestida de setim branco, a corôa de papelão dourado na cabeça e um sceptro na mão.

— Aqui me tens, mamãe. Sou rainha das rainhas.
— Minha filha! — exclamou a mãe, abraçando-a.
— Felicidades — disse a vizinha.
— Outro cafezinho?
— Com muito prazer! A' saúde da rainha das rainhas!

Nesse momento se ouviu:

"E' a luta final,
Agrupemo-nos, e amanhã,
A Internacional..."

— Teu pae! — exclamou a senhora Michu — Esconde-te. Si elle te vir vestida de rainha... nem quero pensar nisso!

A jovem quiz entrar na carvoaria. Mas [...] possivel: seu traje lhe o impedia.

O senhor Michu, acompanhado de Heitor, penetrou na portaria. A senhora Bonavent desappareceu. Pallida e trémula, a senhora Michu ficou a presenciar a scena.

— Que ha?

A jovem sahiu de traz da porta e se apresentou deante de seu pae, com o sceptro na mão e a corôa na cabeça.

— O que ha — disse Heitor — é que tua filha é a rainha das rainhas. Minha irmã m'o disse. Um bolchevista ter por filha uma rainha!... E' estranho!...
— Minha filha é rainha?
— Sim.
— Então, eu sou o pae da rainha.
— Sim.

A senhora Michu tremia. Que ia occorrer? Michu desappareceu no compartimento vizinho.

— Vae, com certeza, buscar um punhal.
— Para que?
— Para matar a filha.
— A senhora está louca, dona Michu.

Michu reappareceu. Vestira o jaquetão do dia do casamento, puzéra chapéo de copa alta, o pello eriçado e improvisára um monoculo com o crystal de um relogio.

— Estás precioso, Michu! — disse-lhe Heitor.
— Meu marido enlouqueceu — pensou a porteira.
— Estou orgulhoso de ter uma filha rainha, embora só o seja um dia. Quero ir comtigo na carruagem.
— Mas...
— Cala-te, Heitor! Eu sou o pae de uma rainha!
— Mas...
— Nada, Virginia — disse a sua mulher — tira dahi esse retrato de Lenine.
— Bem.
— E amanhã muito cuidado quando me trouxeres *L'Humanité*.

Heitor, sorrindo, disse:

— Quando me darás a mão de tua filha?
— A mão de minha filha a um anarchista? Vae embora daqui! Minha filha, agora pode casar com teu Barão...

De Jorge Dolly

O importuno

O poeta Boidéziles, após sua estação de Barillat - les - Bains, decidira ir para o Sudoéste, onde o esperava um convite de parentes não muito divertidos, mas que habitavam uma grande *villa*, e tinham uma cozinha excellente.

Obtivera um passe da estrada de ferro da Companhia de Orléans, um outro da do Meio-Dia e um *sleeping* de "meia cara" nos Wagons Lits... Como tinha de partir na terça-feira, 2 de agosto, á tarde, e não mais houvesse logar no rapido, puzera em movimento todo o pessoal alto dos trabalhos publicos, pessoal este que lhe conseguiu arranjar um *sleeping* conveniente, isto é, o leito de baixo. Não sei ao certo como tal succedeu; penso que desalojaram uma velha dama, aproveitando-se do seu esquecimento em fazer saber a tempo o preço da passagem. O poeta, satisfeito, atravessa a sala das bagagens, onde viera fiscalizar o despacho de sua mala, quando encontrou M. Costo du Gruché, com quem jantara uma occasião em casa de amigos.

* * *

M. Costo é um architecto de muito gosto, de espirito fino, e que possue no mais alto gráo uma virtude muito necessaria nas sociedades civilizadas: a discreção. Esta qualidade consiste — conforme me disseram — em não collocar em primeira linha, nas suas relações mundanas, a questão do bem estar pessoal, e em evitar pedir aos seus semelhantes favores que a generosidade ou a boa educação os obriguem a prestar, qualquer que seja o aborrecimento que lhes possam causar. Bem entendido, os poetas não estão comprehendidos nessa virtude burgueza. Sendo investidos de uma especie de missão no mundo, têm, por isso, um direito de requisição que consideram de origem divina.

Boidéziles, encontrando-se de novo com M. Costo du Gruché na "gare" d'Orsay, e sabendo que partia no dia seguinte de auto para Saint-Sébastien, pediu-lhe, com a mais perfeita naturalidade, que o levasse no seu carro.

M. Costo du Gruché tem um *torpedo* de quatro logares, que elle proprio conduz. Sua joven esposa se assenta, de ordinario, a seu lado, e os logares do fundo são occupados por uma parte das bagagens, estando o resto confiado á estrada de ferro. Teve apenas de modificar estas disposições. As valises encontravam-se já amarradas no fundo do carro. Foram desamarradas e dispostas com muita precaução no assento livre, afim de que Boidéziles, a quem Mme. Gruché era obrigada a fazer companhia, pudesse viajar nos logares de traz.

O casal du Gruché, para obedecer a um horario muito estricto, devia vir apanhar Boidéziles na propria casa, ás sete horas da manhã.

— Estarei! — disse elle — deante da porta.

A's sete e dez, M. Costo, que já tinha feito uma quinzena de fonfonadas, viu apparecer a uma janella um cavalheiro de pyjama, com os olhos um pouco injectados, os cabellos em grande desordem, e que gritava:

— Já vou descer!

M. Costo não ia imaginar, por certo, que o seu convidado fosse viajar em pyjama.

A's oito horas batidas, Boidéziles, com a valise nas mãos da criada Eugenia, apparecia na calçada. Esforçava-se por mostrar um rosto contrariado, mas M. e Mme. Gruché conseguiram sorrir calmamente. Puzeram-se a caminho, afinal, em direcção de Versailles.

M. Boidéziles, ainda que mal desperto, começara já uma conversação aborrecida com Mme. du Gruché. Falava-lhe de seus males de estomago, de suas insomnias e das perturbações da vista... Ah! da sua vista!... E bateu na testa... Esquecera os oculos...

Neste momento, o *torpedo* abordava galhardamente a costa da Picardia...

— Uns oculos da casa de um optico especial, executados segundo meticuloso exame de uma summidade oculista...

— Quer o senhor que voltemos? — perguntou, francamente, M. du Gruché.

— Oh! eu não queria... — balbuciou Boidéziles.

Mas já M. du Gruché, numa muda condescendencia, executava uma *virada* num estreito semi-circulo, e retomavam todos, em silencio, o caminho de Paris.

Boidéziles, ao chegar a seu domicilio, percebeu que não tinha mais a chave. Ora, Eugenia não se encontrava lá. O *torpedo* fez a volta do quarteirão, parou deante da casa de frutas, da mercearia, do açougue... A criada foi encontrada providencialmente de palestra com o carteiro.

M. Costo du Gruché estabelecera minuciosamente os detalhes de sua viagem e tomara um quarto em Angoulême, onde, no emtanto, não era mais possivel chegar antes da meia noite... Tanto peor! Accender-se-iam os pharoes...

Mas o poeta, na passagem por Poitiers, mostrou taes signaes de fadiga, que houve necessidade de uma parada na cidade. Não havia no hotel, senão um quarto bastante espaçoso, que Boidéziles acceitou, depois de protestos, deixando, no fim de contas, seus amigos installarem-se num quarto annexo, onde estariam muito bem, affirmou um *garçon*, antigo combatente, a quem as duras fadigas da guerra tinham tornado bastante accommodado relativamente a questões de conforto.

No dia seguinte, de manhã, o poeta, admiravelmente refeito

Quem esperou seus companheiros na sala de jantar do hotel. Retomou-se o caminho e recomeçou tambem a historia das indisposições, dos pesos, dos vapores de Boidéziles, desde a infancia até nossos dias. De tempos a tempos, olhava o mappa. De repente, teve um sobresalto.

Acabava de perceber que passavam a dois kilometros de um sitio extremamente captivante, sitio que contemplara outr'ora, mas somente ao descambar do sol... Não era senão uma pequena reviravolta de cinco minutos... M. Costo, cada vez mais silencioso, voltou em direcção ao logar indicado e tomou uma estrada que, no começo, pareceu logo muito escabrosa.

— O solo é mau, mas vae mudar — disse Boidéziles.

E mudou. Chegaram a um atalho estreito, semeado de montanhas russas... Um estalo se fez ouvir...

— Prompto! — falou M. Costo. — Desarranjou-se o...

E pronunciou um termo technico... O poeta, para quem tudo na natureza tinha uma linguagem, que comprehendia a voz da floresta murmurante, as intenções secretas das nuvens, os pensamentos das arvores, ignorava quasi inteiramente o que dizia respeito a mecanismo de autos. Sabia somente que certos desarranjos exigem um trabalho encarniçado e sordido, mesmo nos menores soccorros.

Propoz-se, por isso, immediatamente ir até á estrada larga — a uns mil passos distante — e abordar algum auto que, da cidade mais proxima, lhe enviasse um mecanico ou um carro de reboque.

M. Costo inclinou a cabeça e continuou a examinar obstinadamente o seu carro. Mme. Costo, assentada á beira da estrada, evitava olhar para o lado de Boidéziles, e mostrar-lhe a expressão do rosto.

Duas horas depois, um pequeno camponez trazia um precioso autographo do poeta, escripto a lapis:

— Tudo vae bem! — dizia elle. — Descobri o auto de um medico que me conduziu a uma aldeola. Ahi, encontrei amigos com quem almoço e que me levarão a Bordeaux. Estive com um velho mecanico, que, apenas livre, irá com um carro de reboque. Mil agradecimentos. Grandes effusões de affecto. Queira entregar ao portador a minha valise e a minha caixa de oculos.

A Esposa

MEDINA estava perturbado deante de Elisa. Parecera-lhe menos difficil desempenhar a missão que o havia levado á casa de seu amigo, mas, perante a esposa deste, não sabia como explicar o objectivo de sua presença alli.

Depois do classico "Como vae, Elisa?", não conseguiu pronunciar uma só phrase. Sentou-se na cadeira que lhe offerecera a dona da casa, e começou a mover nervosamente a perna cruzada sobre o joelho esquerdo.

Uma pergunta de Elisa chamou-o á realidade.

— Está ferido, Medina?

— Não. Não é nada — respondeu elle, apressadamente, ao mesmo tempo que occultava a mão.

E lamentava não ter calçado a luva sobre a venda de cambraia que a envolvia desde meio antebraço até ás phalanges.

Elisa tornou a olhar-lhe a mão envolta, mal escondida sob o paletó. Cresceu o nervosismo de Medina, fazendo-o mover-se na cadeira, como si a mudança de posição pudesse acalmal-o. O homem torturou o cerebro em busca de uma phrase que rompesse a angustia daquelle frente-a-frente incommodo em que se achava.

— E Eduardo? — perguntou, de repente.

— Ainda não voltou — respondeu Elisa.

— Ah! Não voltou. Pois é claro que não podia voltar...

E Medina calou-se.

— Você está enigmatico, Medina. Por que não podia ter regressado Eduardo?

— Eu queria dizer-lhe...

Deixou a phrase truncada.

— Mas fale, por Deus! — exclamou Elisa, suspeitando já que a estranha attitude do amigo de seu marido se devia a circumstancias excepcionaes.

— E' que Eduardo não está bem — balbuciou Medina.

— Que tem?!

— Nada de grave... Não se assuste... Vae ver como não é cousa de importancia.

Elisa estava em pé deante de Medina. Parecia querer sondar-lhe o fundo da alma, alcançar a verdade das phrases e saber o que se occultava atraz das hesitações e do nervosismo daquelle. Toda ella era uma interrogação. Os olhos perguntaram o que a esposa não se animava a inquirir com uma phrase. Estenderam-se ansiosamente as mãos ao amigo portador da má noticia.

— Que aconteceu a Eduardo? Não me minta, Medina. Quero saber a verdade!

— Um desastre de automovel.

— E você o traz ferido?

— Não. Está em um sanatorio.

— Vivo?

— Só recebeu ferimentos sem gravidade.

Desesperada, Elisa sahiu da saleta. Medina seguiu-a, dando-lhe alguns detalhes.

— Virámos na rua Conde de Bomfim. Para evitar uma collisão — dizia-lhe — manobrei mal, e ficámos debaixo do carro... Não vê? Eu machuquei esta mão... Eduardo ficou ferido no rosto.

Elisa não o ouvio. Chamou um taxi e entrou nelle. De dentro, instou a Medina para que se apressasse.

— Não fique assim. Dê o endereço do sanatorio ao *chauffeur*. Depressa!

Medina obedeceu. E, como si, de repente, houvesse comprehendido que era necessario preparar Elisa para que visse seu marido, começou a descrever, com luxo de detalhes, as circumstancias que precederam o accidente.

— Haviamos almoçado juntos — dizia — e resolvemos dar um passeio até Copacabana. Eu tinha meu carro. Eduardo achava melhor uma volta á Tijuca. Iamos falando em você. Elle exaltava o amor infinito que lhe professa, augmentado através dos cinco annos de vida conjugal. Dizia-me que o futuro lhe inspirava terror, porque talvez encontrasse, sem procural-a, uma mulher capaz de fazer-se querer, em detrimento do profundo amor que lhe tem... Você conhece, Elisa, o fundo de romantismo que ha em Eduardo... Conhece o seu temperamento apaixonado..., o culto amoroso que você lhe merece. Sempre foi sua obsessão chegar a não querel-a como a quiz até hoje. Si houve uma sombra na felicidade de Eduardo, foi a projectada por essa mulher presentida, capaz de afastal-o de você... Por isso elle desejava o milagre de não poder ser amado pelas outras mulheres, ainda quando sua belleza physica e suas qualidades espirituaes o fizessem um homem desejado de todas... Conversando como sempre, iamos pela rua Conde de Bomfim: elle, torturando-se em seus temores e confiando-me sua angustia; eu, admirando no amigo o ultimo romantico da raça...

A parada do automovel em frente do sanatorio interrompeu o discurso de Medina.

Elisa saltou e entrou correndo no estabelecimento, com a ansiedade desenhada no rosto.

— Tenha calma, senhora — recommendou-lhe um dos medicos, que fôra ao seu encontro — e

(*Conclue na pag. 12*)

R. Roberto Rochaix

A ESPOSA — (conclusão)

não se deixe impressionar muito pelo aspecto de seu esposo. Debaixo das vendas só ha duas feridas.

Apesar da hemorrhagia soffrida, Eduardo quizera esperar de pé sua esposa, afim de attenuar a impressão que esta receberia. Só a enorme força de vontade de que era dotado poude emprestar-lhe animo para caminhar uns passos até a porta da saleta, quando a enfermeira lhe annunciou a presença de Elisa.

— Não te ficarei muito apollineo, querida — disse-lhe, abraçando-a — mas sei que me quererias mesmo que eu me parecesse com um mono.

Elisa chorava desconsoladamente, emquanto Eduardo fazia chistes á custa do accidente e ria do apuro em que um *chauffeur* inhabilitado puzera Medina ao se lhe atravessar no caminho.

— Ora, tolinha! Guarda as lagrimas para quando eu deixar de querer-te, e faze de conta que teu maridinho é um estudante que recebeu duas punhaladas no rosto.

A cada phrase pronunciada pelo ferido, Elisa dominava seu pranto. Mas, de novo rompia em soluços ao ver a cabeça enrolada que tinha junto a seu rosto, e as manchas vermelhas da cambraia, e os dois olhos que espionavam pelos espaços livres deixados por vinte metros de venda envoltos em torno da cabeça.

Durante longo tempo, a esposa pensou na deformidade facial que affectaria o ferido, embora não chegasse a suppôr que fosse tão grande.

O "Meu Deus!" proferido e o movimento que a fez cobrir o rosto com as mãos bastaram para que Eduardo avaliasse a impressão recebida por Elisa ao ver-lhe a cara desfigurada pelas costuras.

No primeiro momento Eduardo sentiu apenas uma inquietação sem grande importancia. Depois, abriu os braços, chamando sua esposa, mas Elisa não teve coragem para procurar consolo no peito do homem a quem adorára durante cinco annos de noivado e um lustro de vida conjugal.

— Eram mentiras tuas promessas, Elisa. Teu amor não podia chegar até minha fealdade? E eu te causo repulsão, horror, agora que estou certo de querer-te somente a ti, e que não poderei dizer a outra mulher as palavras amorosas que te disse a ti. Dize-me: causo-te horror, agora que é absolutamente teu o amor que exaltei em meu ser e defendi de todas as mulheres para que tu o possuisses todo?

Em seu desejo de aproximar-se da mulher por quem quizera o milagre de não ser amado pelas outras mulheres, deu um passo... Mas o contiveram dois braços estendidos em attitude defensiva.

Pedir um phosphoro na rua...

De Stephen Leacock

OS senhores, que me lêem, talvez julguem que conseguir um phosphoro na rua é coisa facil. Quem quer que alguma vez se haja visto nesse caso lhes affirmará o contrario, e confirmará, solennemente, a verdade do que vou relatar.

Encontrava-me em numa esquina, com um cigarro que desejava accender. Não tinha phosphoro, e estava aguardando que passasse algum cavalheiro de bôa apparencia, o que não tardou em occorrer. E eu disse, então, ao transeunte:

— Perdão, cavalheiro: mas poderia ter a amabilidade de dar-me um phosphoro?

— Um phosphoro?! — respondeu elle. — Ora, com muito prazer.

Immediatamente desabotoou o abrigo e submergiu a mão no bolso do palitó.

— Estou certo de que tenho um — continuou. — Juraria que o tinha aqui, no bolso de baixo. Mas não; deve ser no de cima... Espere um momento, vou pôr este embrulho no chão.

— Não, por Deus! Não se incommode mais — disse eu. — Não vale a pena.

— Absolutamente não é incommodo. Um segundo! Hei de encontrál-o. Deve haver cahido nalgum logar...

Remexia o bolso com os dedos. E falava:

— Mas, é claro! Imagine o senhor que este não é o paletó que costumo usar!

Notei que o cavalheiro se irritava.

— Bem, bem, obrigado, de qualquer modo — exclamei eu. — Si esse não é o paletó que o senhor usa geralmente...

— Um momento, um momento — interrompeu elle. — Deve ter-se mettido na tampa do relogio. Si o demonio do alfaiate não houvesse feito uns bolsos tão incommodos!...

Pouco a pouco, o homem se ia excitando terrivelmente, emquanto procurava o phosphoro nos bolsos, apertando os dentes.

— Deve ser cousa do menino — disse, entre dentes. — Si assim fôr, quando chegar em casa, dar-lhe-ei uma bôa licção. Apostaria como se metteu na carteira... Vamos ver? Segure-me o senhor, um momento, o sobretudo, emquanto eu...

— Não, não — resisti. — Não se incommode mais, por favor. Não tire o paletó, eu lhe peço. Não espalhe assim pelo chão suas cartas e papeis. Não arranque os bolsos. Por favor, não faça isso! E' terrivel que se irrite contra um pobre menino. Mas o senhor está rasgando sua roupa!

De repente, o homem, transfigurado, prorompeu em um grito de triumpho e tirou a mão de entre o forro do abrigo.

— Pesquei-o! Aqui está! — exclamou.

E exhibia a presa á luz do dia.

Era uma escova de dentes!

Obedeci a um impulso momentaneo e irreprimivel: dei um empurrão naquelle homem, que cahiu sob as rodas de um omnibus, e fugi dali, correndo, correndo...

Estes instantaneos sairam bons por causa do Film Kodak

Ao rever o seu album de photographias tomadas com a Kodak, não sente V. S. o receio de que talvez o interessante instantaneo de Chiquinho ao banho ou o de Sinhásinha, com a sua boneca, poderiam ter saido velados devido a ligeira imperfeição do film?

Raros são os ensejos que se apresentam de novo e para aproveital-os é preciso conseguil-os quando se offerecem, quaesquer que sejam as condições de luz do momento.

Os factores que em geral se tomam em consideração para o exito das photographias, são a habilidade do amador e a camara que elle maneja. O film, que representa papel de capital importancia para o successo, fica quasi sempre esquecido. No entanto, do film empregado é que depende a certeza intima de que os instantaneos tomados com a sua Kodak serão sempre bons, mesmo sob condições as mais adversas.

A Eastman Kodak Company não poupou gastos nem esforços para aperfeiçoar o seu Film Kodak ao ponto de permittir a qualquer amador tirar optimas photographias. A celeridade com que este film reage á luz, o modo pelo qual corrige os pequenos erros que se pode commetter no tempo da exposição e a absoluta uniformidade de cada rolo, conseguiram captar a merecida fama de que elle góza hoje em dia.

A "caixa amarella," symbolo da segurança, identifica o Film Kodak.

Kodak Brasileira, Ltd., Rua São Pedro, 268, Rio de Janeiro

Saibam todos...

CYRA (Capital) — Quem lê a sua carta cor de barro, — uff! — tem a impressão nitida de que v. ex. não concordou com o estudo que fiz de sua letra. Acha, nas entrelinhas da sua missiva, que não fui verdadeiro na minha definição sobre o seu caracter. E friza, com uma certa ironia, que é a "pequena de alma complicada como um pesadelo, como um plano de estabilização financeira."

E' melhor publicar a sua carta. Lê-a, com todos os seus pontos e virgulas:

"Yves. — Ainda desta vez quem vem aborrecel-o é a Cyra. Você ainda se lembra della? Da pequena da alma complicada como um pesadelo, como um plano de estabilisação financeira... e difficil como dar um tiro na lua... e muitas outras coisas difficeis e complicadas que o pobrezinho do Yves teve de arranjar quando falou sobre a alma duma criaturinha de vinte annos.

— Imagino como estou mal recommendada com você. Pois então, é sem correr risco que se corresponde, usando de tanta bondade, com uma pessôa cuja alma é tal qual "um cipoal, ao escurecer, e onde a gente se perde e embaraça? No entanto, deixe-me dizer, Yves, quem sabe si no fundo, bem lá no fundo de todas aquellas complicações, não terá alguma coisa de bom, de muito bom mesmo?

E é por isso, Yves, que venho ter mais uma vez com você. Hoje, porem, quero pedir-lhe outra coisa que não seja graphologia. Não sei si no "Saibam todos" você poderá satisfazer ao meu pedido. Emfim você resolverá como quizer.

— Yves, você que sabe tanta coisa, deve saber tambem o remedio para uma coisa, uma coisa impossivel. Para uma coisa bôa, que a gente quer, mas já não espera porque sabe que, por culpa da gente não voltará nunca mais.

— Estou pensando que o Yves vae me aconselhar o esquecimento...

Mas, eu li não me lembro onde, nem quando, que o esquecimento é um absurdo: nem vida, nem morte. Que só dois verbos justificam a sua existencia: criar e destruir. Mas que, no esquecimento, não ha, não póde haver nada dessas duas realizações. Ha, apenas, tentativas. Mas a isso, antes a indifferença, antes a apathia, antes a inercia. Um esquecimento tenta-se apenas criar um nada ou destruir um tudo. Esforço que seria ridiculo, se não fosse doloroso.

E então, Yves? Por favor, seja bom e me auxilie: o que me aconselha?

Inverno de 1930.

Cyra".

Ora, si eu nunca tivesse acertado nos meus estudos graphologicos, bastava, para consagrar-me, este trecho de sua missiva, que confirma, admiravelmente, com as suas proprias palavras, a minha observação: "Yves, você que sabe tanta coisa, deve saber tambem o remedio para uma coisa, uma coisa impossivel. Para uma coisa bôa, que a gente quer, mas já não espera porque sabe que, por culpa da gente, não voltará nunca mais."

Ora, será preciso v. ex. complicar mais as coisas e os sentimentos, para demonstrar o emmaranhado de que é feita a sua alma?

Francamente, quem de tal modo justifica a verdade graphologica não tem o direito de suppôr que a graphologia é um perfeito embuste...

Emfim, tudo depende da maior ou menor somma de absurdos de que uma alma é capaz...

CIDA (S. Paulo) — Muito agradecido pela carta que me enviou. Retribúo as suas palavras com o mesmo enthusiasmo. Mas a resposta que me pede está em nosso numero passado (22), de 31 do mez proximo findo.

Não a leu? Que culpa tenho eu? Declarei que estava ás suas ordens. Não possúo o seu endereço nem o seu nome. Como lhe poderia eu escrever?

Penso até que V. Ex. está rindo á minha custa.

ELY (Minas) — Não entendo nada de graphologia. Ou por outra, só entendo della, quando me remuneram para isso. Fazer um estudo graphologico representa tempo, esforço mental, trabalho e livros. O publico suppõe que isso é uma brincadeira.

Pudéra! Os charlatães ahi estão para desmoralizar a sciencia do abbade Michon.

Entretanto, direi que a sua letra é má. Oh! muito!

Quanto ao caso sentimental, eu mal posso comprehender os meus...

CARIOQUINHA (Capital) — O que a sua carta possue de maravilhoso não é a sua nuance prosaica; não é a ausencia do perfume; não é o estylo rococó; não é a intenção de fazer humorismo... funebre; não é, tampouco, o seu mal dissimulado desapontamento com o resultado do exame da sua bella graphia. Não! Não é nada disso! A sua missiva é maravilhosa por aquelle Yvico, que v. ex. chama de suffixo! Suffixo! Minha Nossa Senhora! Essa *Carioquinha* deve receber um premio: — uma caixa de *batatas*... Isso por ter inventado esta coisa mirabolante: — um neologismo, representado por um adjectivo qualificativo, com a funcção de suffixo!

Qual, senhorita Suffixo, o Brasil lhe deve este premio: — uma caixa de *batatinhas*... douradas de pó grammatical, com rodellas de escola primaria.

E eis como se explica a relatividade das coisas: — emquanto v. ex. me chama, ironicamente "sapiens" graphologo," — levantando assim uma duvida sobre os meus conhecimentos graphologicos — eu não tenho vexame em assegurar, absolutamente convicto, que v. ex. é uma dignissima representante das *batatas*... portuguezas...

Gostou?

ONDA (S. Paulo) — A sua carta me commoveu profundamente. Na sua simplicidade, ella revela os lances dramaticos a que póde estar sujeita uma frágil vida de quatorze annos.

Uma bôa mãe que se perde, imprevistamente. Uma revolução que explode. A prisão de dois dias numa trincheira, sob a saraivada das balas. Depois, o encontro com a familia. Um choque immenso. Lagrimas, dôr, a febre, o delirio de quinze dias. O internato. O curso do Destino que se desvia para um rumo diverso.

Isso, contado com essa vibração de alma, esse colorido forte, essa vigorosidade emocional, na rudeza dos factos imprevistos, é, positivamente, um episodio commovente.

Por todas essas razões, modifico o juizo apressado que fiz da sua nobre personalidade.

E creia que é com a maior sympathia que espero o seu retrato e fico ás suas ordens.

ELPAFIDO (S. Paulo) — Recebi a sua carta na qual me promette *Il Esperimento de Pott*, de Pitigrilli. Até agora não ha esse livro aqui no Rio. No original, já se vê.

Si a promessa do sr. se realizar, ficarei muito contente. Mas desejo custear todas as despesas: a acquisição da obra ahi em São Paulo e o porte do correio.

Agradecido pela sua gentileza.

ELZA FERREIRA (Minas) — Os seus versos não podem ser publicados. Mande coisa menos vulgar, e terei muito prazer em attendel-a. Não fique zangada, sim?

DIANA CLEUZA (S. Paulo) — A sua carta é dessas que devem ser publicadas. E' interessante. Vejamol-a:

"Yves. — Você não imagina, ha quanto tempo, tenho vontade de fazer um pedido á você... Mas, receiava uma recusa e receio ainda... Agora, porem, sei que, não sendo attendida, é por uma razão, muito seria... Não é mesmo, Yves, que você só recusa fazer o estudo graphologico, de meninas que têm muitos defeitos?!...

Oh! Yves, que decepção terei, se você não me attender!

Eu, reconheço que possuo defeitos, um tanto graves... mas, penso que não são muitos!... Se a minha lembrança, em escrever á você, me trouxer uma decepção... Não ficarei contra você, Yves, se me disser com franqueza, as minhas más qualidades. Tenho tanta vontade de ser boazinha...! Ser bôa é a salvação das moças feias, não é verdade? Oh! Yves, se eu disser á você, que duvido das minhas bôas qualidades... Acho tantos defeitos em mim... Ás vezes, penso que, disfarçadamente, sou hypocrita, egoista, invejosa, convencida e tantos outros defeitos, encontro na minha humilde pessôa...

Quizera ter só predicados bons e espontaneos....

Mas, se eu fosse um sêr perfeito, não seria amada... Uma mulher *perfeita* sem defeitos, seria, uma grande estupidez... Seria aborrecida e nos faria sentir um grande tédio...

Yves, você faz meu estudo graphologico? Se eu fôr attendida, responda para — Diana Cleuza, sim?

Sua amiguinha."

Ora, o mais que lhe posso dizer, é que v. ex. acertou: — a sua letra não revela bôas coisas.

E só. Só, porque agora eu me defendo: a minha graphologia é remunerada.

ANGINHO LOURO (Capital) — Não sei a que carta se refere.

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Quanto a collaboração póde enviar-me a que quizer. Não será prohibida de fazel-o. Nem por sonho!

L. L. (R. G. do Sul) — Não posso fazer o estudo da sua letra. Quanto a fornecer-lhe titulos de romances é outra empreza difficil. Livro é coisa que só se indica, depois que se conhece o espirito e mentalidade da pessôa que os pede. Ha jovens a quem se aconselha Zola ou Eça de Queiroz; ha outras que exigem *A Imitação de Christo*; e ha uma classe de senhoritas a quem só se póde dar a *Doceira nacional*...

Como vê, a indicação é delicada. Exige habilidade. Sobretudo, conhecimento da pessôa com quem se trata...

MABALE (Bahia) — A sua collaboração não serve para o FON - FON. Desculpe a franqueza.

NEZ (S. Paulo) — Meu caro, não é só o sr. que se recorda de mim nas horas de aperto. São muitos. E eu, por minha vez, me sinto contente em poder ser util aos que recorrem á minha pessôa. Mas, desta vez, estou na sua situação: dependo de estranhos. E, francamente, cheguei á conclusão de que, sendo pouco util aos outros, sou, mesmo assim, de uma grande presteza, quando se trata de fazer favores.

Quem m'os faça, eu não encontro nunca; encontro quem m'os peça.

Portanto, nada sei dizer sobre o novo romance de Pitigrilli. Ainda o não consegui.

O sr. escreve: "Gli apontamenti de Pott?" Por que? Deve ser: "Il esperimento de Pott". Foi assim que escreveu um meu amigo que se acha na Italia. E elle é italiano.

Quem estará com a razão?

DLÉO (Curityba) — Infelizmente não entendo de graphologia. E' claro que não posso attender o seu pedido.

MANOEL COSTA S. (S. Paulo) — Dirige-me o sr. a seguinte carta — dactylographada:

"Illmo. sr. Yves. — Muita saúde. — Antes de tudo desejo dizer-lhe que não sou poéta. Me parece, somente que sou um pouco. tanto assim é que fiz estes versos que lhe tomo a liberdade de enviar pedindo-lhe publicar no FON - FON si fôr possivel. Mais si não fôr possivel publicar esses versos, lhe peço o grande obsequio de me dizer num cartãosinho para São Paulo, á rua..., o qual é os defeitos que elles tenham.

Sem mais, motivo, me confessando antecipadamente agradecido pelo encommodo que te estou a dar, subscrevo-me sempre ás ordens, — de v. s. muito amigo obrigado e creado."

Resposta:

1.º — Como vê, fui discreto. Publiquei a sua carta, mas tive o cuidado de supprimir o seu endereço.

2.º — O sr. diz que não é poeta, e declara, adeante, "que, lhe parece" que o é, um pouco. Talvez o sr. seja poeta, mesmo um pouco. Prosador — é que não. A prova é que não sabe escrever uma carta. E possue uma orthographia que vale uma groza de palmatoadas.

3.º — Appliquemos ao caso a psychanalyse. Ou o sr. é o autor da carta e não dos versos, ou é autor destes e não daquella.

Das duas coisas a um tempo não é possivel.

4.º — Conforme a sua resposta, attenderei o seu pedido. Está entendido?

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sòmente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

GRAPHOLOGIA. — Condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1º — *Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 61

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON - FON — 14-6-930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

A mulher e o telephone automatico

Por WALFREDO MACHADO

Uma mulher bonita é como um monophone de luxo: sente-se ao vê-la uma attracção doida de fallar-lhe e de ouvir-lhe a voz.

* * *

Toda mulher tem os seus pontos certos e sensiveis para se lhe tocar no coração. O automatico tem os seus numeros certos que, "discados", vão tilintar a campainha do apparelho desejado.

* * *

Uma mulher sozinha fala por si e por meio mundo. O telephone fala apenas pela voz dos outros: sabe ser compenetradamente automato.

* * *

Os cinco sentidos na mulher são como os cinco numeros de um telephonema. O controle de numeros dá ligação perfeita, mas se ha controle de sentidos não se faz a ligação.

* * *

Como ha tres classes de mulheres: solteira, casada e viuva, ha tambem tres moldes de telephones: portatil, de mesa e de parede.

* * *

Para descobrir-se os pontos certos e sensiveis da mulher ausculta-se-lhe, discreta e intelligentemente, a alma. Para evitar-se enganos no "discar", cau[illegible]ta-se, cuidadosa e abertamente, a Lista de Assignantes.

* * *

Uma mulher teimosa é como um disco de automatico: por mais que a giremos até o eixo do bom senso, ella sempre volta ao seu primitivo logar que é o seu capricho.

* * *

O automatico é um allivio para as ciumentas. Os namorados lhes falam sem escalar noutra vez feminina.

* * *

A mulher prende o homem pela luz do seu olhar; A ligação automatica se faz através a linha luminosa dos seus numeros.

* * *

O verbo "discar" é "unipessoal". Eu "disco", tu "discas", e nunca nós "discamos". Pois si no disco só cabe um dedo...

* * *

Um beijo pelo telephone é como o estalido secco de uma bala de assucar que entra pelo nosso ouvido e se dissolve na bocca.

Um conto muito brasileiro

EDMOND DE THAIS

O nosso jantar transcorrera, como sempre, em meio de profundo silencio. Eramos seis á mesa: a dona da casa- viuva respeitavel, de seus cincoenta annos; a mãe da dona da casa, velha resequida e surda; a irmã da dona da casa, quarentona carunchosa, cujos olhares frequentes e cubiçosos, a mim dirigidos, começavam já a ter influencia em meu appetite; o filho da viuva, estudante de preparatorios, com ademanes feminis; meu companheiro de trabalho e eu.

Sós na cidade de Recife, encontrámo-nos um dia, eu e o Alvaro, um grande esquisitão, installados nessa casa, como pensionistas, graças á indicação dum collega que se apiedara das nossas desventuras em pensões.

Não fossem as constantes recordações da viuva, que teimava em falar, no fim de quatro annos de viuvez, em seu defunto querido, em salientar insistentemente as suas qualidades, e a nossa felicidade seria completa; tinhamos que mostrar um ar compungido, interessando-nos pelo finado, e as nossas refeições perdiam, assim, o seu valor, com esse cheiro a cemiterio que as empestava sempre.

Depois do jantar, invariavelmente, palestravamos algum tempo, antes de sahirmos para o nosso passeio; e nesse dia, rondando como se achava sempre, a conversa descambou para o assumpto intoleravel de almas do outro mundo.

E' conversa desagradavel, essa! Por mais scepticos que sejamos, sempre uma impressão má ella nos causa.

O Alvaro sahiu para a sua entrevista de toda noite, e eu, fatigado pelo muito trabalho do dia, subi ao meu quarto, entretive-me uma hora com a leitura de revistas e, desligando a luz, deitei-me.

Não sei quanto tempo dormi. Já pela madrugada, despertei, sentindo em volta de mim uma sensação estranha de algo anormal.

Eu sempre dormi dum só folego e muito trabalho mesmo dou para que me despertem. Tenue claridade penetrava em meu quarto; algumas sombras dançavam lugubremente pelas paredes; uma camisa, no cabide de centro, pendurada miraculosamente, baloiçava-se preguiçosamente, e me fez lembrar, não sei porque, os colleios duma serpente.

O somno invadiu-me novamente, e eu saboreava já o prazer inestimavel de continuar a dormir, quando senti a minha colcha puxada mansamente.

Um arrepio mortal percorreu-me a espinha e enregelou-me.

Immovel, olhos cerrados, senti-me presa dum medo indescriptivel e céleres, me accorreram a lembrança da nossa conversa do jantar, as minhas fanfarronadas de coragem e desafio. as idéas que sempre tivera sobre o tão pranteado morto, o quanto o havia detestado, etc.

A minha colcha correu mais ainda, e novas sacudidelas senti.

Tentei uma reacção, mas a minha vontade foi impotente sobre meus musculos; um suor frio e pegajoso dava-me a sensação da morte. Quiz fazer um movimento com meu braço direito, esconder sob o travesseiro a minha mão, que se achava fora da cama, e não o consegui. E senti a horrorosa impressão de ter a minha mão mordida... Cortava como certa essa dentada fatal... E já me via, dias depois, sem mão, impossibilitado de trabalhar. Um invalido!...

E tudo porque falara mal dum morto.

Horrivel! Em meu soccorro experimentei uma protecçãosinha do defunto, que, mentalmente, tanto ironizára. E disse-lhe, em pensamento, que, si o offendera ás vezes, não o fizera sinceramente. Quizera mostrar apenas, ao meu companheiro, idéas superiores sobre a morte, pôr-me acima do temor geral pelo Além... Mas... eu sabia que as minhas idéas eram idiotas; elle não se devia zangar á tôa, elle, um ente que fôra tão superior em tudo, não devia dar attenção ao que podia falar um rapaz desmiolado como eu... Mas, mesmo que o tivessem magoado as minhas zombarias, para compensar, devia olhar para o que eu fazia pela sua viuva. Tão boa senhora! A's refeições sempre me esforcei por comer muito, de todos os pratos, só para lhe agradar. Pagava-lhe pontualmente. Tinha grande sympathia por sua cunhada. Apreciava immenso a todos. Mas, outro palmo de colcha se foi, e com elle a minha paciencia tambem. Sim. Eu creio firmemente, agora, que, quando não se morre logo, o medo esgota a nossa paciencia, por mais apavorados que estejamos.

Reagi valentemente e, como uma mola, consegui sentar-me na cama. Abri os olhos. Nada vi. Passei os olhos esbugalhados pelo quarto; apenas notei que a porta estava entreaberta, mas, num relampago, lembrei-me que não a fechara. A minha camisa, mais esverdeada ainda, continuava equilibrando-se num braço do cabide.

E um sorriso amarello de pretenso valor ia já aflorar em meus labios, quando senti, mais uma vez, a minha colcha ceder. Era demais. Num esforço sobrehumano, atirei-me para fora da cama, estarrecido, e vi o gato de estimação da dona da casa, cynicamente, num passo meudo e rapido, atravessar o quarto e desapparecer pela porta entreaberta... □ —

Que significam estas marcas

O que nem todos sabem

Segundo uma theoria medica recentemente emittida, o figado é o culpado pela tuberculose. A missão desse orgam não se limita exclusivamente a segregar bilis. Como é preciso que do estudo dos males saia o remedio, se pensou em curar tão terrivel enfermidade dando figado aos enfermos. Algumas experiencias nesse sentido deram bom resultado, sem que, entretanto, nada se possa affirmar em definitivo sobre o importante assumpto.

•

Os negros da Guiné costumam pescar empregando para isso as telas de uma aranha especial daquella região. E' de suppôr que a resistencia do tecido que para caçar insectos constróe a aranha em questão, e que o indigena lhe rouba para suas rêdes de pesca, seja superior ao que estamos habituados a imaginar de tão subtis obras de arte.

O pombo-correio é um producto moderno. A primeira vez que appareceram pombos-correios, diremos officialmente, foi em 1870, quando os allemães sitiaram Paris. Entre o governo que se havia trasladado da capital e o interior da França se estabeleceu um rapidissimo systema de communicações confiado aos pombos. Um bom pombo-correio percorre 82.800 metros por hora.

•

As guarnições e objectos de metal permanecem sem empannar pondo-se junto delles um pedacinho de camphora.

Quasi todos os ursos têm a ponta do pé completamente pellada. O urso polar, entretanto, é uma excepção, porque conta abundante pêllo no logar indicado. E si assim não fosse, não poderia caminhar pelo gêlo sem escorregar a cada passa.

•

Certos animaes podem viver muitos annos sob o aspecto de somno. Em 1845, Lubbock encontrou, durante uma expedição ao Egypto, um caracol que, depois de cinco annos de permanencia entre os crystaes de uma vitrina do Museu Britannico, deu mostras de vida.

•

Devido á intensidade da navegação, o oceano Atlantico Septentrional tem população mais densa que o deserto de Sahára, o de Kobi e outras regiões de terra firme.

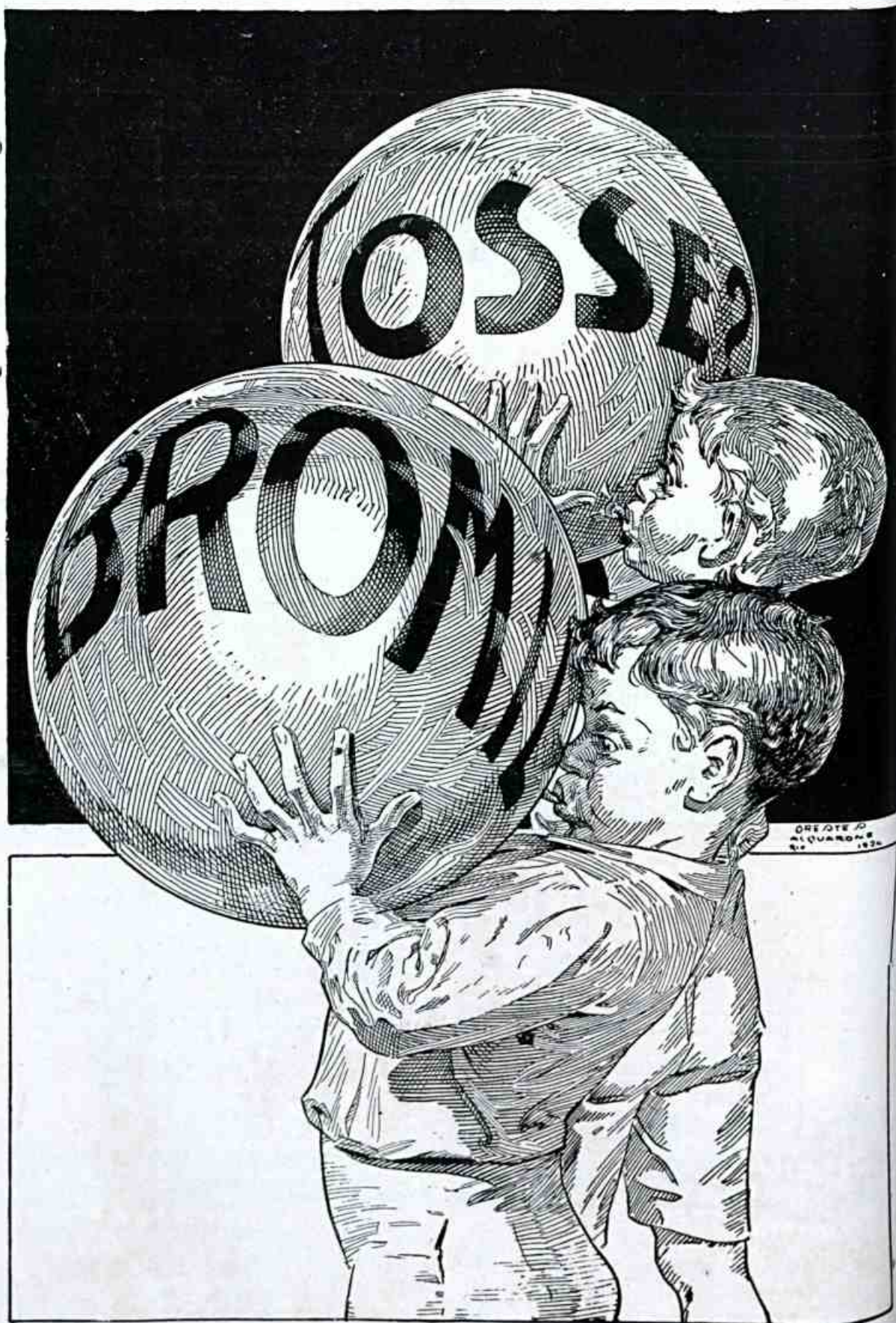
Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

LEANDRO MARTINS e CIA
DECORAÇÕES - MOVEIS
ARCHITECTURA
RUA DO OUVIDOR 93-95
TEL. RIO 4-3600
R.
H.

TOSSE?
BROM

ANNO XXIV

FON-FON

NUMERO 24

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 14 de Junho de 1930

Roupas... peccaminosas

A humanidade começa a despir-se, a voltar á indumentaria "simplificada" dos tempos primitivos. Essa lenta, mas decisiva victoria do nú, na civilização contemporanea, vem sendo proclamada, de modo alviçareiro e enthusiastico, pelos que, por motivos de alta hygiene moral e physica, ou por méro prazer epicurista, buscam fazer reviver, em pleno seculo vinte, o esplendor magnifico da casta nudez paradisiaca.

São os Adões modernos, adeptos da sã doutrina da "vida integral", os que vêm diffundindo pelo mundo afóra o crédo do nudismo como propiciatorio da reintegração do homem ás forças mysteriosas e occultas da natureza, de que a civilização tanto o tem afastado.

Aliás, essa salutar, mas quasi sádica, propaganda do nú tem sua profunda razão de ser: attende a uma reclamação, a uma exigencia de forças instinctivas, de tendencias ancestraes, que se agitam e turbilhonam no fundo sombrio do sub-consciente, regendo a vida, condicionando-a ás suas fórmas mais primitivas, num intenso e tyrannico trabalho de regressão ás suas fontes primitivas.

O homem, porem, com a civilização, começou a falsear a vida, mutilando-a aqui e ali, esquecido de que a "vida integral" era la vie en naturc, a vida vivida... nuamente, ao sol, au grand air.

A nudez foi, a pouco e pouco, sendo velada com as "roupagens... peccaminosas" que os seus pioneiros de hoje tanto condemnam, por isso que ella, quando pura, é essencialmente casta.

De facto: o primeiro peccado surgiu, na terra, com o primeiro gesto de pudor... no homem e de simples coquetterie... na mulher.

E para que o nú volte á sua primitiva expressão de pureza e castidade, permittindo á humanidade de hoje o pleno gozo da "vida integral", é que se veem creando no mundo culto verdadeiras colonias paradisiacas, onde as "roupas peccaminosas" com que cobrimos nossos corpos já não exercem sua nefasta influencia "provocante e tentadora"...

Retour á la naturc ou simples prurido de exhibicionismo pagão, de licenciosidade mundana, o nudismo ganha terreno e, em Paris, numa ilha do Sena, resurge, escandalosamente encantador, ante os olhos deslumbrados de *tout le monde*, o lendario paraiso perdido.

O peor, porem, é que, na França, o nudismo vem sendo um tanto desvirtuado na sua verdadeira finalidade e entra na ordem de preoccupações da vida futil do *grand monde* parisiense, como uma pratica *chic*, *raffinée*, *exquise*, e como tal acceita e adoptada por grande numero de suas damas elegantes.

E — segundo informam os jornaes — já se cogita de uma modificação nas leis francezas afim de evitar que os senhores maridos, por demais zelosos do corpo de suas queridas mulheres, possam appellar para o divorcio só porque ellas, de vez em vez, se entreguem ao delicioso sport do nú em pello nesses suggestivos recantos paradisiacos, que vêm surgindo pelo mundo afóra.

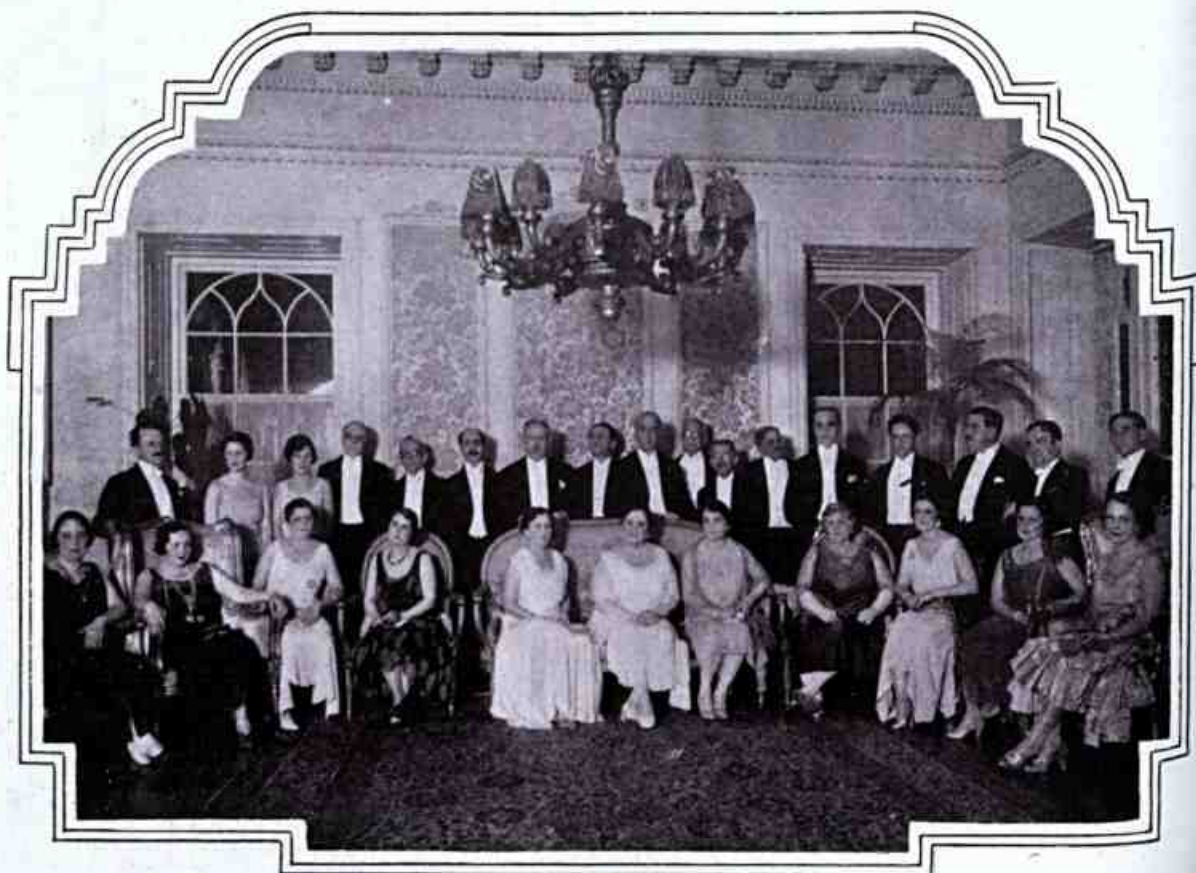
Madame, *en chemise*, já é uma coisa banal demais — convenham os senhores maridos. Madame, ostentando apenas a classica folha de parra, essa, sim — *La Femme Nue* — é que será a Eva triumphal deste seculo em que a audacia dos aviões se casa á bruta e arrogante altaneria dos arranhacéos.

Assim, a gosto ou contragosto, o Adão moderno terá de ingressar novamente no paraiso perdido.

Resta, porem, saber com que fruta, desta vez, Eva o tentará... Porque a antiga, a velha maçã do peccado original, já entrou no regimen das gulozeimas triviaes, e perde, dia a dia, mais, o seu delicioso sabor de "fructo prohibido"...

ELCIAS LOPES

Gustavo Barrozo e a presidencia da Academia de Letras

Com a ausencia do dr. Aloysio de Castro, presidente da Academia de Letras, que partiu ha dias para a Europa, foi acclamado para substituil-o o nosso prezado companheiro e director-litterario, doutor Gustavo Barrozo, membro daquella douta aggremiação. A escolha dos academicos, recahindo sobre Gustavo Barrozo, veio patentear, mais uma vez, os merecimentos do nosso illustre collega, que, justamente, desfructa a mais larga nomeada nas letras do paiz. Autor de uma obra de grande vulto, onde explora todas as modalidades do intellectualismo brasileiro, indo do trabalho de creação ao de caracter historico e especulativo, como o folk-lore comparado, Gustavo Barrozo é um nome de projecção luminosa, que bem evidencia as energias mentaes da nossa raça, notadamente as que derivam do espirito novo do Brasil.

O dr. Aloysio de Castro, director do Departamento Nacional do Ensino, foi, com sua exma. senhora, expressivamente homenageado, quarta-feira penultima, na séde da embaixada argentina, onde o sr. embaixador e a senhora embaixatriz Mora y Araujo offereceram um banquete em honra do presidente da Academia de Letras, amigo particular daquelle diplomata. Tomaram parte nesse agape, além dos homenageados e offertantes, os academicos Miguel Couto, Gustavo Barrozo, Fernando de Magalhães, Afranio Peixoto, Olegario Marianno, Luis Carlos, Felix Pacheco, Augusto de Lima, Ataulpho de Paiva, Coelho Netto, Roquette Pinto e Medeiros e Albuquerque; as senhoras Miguel Couto, Gustavo Barrozo, Fernando de Magalhães, Afranio Peixoto, Olegario Marianno, Luis Carlos, Felix Pacheco e Augusto de Lima; o commandante José M. Gugliotti, addido naval da embaixada argentina, e senhora, e as senhoritas Lola Mora y Araujo e Ignez Pacheco.

"Paiz das pedras verdes"

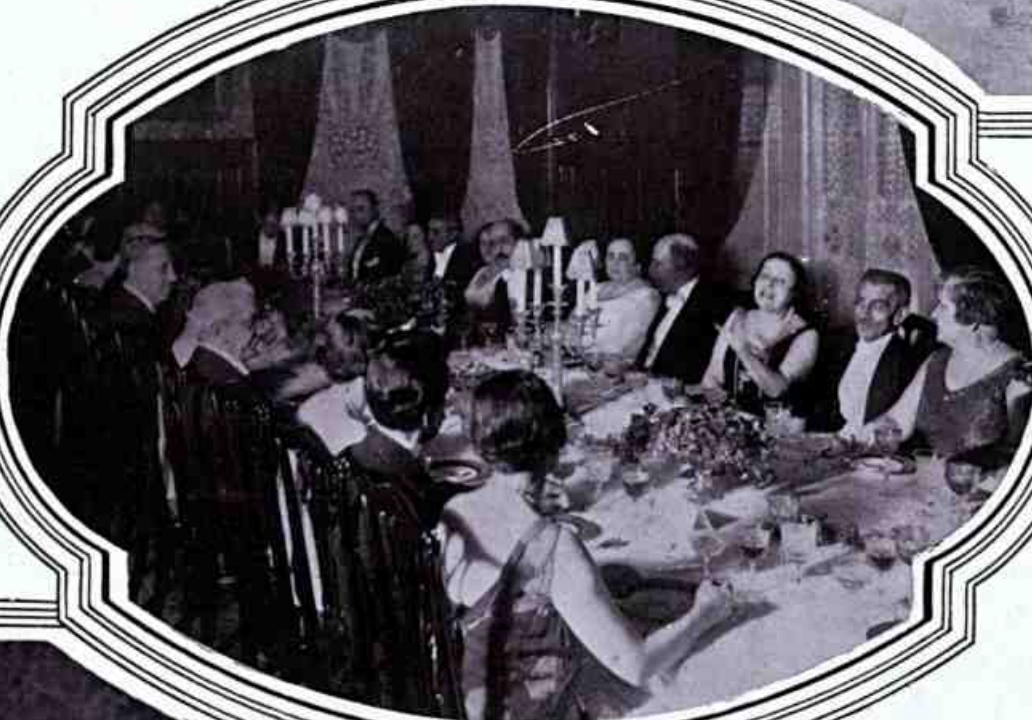
Raymundo Moraes, o brilhante e suggestivo escriptor da Amazonia grandiosa, acaba de publicar um novo livro — *Paiz das Pedras Verdes*, que se affirmou como um verdadeiro successo de livraria. Obra de arte, obra de erudição — *Paiz das Pedras Verdes* é, tambem, uma obra de alto patriotismo.

O autor de *Na planicie amazonica*, é, sem favor, um dos mais scintillantes espiritos que hoje se entregam, com devotamento, á obra de desvendar a Amazonia, na sua magnifica e admiravel "realidade", aos olhos do mundo. E, no seu estylo forte, colorido, de uma grande potencialidade evocativa, elle nos faz ver, deslumbrados, o que é a immensa planicie ás vezes tão injustamente malsinada, e, sobretudo, tão pouco verdadeiramente conhecida.

Raymundo Moraes, em *Paiz das Pedras Verdes*, diz-nos, constantemente, o que é a Amazonia — a "grande terra, matriarcha, fecunda, prodiga, agasalhadora".

FILIGRANAS

Eclats de saphyr et de diamant,
Etoiles, je fus longtemps votre
l'amant!

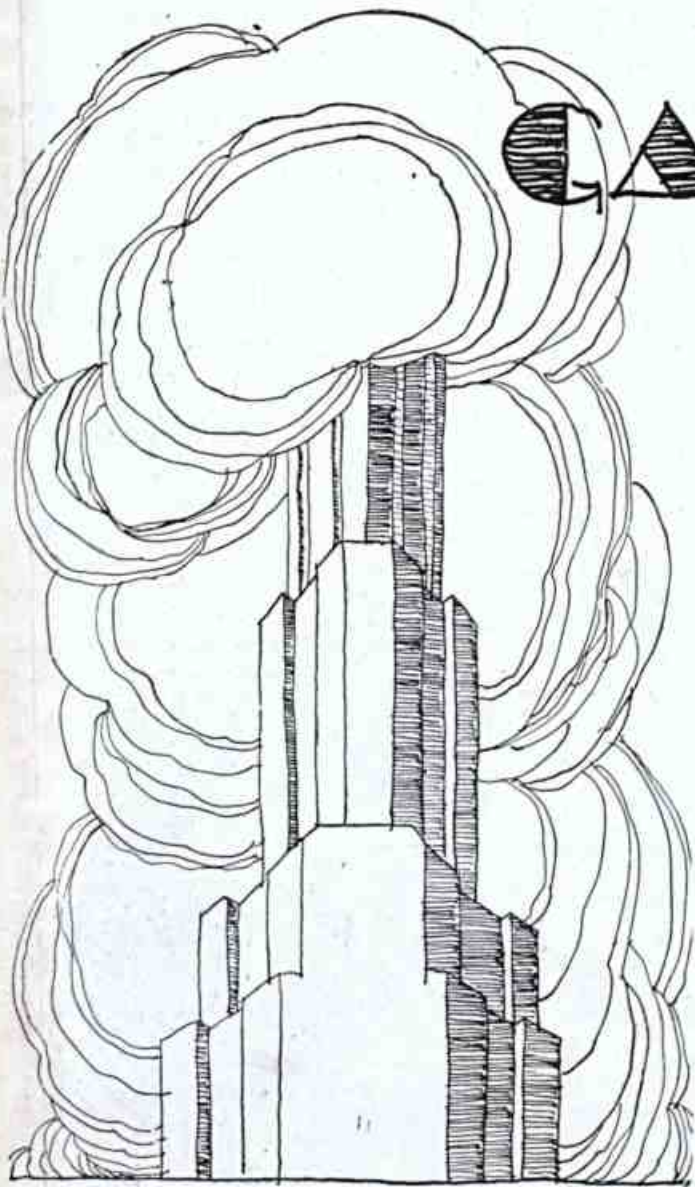
exclamou o poeta. Eu, apesar de caminhar já para o outro lado da vida, aindo o sou. Meus olhos fixam uma tranquillidade deliciosa, meu espirito repousa e se alga na contemplação da paysagem sideral. No negro manto immento de tercio-pelo negro, os pingos de luz palpitam como joias. Ergo a cabeça para o céo nocturno e fico embebido no magnetismo que escorre dos altos lumes mysteriosos. Estrellas, como vos amo por me fazerdes esquecer a vida...

Tres detalhes do banquete que o sr. embaixador da Republica Argentina e a exma. sra. Mora y Araujo offereceram, quarta-feira penultima, em honra do casal Aloysio de Castro. Em cima, o embaixador Mora y Araujo proferindo o discurso de saudação aos homenageados. Ao centro, a mesa do banquete. Em baixo, o dr. Aloysio de Castro agradecendo a homenagem.

EPIGRAMMAS

Os homens julgam sempre que vão fazer alguma coisa enormemente má contra seus inimigos. Mas, chegado o momento, os homens perversos são, em verdade, tão raros como os homens realmente bons.

•

A bocca e o espirito de um homem podem permanecer igualmente fechados pelo facto de conhecer a fundo o assumpto como pelo facto de nada saber sobre elle.

Bernard Shaw.

GARÔA...

Chronica equatorial

NO tombadilho vae uma algazarra, que faz a gente pensar numa gaiola cheia de papagaios e araras.

E vae o mesmo fallatorio nos salões e nos corredores do navio. Hoje passámos a linha do equador. E todo esse barulho faz parte dos preparativos da festa que se vae realizar hoje á noite.

Os penteadores não têm mãos a medir. Para o baile a fantasia improvisam-se costumes e uns passageiros emprestam a outros enfeites, flores, armas e até roupas, para que a illusão seja mais completa.

Depois a noite chega. O salão de jantar, transformado numa noite veneziana, está lindamente guarnecido de lanternas e lampadas coloridas, e grinaldas de papel de varias côres cahem do tecto sobre as mesas, tambem bizarramente enfeitadas.

Ha uma "*table de la jeunesse*", onde tomam logar os rapazes e moças que ainda não... se amarraram... Quasi todos fantasiados. A senhorita Laura Arann, elegantissima no seu vestido azul-celeste de *dama veneziana*; Amanda Redaelli, muito graciosa no seu costume *russo*; os rapazes Lucas Mattos e André Arreniz, dois *arabes* morenos; Nina Aguirre, uma *gitana* que deu sorte; Chiquita Aguirre, uma *bonequinha* linda; Maria Aguirre, muito bonita no seu *pyjama* de sêda branca; Carlota Shaer e Cecilia Fallet, de *russas*; Alexandre Scharf, o rapaz mais alto de bordo, deu nos um *conde* distinctissimo; Blanca Pedernera, desenvolta num traje de *banhista*; Carlos Barraza e José Fozo, dois cosinheiros da... pontinha; Ernesto Iraigis, *sport*, e German Naveira, *cossaco*; Walter Wranz, *marinheiro*, e Isidoor Fomatti *aviador*.

Vieram tambem os srs. dr. Raul Fuster, de *pirata*, e Guilherme Thompson, de *Maradjah* e as senhoritas Clara Badeki, num elegante traje *futurista* e Maria Jachini, de *japoneza*, muito graciosa. Sem esquecer Lyse Blumenschein, fantasiada de *Pirata do mar*, armada até os dentes e que logo ficou dominando o navio...

Quando vae em meio o jantar, surge o emissario de Neptuno, acolytado pelo seu secretario, que traz a agua lustral para o baptismo dos que, pela primeira vez, atravessam a linha que separa o velho do novo mundo.

Após a cerimonia, que é acompanhada de palmas e vivas, jogam-se serpentinas, as balas de estalo, com suas surpresas, misturam o seu barulho com os apitos e a gritaria quasi infernal, que a gente parece estar num grande hotel, em noite de *reveillon*, ou antes, de carnaval.

Antes da sobremesa, o salão todo fica ás escuras e os *garçons*, enfileirados, fazem a sua entrada, carregando sobremesas luminosas, em formatos artisticos, e são acompanhados da charanga de bordo, que vae tocando musicas alegres desse lindo paiz onde o Rheno lendario passa cantando... Desse paiz onde o vinho faz cantar e as cantigas fazem a gente ficar triste... Cantigas do Rheno, que Heinrich Heine immortalizou com a sua *Loreley* e que tantos outros poetas têm cantado em estrophes immortaes.

A festa dessa noite termina num baile no salão nobre, mas, em todas as dependencias do navio, reina grande animação.

* * *

Sobre o mar, de um azul profundo, a lua cheia estende a sua tunica de prata e todo elle scintilla na claridade eburnea dessa noite tropical.

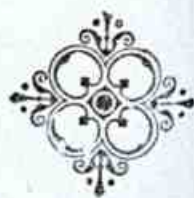
Deixando aquella alegria ruidosa, meus passos me levam á ponta extrema dessa embarcação que vae singrando o oceano rumo á Europa.

Esse lindo luar, que vem do Infinito para o Infinito, enche minha alma de uma grande e profunda nostalgia, e, com a clarividencia estranha da saudade, vejo, sob a luz do luar, lá longe, no cáes de uma linda terra, que eu levo no coração, um lenço me acenando... Um lenço dizendo-me adeus. E eu esqueço a festa equatorial, esqueço tudo o que me cerca, e a minha bemdita fantasia me leva para aquella bonita cidade engaroada, que ficou, lá longe, tão longe, que lá não chega o grito angustioso da minha saudade.

COLOMBINA.

Não foi surpresa a escolha de d. Sebastião Leme para o cardinalato do Rio de Janeiro. Com o desapparecimento do cardeal Arcoverde, era mesmo de esperar que fosse confiado, a s. ex. revdma. d. Sebastião Leme, o chapéo cardinalicio. Com esse acto do Vaticano não é, porém, apenas a Egreja Catholica Brasileira que se sente honrada e prestigiada, mas todo o Brasil, que vê na figura daquelle dignitario da religião de Christo um exemplo vivo das mais sãs e preciosas virtudes. D. Sebastião Leme, que, de certo, saberá continuar a obra do piedoso antistite que o precedera, parte hoje, a bordo do «Duilio», para a Italia, afim de receber, no proximo consistorio de Roma, as insignias cardinalicias.

FILIGRANAS

Todos os que conhecem o interior do Brasil sabem que, ao pé das cruzes com que se assignala, á margem dos caminhos, o lugar onde foi morto um individuo, a devoção dos passantes começa a elevar monticulos de pedras. Cada uma vale por uma oração em intenção do defunto. O sertanejo reza e lança uma pedra ao pé da cruz tosca. E' um dos ritos mais velhos do mundo. As tribus da Africa incluem-no nas ordenanças divinas. Todos os povos europeus o praticaram. Os phenicios consagravam esses seixos a Melkarth. Nada o esqueciam os quichuás e aymorés do Perú, dedicando-os a Pachacamac, creador do universo e dando-lhes o nome de apachtetas. A devoção dos transeuntes transformava ás vezes esses montões de pedras em collinas...

Quarta - feira penultima, em commemoração ao 19.º anniversario da sagração episcopal de s. ex. revma. o arcebispo d. Sebastião Leme, foi celebrado solenne pontifical na Cathedral Metropolitana, a que assistiram o cabido, revestido de suas insignias, representantes de todas as ordens terceiras, irmandades e demais corporações religiosas desta cidade, bem como membros do clero regular e secular, pessoas gradas, etc.

FILIGRANAS

Os romanos eram um povo em extremo supersticioso. Em todo o imperio se vivia a vêr prodigios e augurios em toda a parte. E ha livros que os registraram para conhecimento da gente de hoje.

Entre elles, um dos mais communs era, sem duvida, as gallinhas virarem gallos dum momento para outro. Com o feminismo moderno, nos nossos dias apressados, isso é tão commum, que se não liga mais a menor importancia. A gente ri.... e passa adeante....

O mundo catholico nacional continúa a prestar a d. Sebastião Leme as mais expressivas e carinhosas demonstrações do seu jubilo pela escolha do nome do eminente arcebispo do Rio de Janeiro para ser o novo cardeal brasileiro. Figura de destacado relevo no clero nacional, d. Sebastião Leme, pelas suas credenciaes de cultura e de devotamento á causa da Egreja Catholica, como pelas suas altas virtudes pessoaes, era, de facto, o nome naturalmente indicado para ser o successor do querido e saudoso d. Joaquim Arcoverde no cardinalato com que o Santo Padre distingue e honra o Brasil. Dahi a espontaneidade das homenagens de justo e legitimo regosijo que têm sido prestadas ao novo principe da Egreja, que breve receberá a purpura cardinalicia. D. Sebastião Leme apparece, nas gravuras desta pagina, entre os membros do clero que foram cumprimental-o no palacio archiepiscopal.

UM VERSO DE DANTE

O dr. Nestor Lobo Leal, um dos novos medicos diplomados pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e que acaba de defender brilhantemente a sua these de doutoramento, intitulada: «Contribuição ao estudo das luxações do estragalo». Trata-se de um trabalho interessantissimo, approvado com distincção, e que mereceu amplos elogios da banca examinadora. O dr. Lobo Leal é natural do Estado do Espirito Santo.

(Annunciato Photo)

Eu lêra, lentamente, o ultimo canto do Paraiso e, após ter dito *a mim proprio, a meia voz, o der*radeiro verso: — L'amore qui muove il sole e l'altre stelle, *fiquei longamente immovel, a scis*mar. *Senti quão longe, na esphera* infinita das idéas, *o poeta me con*duzia com essas simples, inspiradas palavras. O amor que move o sol e as estrellas, o amor que move o universo todo — isso é um pensamento tão grande e tão antigo como o proprio mundo. Poderemos facilmente encontral-o nas mais velhas e obscuras theogonias primitivas.

Da ganga bruta, do cascalho vetusto das religiões asiaticas, depurado pela intelligencia, elle já se manifesta como oiro puro na famosa theogonia de Hesiodo. O velho poeta argivo conta que, entre a grandeza immensa de Urano, o céo, e a extensão formidavel de Géa, a terra, após a noite do Cháos, surgiu Eros, o amor, fecundando tudo. E o amor, assim, deu origem a todas as formas do Universo.

O derradeiro verso do poema divino do Dante suggere mil cogitações. Lembra que o culto do lingam, da fecundidade, foi o culto inicial, a religião basica dos povos mais antigos, delle decorrendo tudo mais, a propria poesia da vida.

O alto pensamento de Dante é tão velho quanto a humanidade.

Antes delle lhe dar sua forma italiana pura, antes de moldal-o nos seus tercetos sublimes, já o haviam cantado os aedos hellenos, já o haviam condensado em gâthas, em versiculos dogmaticos, os brahmanes e já o tinham gravado á face do granito os esculptores egypcios.

Por essa profundeza humana, por esse cunho de generalidade verdadeiramente genial, é que os tercetos do Alighieri serão eternos como a memoria das religiões orientaes e os entulhados monumentos theocraticos do Egypto.

Recem-formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o dr. Humberto César acaba de installar em São Paulo um moderno consultorio com apparelhagem completa de Raios X para diagnostico e therapia profunda. O dr. Humberto César exerceu durante algum tempo a sua especialidade nesta capital, tendo sido assistente de varios estabelecimentos hospitalares.

(Annunciato Photo)

ra de sacudir o coração, não opta por coisa alguma.

As festas de arte são reuniões onde a gente se entedia, — deante do cabotinismo ambiente. Lá está o mundo artistico e letrado. Mas como os typos irritam a nossa sensibilidade, com a sua vaidade!

Os chás dansantes.

— Muito prazer em conhecel-o, pessoalmente. Já o conhecia de nome

— Obrigado.

Pausa.

— A senhorita é intellectual?

— Não. Amo as letras.

E por ahi afóra a gente vae.

Nos primeiros cinco minutos, o homem diz blagues, paradoxos, phrases de effeito. Si ella o entende — é um encanto. Si não, é uma estopada. Dahi a momento, o mais que o homem pode fazer, é sorrir. Sorrir artificialmente. Porque — é bom notar — quando o cavalheiro diz aquellas phrases de effeito, é porque já dançou com a joven tres ou cinco vezes. E é impossivel que elle não as tenha excedido... A gaucherie é inevitavel. De parte a parte...

Excluidos aquelles passatempos, á hora mais triste para o homem que escreve em revista, resta apenas a entrevista.

Mas uma entrevista é uma coisa que desola. Si a creatura é linda está o homem de muito bom partido. E elle? Tel-a-á agradado? Eis a questão.

Si ella é feia, a hora triste, que era azul, se torna então, mais sombria. — acinzentada.

E o homem que escreve em revista tem assim, de qualquer modo, "a hora mais triste", ao entardecer, de um lindo dia de sabbado...

Uma mulher commum...

— A minha opinião a seu respeito?

— Sim.

— Ora! Acho que você é muito intelligente. E' a mais intelligente das que conheço.

A formosa escriptora retrucou num tom de ironia e desconcertamento:

— Ha uma peça de Géraldy em que uma dama faz essa pergunta a um escriptor, e este lhe responde do mesmo modo que você. Então a dama replica, ironicamente: "Certamente você só conhece moças de poucas luzes. Entre ellas serei a mais intelligente."

Ri-me, e rebati:

— Si você não fosse intelligente, eu não gostaria de você...

Ella ficou lisonjeada e esclareceu:

— Mas peço a sua opinião sobre a mulher que sou.

— E' muito preconceitualista. De resto, raciocina demais, quando ama.

Ella olhou-me fixamente, com aquelle seu ar de moça intelligente, mas um tanto ingenua.

— Então, quando se ama, não se deve raciocinar?

— Não!

— Ora essa!

— Não! — repeti com firmeza. Porque, si formos pensar nas alegrias do amor, segundo a bôa logica, estaremos certos de que nelle tudo são crimes e peccados.

— Mas o casamento?

— O casamento legaliza situações. Confere e assegura direitos. Mas para as almas virgens, o matrimonio não exclúe o pudor que a idéa do peccado suggere.

Ella pensou:

— A these é muito delicada, não acha?

— Por isso, o melhor é cada um amar como sabe. E como entende...

— E como póde — ajuntou ella.

— Uma mulher intelligente, e mesmo as que não o são, sempre podem amar.

— A's vezes é impossivel amar como queremos.

— O impossivel é uma palavra que se emprega para justificar, commumente, o nosso desinteresse por alguma coisa.

— Você é terrivel.

— E você é uma mulher como as outras. Possue todos os defeitos e qualidades das suas irmãs de sexo.

A joven intelligente amuou-se.

Belleza, graça e elegancia. Ellas são «a alma encantadora das ruas»...

POEMA DO NOSSO AMOR...

O nosso amor, querida, é como um poema de Tagore: simples, bom, harmonioso e enternecido. Nasceu docemente, sem que eu e você o percebessemos. Não foi preciso que os nossos olhos se encontrassem num desses trivialissimos enlevos luminosos com que todos os namorados romantizam o prólogo da sua paixão. Não foi preciso que, depois, as nossas mãos sentissem o calor nervoso e inquieto dos primeiros contactos amorosos. Não foi preciso, emfim, que os nossos lábios machucassem a volúpia ingênua dos primeiros beijos...

O nosso amor nasceu como um canto de ave: sonoro, mas invisivelmente. E é por isso que elle é simples, e enche de tanta suavidade e de tanta doçura os nossos corações. Os nossos corações que se comprehenderam sem aquella introducção banal de todos os amores de todos os séculos.

Longe um do outro, nós nos quizemos como dois venturosos retardatarios da illusão. Romanticamente. Você, admirando o meu pobre espirito sem brilho. Eu, adorando a sua ternura e venerando o seu soffrimento de mulher. E nós dois, felizes, comprehendendo-nos mutuamente e mutuamente amando-nos. E nós dois, encantados, sentindo um pelo outro essa attracção irresistivel que nos abriu a porta verde da esperança... Também, os seus olhos, querida, illuminavam, da distancia, com a esmeralda rútila da sua melancólica doçura, a estrada invisivel que me conduzia até você. E eu não via os seus olhos verdes. E você não via os meus olhos negros como a noite. Mas adivinhavamos o que elles, reciprocamente, se diziam e se promettiam...

Quando nos conhecemos melhor, já nos amavamos assim como nos amamos. As nossas affinidades sentimentaes aproximaram as nossas almas e glorificaram o nosso amor. E eu sentia, com você, a força mysteriosa que unia os nossos pensamentos num mesmo desejo de felicidade.

A nossa desillusão e a nossa angustia eram idênticas, como identica era a nossa desolada melancolia. Tudo tão parecido em nós, e nós tão longe um do outro... Tão longe, que nem os nossos olhos, nem as nossas mãos, nem os nossos lábios podiam tocar-se...

E nos gostámos, apesar disso. Ou talvez por isso...

Hoje, que nos conhecemos melhor, já nos sentimos mais proximos, materialmente, e, materialmente, mais identificados com o nosso amor. Entretanto, temos medo de banalizar este affecto que nasceu das affinidades do coração e do espirito.

O nosso amor, querida, é como um poema de Tagore: simples, bom, harmonioso e enternecido. Não teve o prelúdio dos triviaes amores do mundo. Mas ha de ter o epilogo de todos os amores feitos de sinceridade e de ternura...

Inaugurou-se no ultimo sabbado, na Bibliotheca Nacional, a Exposição Allemã de Livros e Artes Graphicas, que foi organizada sob o patrocinio do sr. ministro da Justiça e do ministro das Relações Exteriores da Allemanha. A cerimonia realizou-se com a presença dos srs. ministros Vianna do Castello e Victor Konder e outras autoridades brasileiras, e do ministro plenipotenciario da Allemanha, sr. Hubert Knipping, além de outras pessoas gradas. As photographias desta pagina fixam dois aspectos da solennidade inaugural da Exposição Allemã de Livros e Artes Graphicas.

"A loucura sentimental..."

E' o novo romance, a apparecer ainda este mez, que Benjamin Costallat offerece á curiosidade insaciavel e ao bom gosto dos leitores de todo o Brasil. Annunciar um novo livro de Costallat, o escriptor magnifico de "Gurya" e de tantos livros de emoção e de belleza, é dar parabens ao publico, que sempre faz justiça aos que a merecem sem eiva de mystificação ou de engodo. E tanto mais justas, e bem lançadas são essas alvicaras, quanto é certo que se attribuem á nova obra de Costallat meritos maiores do que os das anteriores, que tão fartos delles eram, como o attestam quantos as tenham lido com a intelligencia e com o coração. Por tudo isso, é facil imaginar a ansiedade com que já espera, a esta hora, o novo romance, todo o Brasil culto e ledor.

Destinos eguaes

Lola Kreip

EU não gosto das rosas. Não gosto dessas flores de petalas de porcelana e perfume de sonho, que, em geral, são o encanto de toda a mulher moça e bonita...

Não gosto das rosas. Porque ellas me fazem lembrar o meu proprio destino de mulher... Belleza de um dia... Perfume que se acaba... Frescura que não volta mais...

A rosa inebria, captiva, prende, quando tem nas petalas todo o viço e todo o garbo da belleza. Ha quem resista ao encanto envolvente de uma rosa de petalas levemente coloridas, assim como uma face envergonhada de donzella, que ouve pela primeira vez uma declaração de amôr, de onde se evola um perfume tão suave e magico como o encantado aroma de jardins de sonho? A rosa bonita e fresca é como a mulher, a quem a vida ainda não marcou de rugas o rosto bello e que tem a envolvel-a o perfume sensual e enlouquecedor de gloriosa mocidade... Perigosa. De um perigo subtil, a que se não resiste... Que prende e captiva. Encanta e seduz.

A mulher joven e formosa é como a rosa de petalas macias e perfumadas. Tem o iman da fascinação. Tem o poder de exaltar o espirito e os sentidos... Toda uma vida que, inconsciente e fascinada, se entrega ao seu encanto dominador... Pode derrubar um mundo, ao sabor do seu capricho. Porque ninguem resiste a uma formosa mulher em plena floração. Ella é como a rosa fresca. Tambem encanta e seduz. E poderá alguem sentir-se attrahido por uma rosa murcha e sem côr, de petalas cahidas, tombada como uma vencida sobre o caule verde, musgo? Não. Uma rosa murcha não inspira amor e sim piedade. Piedade pelo seu antigo destino glorioso, pela sua morta belleza soberba... Assim é a mulher. Quem será capaz de amar uma mulher velha e feia? De rosto encarquilhado e pernas tremulas, olhos fundos, onde o amor não canta mais os cantos gloriosos da exaltação e do desejo? Ninguem... O amor quer mocidade, ardentia, belleza e frescura!

E' por isso que eu não gosto das rosas. Porque ellas, inconscientemente, me fazem lembrar o meu proprio destino de mulher... A hora ephemera da belleza... Do prazer e do amor... E a velhice e o cansaço que virão, a matar a ultima chamma de esperança que ainda se tente erguer, da velha fogueira apagada do coração...

Como o destino das rosas é bem igual ao das mulheres!

A estação que morreu...

(PARA O FON-FON)

De BERILO NEVES

A luz tenue do luar, que embalsamava a cidade como numa grande tunica de prata imponderavel, eu vi a estação que morreu, grande e fria, com o seu corpo de aço todo inerte, perdida a corrente electrica que era a sua vida e a sua utilidade, no mundo...

* * *

Era uma immensa parede metallica, cheia de lampadas que accendiam e apagavam como as estrellas no céo... Cada uma daquellas lampadas era um desejo, uma aspiração, ou uma impaciencia... Por isso, ellas accendiam, a cada momento, como accendem, na nossa alma, os sonhos de amor e as esperanças de alegria. Mas, nem sempre, era possivel attender a todos, simultaneamente, e, então, lá, muito em cima, para que todo o mundo visse, apparecia uma luz vermelha, que era a da angustia extrema e do extremo desespero...

* * *

De repente, todas aquellas lampadas se apagaram, mesmo a dos desesperados... Cortaram-se os cabos de aço que as prendiam aos mil tentaculos anonymos dos telephones da cidade. Foi como si todas as vozes de um orgão de egreja se calassem de repente, num mesmo e infinito silencio... As constellações de lampadas perderam-se na immobilidade estupida de seus vidros sem alma... Já não eram mais estrellas: eram simples tumulos de vidro... E as telephonistas que as attendiam, ligando as impaciencias de uns a outras impaciencias e desejos, deixaram o grande quadro metallico que não era, então, mais do que o arcaboiço inutil de uma estação que para sempre morrera...

* * *

Martins Capistrano tambem viu morrer a velha estação telephonica do Ipanema. E na sua alma, feita para o amor e para a arte, houve a subita emoção de um final triste: uma flor que o vento arranca, uma bocca que se contrae no ultimo espasmo do soffrimento, ou uma lagrima que se disfarça, tremula, sob a noite profunda de uma palpebra de mulher...

* * *

As civilizações edificam-se sobre tumulos e a Humanidade marcha através de cadaveres de sonhos e de ideaes... O Progresso, como um pelicano apocalyptico, devora-se a si mesmo e rasga as proprias entranhas com o seu grande bico de aço...

* * *

O seculo XX tem o corpo de cimento armado e os nervos, de fios de cobre... Já não se ouvirá, dentro em breve, a pergunta sacramental que era a nota humana do telephone: "*numero, faz favor?*". Ouviremos, apenas, rumores surdos de fios que procuram outros fios no labyrintho terrivel de uma estação automatica. A alma do Universo é a Mecanica, e o seu esqueleto, de aço frio e bruto...

* * *

Tambem o amor, um dia, será um phenomeno puramente mecanico. Os corações ligar-se-ão entre si, automaticamente, e já não haverá alguma voz humana a perguntar, com carinho, sem ciumes, quasi: "Numero, faz favor?".

* * *

O fio é, muitas vezes, uma realidade ligando duas illusões...

* * *

O metal vive a vida do som que transmitte. Um fio mudo é o tumulo insensivel de mil vozes que morreram...

* * *

Afinal, para que indagar de quem é a voz que nos fala? Os sonhos não têm corpo — podem ser som, perfume, sentimento ou sombra...

* * *

Uma estação automatica é a imagem do Mundo, tal como o creou a civilização das usinas de altos fornos e de fundições de ferro. E' um emmaranhado de fios que se prendem, entrecruzam e mutuamente envolvem, fazendo girarem discos de metal, que circumscrevem, emfim, a nossa vida e o nosso sonho... E todos nós marcharemos para o Incognoscivel, rodando e soffrendo, como a mola obscura de uma engrenagem eterna que o Destino manobra silenciosamente, automaticamente, á distancia...

A CARTA ANONYMA

CONTO DE MARTINS CAPISTRANO

HEITOR esfregou os olhos, angustiosamente. Não queria acreditar no que acabára de ler. Aquella carta miseravel, que lhe chegára ás mãos no silencio da manhã de sol, vinha destruir cinco annos de felicidade, vividos dentro da magnifica illusão que agora lhe fugia. A verdade é que era uma carta anonyma. E as cartas anonymas são documentos apócryphos, que não merecem confiança alguma. Representam, apenas, a coragem dos covardes.

Mas estava em jogo, acima de tudo, a sua honra de homem de bem, que uma simples carta anonyma podia, pelo menos, abalar. Estava em jogo o seu nome tão considerado, tão immensamente acima de qualquer suspeita.

E, depois do que lêra, como havia de ficar tranquillo, si o fantasma da duvida, insidiosamente, já começava a torturar-lhe o espirito? Elle, propriamente, vacillava em acreditar que Lucinda o enganasse. Sua esposa fôra, sempre, tão carinhosa e tão bôa... Em um lustro feliz de vida conjugal, ella revelára, dia a dia, na serena e doce intimidade do lar, qualidades que conquistaram ainda mais o amoroso coração de Heitor.

E tudo, agora, subitamente, desmoronado! As suas illusões, a sua confiança, o seu amor, a sua ventura de cinco annos...

Lucinda dormia ainda nos seus aposentos, e Heitor teve impetos de ir despertál-a para a dolorosa confissão. Conteve-se, porém. E esperou, inquieto e afflicto, que a companheira descêsse para o café matinal. Havia de surprehender-lhe a culpa nos olhos negros. Havia de lêr-lhe o remorso no rosto moreno. E, desorientado talvez, castigal-a-ia ali mesmo, dentro do grande silencio luminoso da manhã...

*

Honorina, a criada, veiu avisar que a patrôa acordára indisposta, e que, por isso, não podia descer.

— E quer que o patrão mande chamar o medico — accrescentou.

Heitor, apesar de tudo, queria loucamente a sua mulher. E ficou logo alarmado deante da inquietante noticia. Subiu, rápido, aos aposentos de Lucinda. A esposa estava febril. Tinha a physionomia taciturna e pallida. As palpebras cahidas. A cabeça, mollemente, reclinada sobre o travesseiro. O marido, solicito, desolado, aproximou-se do leito da enferma. Esqueceu a carta anonyma, e perguntou, com uma voz estranha, uma voz amarga, uma voz que não era a sua:

— Estás passando mal, Lucinda? Que sentes?

Ella abriu, languidamente, os olhos. Fitou-o tristemente. E respondeu:

— Uma afflicção horrivel, acompanhada de uma fórte dôr de cabeça. Não posso mais, Heitor... Chama depressa o medico!

— Elle já deve vir ahi. Tranquilliza-te. Não é nada.

*

A criada annunciou que o medico havia chegado. Heitor foi recebêl-o.

— Minha senhora enfermou subitamente, doutor. E está muito nervosa.

Subiram o marido e o medico. A enferma foi examinada. Escrupulosa, demoradamente. O seu estado não era bom. Temperatura alta. Diagnostico: congestão pulmonar.

— Ella precisa de um tratamento decisivo e urgente — disse o medico a Heitor, quando já se achavam em baixo. — E' bastante grave o seu estado. Mas é possivel que o seu organismo ainda moço, embora não seja fórte, resista ao ataque.

Heitor ficou alarmado. Pela primeira vez, depois que se casára, se via deante de um caso grave no lar.

— E a causa, doutor? — perguntou ao medico.

— Não é possivel, por emquanto, sabêl-a ao certo. Mas, talvez um regimen demasiado rigoroso para emmagrecer. As damas de hoje sacrificam a saúde em beneficio da elegancia. E' um mal. Um grande mal. E um habito, ou, digamos, uma imprudencia, que traz, sempre, consequencias bem lamentaveis e, ás vezes, até fataes. Vamos ver, entretanto, o que poderemos fazer.

Escreveu a receita inicial, recommendou absoluto repouso á enferma, e accrescentou:

— Sobretudo, é necessario evitar-lhe qualquer contrariedade, que poderia trazer-lhe a morte.

Disse isso, e sahiu.

*

Heitor ficou só, no gabinete. Eram oito horas. A manhã de outomno sorria, lá fóra, luminosamente, sob o sol de maio. Os primeiros rumores do dia quebravam o silencio do bairro quieto. Vibrava na rua a cantilena monotona dos vendedores ambulantes. O sino da egreja proxima derramava no ar, melancolicamente, a sua sonoridade de bronze.

— A carta anonyma estava ainda ali, perto dos olhos de Heitor. Parecia rir da sua grande angustia. E parecia, tambem, dizer-lhe, na sua fatidica mudez: "E ainda duvidas que ella te engane? E ainda hesitas entre a honra e a piedade? Não tens a vingança em tuas mãos? Por que não a executas. Por que não apagas, de uma vez, a mancha que só se lava com o sabão da morte?"

Com a receita na mão, Heitor contemplava o papel trágico e amarello da carta que recebêra áquella manhã. Quiz lêl-a de novo. Tomou-a tremulamente. Tremulamente desdobrou-a. E as letras delatoras dançavam-lhe, tremulamente, nos olhos. Só um periodo lhe pareceu claro, fixo, tremendo, doloroso. Era aquelle que denunciava: ..."e, esquecida dos seus deveres de esposa e de tudo o que lhe tens dado, ella ainda zomba da tua confiança, enganando-te com o teu melhor amigo"...

O melhor amigo de Heitor era, exactamente, aquelle que mais lhe frequentava a casa: era Fernando Moura, de cuja intimidade com sua esposa nunca poderia suspeitar.

Aquillo o desorientava, torturando-lhe as fibras mais sensiveis. Mas, como poderia ter a certeza, si não possuia uma prova, que lhe désse, pelo menos, o direito e o consolo de vingar-se?

Entretanto, a carta, a maldita carta, ali estava, a desafiar a sua duvida.

E Heitor, vencido, afinal, pela tentação daquella folha de papel sem assignatura, resolveu pôr em pratica a sua vingança.

Subiu ao seu quarto. Vestiu-se. Foi elle mesmo á pharmacia. A enfermidade de Lucinda vinha favorecêl-o naquelle sinistro plano. E a receita do medico seria a sua grande collaboradora involuntária. Mandou aviál-a. Depois, comprou um pouco de arsénico, com um pretexto qualquer. Trouxe tudo para casa. Encerrou-se no seu gabinete. Fez a operação chimica que lhe aconselhára o cérebro allucinado: misturou o arsénico com a poção da receita...

*

Lucinda recebeu-o com um olhar de amargura infinita. Mas elle não se commoveu deante daquella supplica silenciosa de mulher. O espectro da carta anonyma estava ali, sinistramente, a instigál-o. Heitor não mais vacillou.

— Aqui tens o remedio. — disse. — Deves tomar uma colher de hora em hora, conforme a receita. Assim, dentro em pouco, estarás curada.

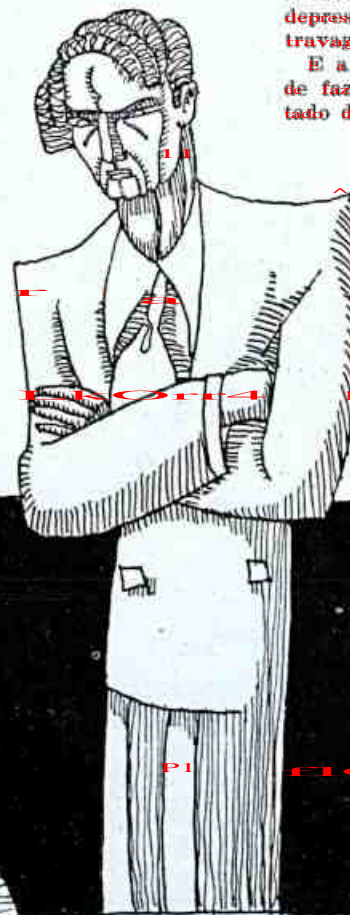
E deu-lhe a primeira colherada. Lucinda sorveu o liquido com a docilidade do enfermo que quer ficar bom. E agradeceu com um sorriso a solicitude do esposo...

O dia todo elle esteve ali, á sua cabeceira. Envenenando-a lentamente, de hora em hora...

A' tarde, aggravou-se o estado de Lucinda. Foi novamente chamado o medico. Mas, quando este chegou, a pobre senhora agonizava.

— Eu já previa esse desenlace — declarou o esculápio. — No seu caso, a salvação é difficil. A morte veiu, porém, muito depressa. Talvez alguma extravagancia...

E a unica cousa que poude fazer foi passar o attestado de obito. Segundo elle, Lucinda fallecêra de *pneumonia aguda*.

Entretanto, só Heitor, guardando o segredo da sua terrivel vingança, sabia a verdadeira causa da morte de sua esposa...

MARCELLO ROBERTO

Balcão Florido

ROSAS DE TODO O ANNO

Minha grande e generosa amiga. — Não sei porque estranha coincidencia você teve a lembrança de escrever-me nessa folha de papel verde-cinza, que tão bem condiz com o estado de minha alma. Nessa tonalidade de folha secca, minha querida amiga, tenho os olhos fixos, perplexos, como se minha retina, cansada de distender-se sobre o verde luxuriante das florestas, que já não alcança, buscasse um pouco de repouso na paz, na serenidade das coisas que emmurcheceram com o tempo ou pelo soffrimento.

E, na sua carta, sempre encantadora e cheia de optimismo, as palavras, generosissimas, que o seu coração amigo perfumava, a diffundir em derredor da minha solidão a myrrha e o incenso da sua bondade, vinham até mim como o éco longinquo de uma voz, de um clamor do passado, de um passado que, ainda de hontem, já parecia mais velho do que eu proprio.

Sorri, benevola e confortadoramente, quando acabei de ler sua carta, e quasi me vieram as lagrimas aos olhos quando você, carinhosamente, me perguntou se já aprendi a arte de ser feliz, eu que tinha sido uma especie de "Semeador de felicidade na vida."

Sei quanto você é minha amiga e quanto é franca, para pôr em duvida a sinceridade de seu interesse pela minha felicidade. Não lhe faria nunca a injuria de duvidar da sua estima, — da sua affeição — a unica, talvez, que, até hoje, ainda me não faltou.

E, por isso mesmo, é que sorri, com verdadeiro prazer, porque, deante desta folha de papel, verde-cinza, rescendendo a perfume de folhas seccas, vim a comprehender que sou... feliz...

O crepusculo, minha querida amiga, desce, lá fóra, sobre as coisas, envolvendo-as na quieta suavidade de suas sombras. E desce tambem sobre mim, doce, consoladoramente.

Que importa esta lagrima que me vem do coração aos olhos e, esmaecendo o verde de minhas pupillas, lhes imprime a côr verde-cinza do papel de sua carta?

Hoje, agora, neste momento, é que comprehendo que nunca fui tão infeliz como suppunha. Sua carta, sua constante e solicita amizade, suas palavras ungidas de bondade — tudo isso me fez sentir e comprehender que o homem, quando ainda tem uma affeição na vida, nunca deverá commetter a blasphemia de julgar-se para sempre desventurado. Porque um sorriso de felicidade — um sorriso doce, suave e mesmo triste — ainda lhe resta, para sua consolação.

E só hoje, envolvido pelas sombras deste crepusculo que desce sobre as coisas e sobre mim, é que comprehendi que ainda sou feliz, porque vivo da felicidade de me ter contentado com a minha propria desventura. Não é uma renuncia, isso, creia. E' a felicidade, a estranha felicidade da resignação, bem maior e mais consoladora e mais nobre e leal do que a verdadeira felicidade — sempre tão fugidia, falaz e illusoria. Adeus, e muito obrigado pela sua linda e commovedora carta verde-cinza, cheirando a folha secca, que tanta paz e serenidade derramou no ambiente da minha inquietação, dessa inquietação, dessa ansia de sol em festa que eu perseguia, louca e vãmente, quando a minha felicidade era uma felicidade crepuscular, feita de quietude, de paz, de azas recolhidas de andorinhas cansadas, tontas ainda da saudade das grandes distancias que vieram de vencer, para se recolherem ao velho campanario amigo, tão cheio dos écos do sino de seu coração...." — HELIANTHO

(Photo De los Rios)

Mlle. Carmen Miranda não é, apenas, com o seu sorriso luminoso, uma figurinha leve, attrahente e encantadora dos salões cariocas. E', tambem, uma artista. E uma artista que está no coração do povo, pois que é a interprete das suas canções, dos motivos populares que ella nos revive através do seu verso expressivo e da sua musica de sabor genuinamente carioca. No proximo dia 19, Mlle. Carmen Miranda realizará um recital de canções populares no theatro Lyrico.

A nova sede do Atlantico Club, cujos trabalhos de installação acabam de ser concluidos, foi, ha dias, festivamente entregue aos associados daquelle gremio elegante de Copacabana. Como pretexto para essa solemnidade, e em regosijo pela inauguração do novo serviço de telephones automaticos da estação 7, a directoria do Atlantico, com o concurso do director de Publicidade da Companhia Telephonica Brasileira, organizou a «Hora Automatica», interessante recital de musica e canto, em que tomaram parte, entre outros, a applaudida cantora regionalista senhorita Carmen Miranda e os escriptores Paulo de Magalhães e Walfredo Machado.

NOTAS DE ARTE

MARYLA GREMO — Sol nascente da choreigraphia classica, a senhorita Maryla Gremo illuminou a sala do Municipal na tarde do ultimo sabbado, com a radiosa plastica do seu lindo corpo de deusa, vivendo inesquecíveis momentos de arte, ao dançar as musicas de: Poppy — *Suite Ballet*; Mozart — *O Pagem*; Grieg — *Primavera*; Rachmaninoff — *Escrava*; Chopin — *Valsa brilhante*; Clementi — *F a c e i r i c e*; Schumann — *No Bosque*; Kreisler — *Chinoiserie*; Strauss — *Valsa do Danubio*; *Dança popular polonesa*.

Foi dos mais lindos e elevados espectaculos a que temos assistido, onde a nudez e a castidade se harmonizaram para o esplendor da arte; milagre que só realizam verdadeiramente as almas dotadas de real genio artistico. Em geral, por mais que o qualifiquem de casto, o nú fica sempre mais ou menos sensual e impudico.

Maryla Gremo é uma estreante, mas a sua estréa promette-lhe perlustrar talvez a mesma carreira de gloria das Isadora e das Pavlova. Tem ainda muito a fazer para conseguir empolgar como empolgavam Isadora e Pavlova, duas maravilhas de arte, que parece irradiavam sons dos proprios gestos, eram capazes de dançar sem musica e não obstante musicalizar o ambiente só com as suas attitudes e meneios.

Mas será exagero dizer que mesmo essa maravilha se poderia vislumbrar num dos numeros executados por Maryla Gremo? Cremos que não. A *Escrava*, de Rachmaninoff, viveu a joven artista com tal perfeição, que a plastica se fez musica; ouviram-se as mutações da physionomia, os movimentos dos membros, as attitudes do corpo; tudo cantou tragicamente as torturas da artista encarnando a victima da escravidão.

E *O Pagem* e *No Bosque* e a *Faceirice* e a *Chinoiserie*, foram outros tantos primores em que a dançarina traduziu com grande poder communicativo todas as bellezas sonoras. Havia uma absoluta afinação entre as notas e as attitudes e os gestos, revelando não só o talento natural, mas tambem o estudo apurado da artista. A dança não era apenas imagem approximada, mas reproducção exacta e minuciosa da musica.

Toda essa admiravel perfeição observámos em quasi todos os numeros. Um só não nos agradou como os outros nos agradaram. Foi a *Valsa* de Chopin. Pareceu-nos que a composição do mestre polonez devia ter outra interpretação. As *Valsas* de Chopin evocam bailes da côrte, saraus da nobreza e não festas campestres ou maritimas. E a radiosa bailarina nos appareceu como uma nympha a dançar na orla de um bosque, ou nas margens de um rio, lembrando dryades e naiades em vez de marquezas e condessas. Entretanto, dada a indeterminação da linguagem musical, é possivel tenha a artista assim comprehendido a obra chopiniana, e nesse caso só nos resta applaudir mais um primor de belleza com que nos deliciou o espirito e a vista.

Outra valsa do programma deu-nos impressão opposta: foi a *Valsa* de Strauss. Essa, muito nos emocionou. O espectador, deliciado, vae-se subjectivamente, sentindo-se arrebatado pela magia dos passos aereos da bailarina, que mal tocava o solo e parecia antes voar que dançar.

Ao bello espectaculo não faltaram nem a concorrencia, que se pode dizer grande, dada a natureza e a hora da festa, nem os applausos ruidosos e incessantes. Um dos numeros foi mesmo bisado, á vista da insistencia reiterada dos espectadores: *Chinoiserie*, de Kreisler.

Maryla Gremo pode contar como um grande triumpho a sua estréa no Municipal. Com muita juventude e muito talento, e com a technica que já revela, não será difficil attingir um dia os mais altos cimos da arte.

ANTONIETTA RUDGE MILLER — Entre as mais notaveis pianistas brasileiras, figura, sem favor, a sra. Antonietta

EDMÉA MONTANARI

Vamos nos deliciar, novamente, com o reapparecimento da notavel cantora *Edméa Montanari*. Agora, que regressa da *Republica Argentina*, victoriosa no "Colon" de *Buenos Aires*, onde encarnou divinamente *Madame Butterfly*, *Carmen* e a *Mimi da Bohemia*, — vae, com a sua optima voz de soprano, tomar parte no concerto de *Corbiniano Villaça* no dia 21 do corrente.

Um dos nossos melhores, mais autorizados criticos musicaes, referindo-se a *Edméa Montanari* ao interpretar o papel da noiva abandonada por *D. José* na "*Carmen*" — disse:

— "*Hontem*, Carmen, *deveria se ter chamado* Micaela".

De facto, a interpretação de *Edméa Montanari* esteve numa altura difficilmente attingida, e nunca ultrapassada.

Edméa Montanari far-se-á ouvir tambem, em data proxima em um concerto unicamente seu em que interpretará varias operas, do optimo repertorio. — H. de I.

Rudge Miller. Pertence á divina trindade: Antonietta, Guiomar e Magdalena. Todas grandes, mas todas differentes. Têm apenas em commum a grandeza do genio pianistico. Magdalena, Magdalena Tagliaferro avulta pela distincção, pela elegancia, pela aristocracia do toque; é a mais impressionista. Guiomar, Guiomar Novaes Pinto sobresae pela força communicativa da sensibilidade; é a mais sentimental, a mais romantica. Antonietta, Antonietta Rudge Miller, distingue-se pela perfeição, por assim dizer absoluta, da sua technica, pela incomparavel fidelidade com que exprime todos os matizes das musicas que interpreta; é a mais perfeita.

E' de Antonietta que hoje se vae occupar o chronista, registando o extraordinario exito da vesperal do ultimo domingo, no theatro Lyrico, em que a grande musa do teclado nos brindou com este programma: I) Rameau — *Gavotta*; Scarlatti — *Sonata em dó maior*; Bach-Busoni — *Preludio e fuga em ré maior*. II) Chopin — *Barcarola*, *Estudo n. 5*, *Preludio n. 24*, *Berceuse*, *Scherzo n. 3*. III) Villa-Lobos — *Alegria na horta*; Prokoffiew — *Preludio*; Ravel — *Alborada del Gracioso*; Wagner-Liszt — *A morte de Isolda*.

Tocando classicos, romanticos e modernos, em todos revelou Antonietta não só a serena sensibilidade, que a distingue e que ás vezes pode parecer frieza, mas, sobretudo, a invulgar sabedoria da sua technica. Prova exuberante de quanto sabe sentir, tivemol-a na *Berceuse* de Chopin, que o publico applaudiu delirantemente e queria bisar, mas não foi ouvido. Da perfeição da sua technica tudo foram exemplos, desde a *Gavotta* de Rameau até *A morte de Isolda*, de Wagner-Liszt.

Entretanto, parece-nos que, entre tantos primores o que nos pareceu mais primoroso: a interpretação do

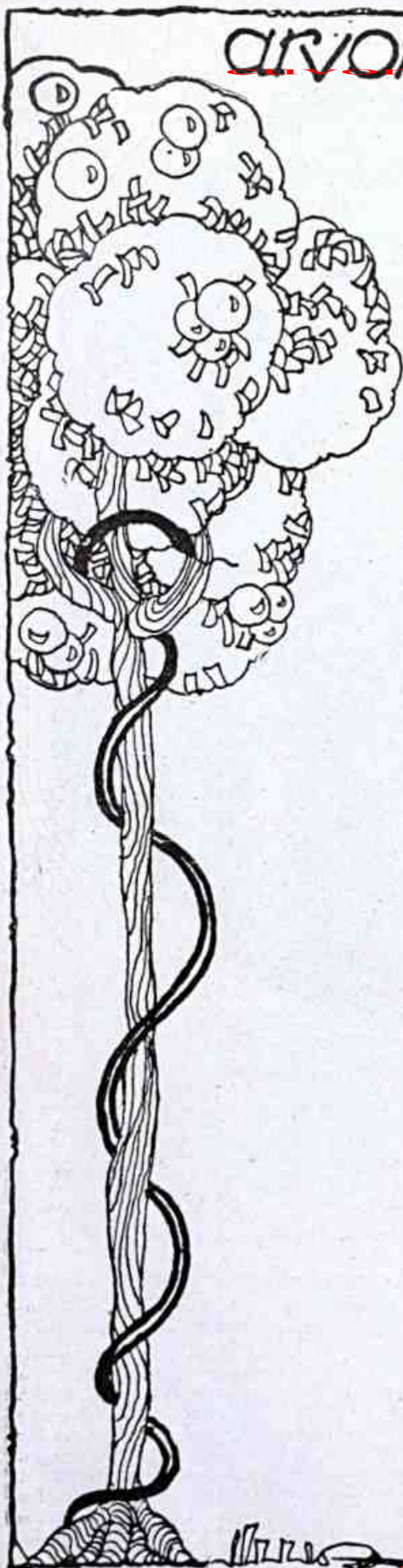
INNOCENCIA DA ROCHA

Innocencia, a impressionante e "unica" Innocencia da Rocha, o "raio de sól" como a chamavam na Italia de D'Annunzio, — vae, finalmente, fazer-se ouvir na proxima quarta-feira, 25. Seu concerto realizar-se-á ás 17 horas daquelle dia, no Theatro Lyrico. Não será preciso mais uma vez lembrar, aqui, o que dissemos dessa perturbadora creatura, pianista nascida para a conquista dos mais difficeis laureis da Arte e da Belleza. Innocencia é a mais pura affirmação de que a esthesia errante do mundo pode se corporificar, transubstanciando-se em graça e em rythmo... — H. de I.

Preludio e fuga em ré maior, de Bach-Busoni. Todas as difficuldades e todas as bellezas technicas da peça assignalou-as a pianista com tão assombrosa perfeição no todo e nas minucias, que sentimentalizou a famosa peça, mesmo para os ouvidos menos familiarizados com as emoções musicaes. Parece impossivel interpretal-a melhor.

Além dos numeros do programma, deu-nos ainda a pianista o prazer altamente espiritual de ouvil-a na *Gavota* de Beethoven, numa *Mazurka* e num *Preludio* de Chopin, numa *Melodia* de Gluck-Sgambatti, em *Sur la route* de Wilmann, e em *El puerto*, de Albeniz, todos tocados com a mesma pericia magistral e que arrancaram dos ouvintes os mais enthusiasticos applausos.

Não se cansou o auditorio de ouvil-a e, com palmas, bravos e flores, saudar-lhe o grande triumpho. Solicitou-lhe um segundo *bis*, que foi felizmente attendido. A grande pianista repetiu a maravilha de execução

(*Conclue na pag. 53*)

Fogo e vento

Na praia d sorta, a pequenina fogueira crepitava e chammejava dentro da noite. Ouvindo o rumor das ondas e olhando o fogacho inquieto, eu meditava.

O vento soprava devagarinho e vivificava com os seus haustos iodados aquellas labaredas alegres. A's vezes, desmaiava, quasi morria. E, então, somente ficavam sobre a areia algumas brazas ardentes. Logo, voltava a sua respiração tranquilla e, ao seu rythmo, de novo as linguas de fogo lambiam o ar. Mas, de repente, elle soprou com muita força, turbilhonando e rodamoinhando, metralhando areia, uivando no espaço. A fogueira não resistiu áquella violencia. As chammas deitaram-se tremulas, amesquinharam-se, desappareceram. Os proprios olhos de sangue das brazas cerraram suas palpebras para sempre.

Levantei-me e caminhei. Eu vira o retrato do amor. Porque o amor é como aquella fogueira. Alim ntado constante e regradamente, queima e illumina sempre. A violencia das rajadas, porem, tem, para matal-o, a mesma força incoercivel da inanição, com rapidez maior. Si o vento tivess deixado inteiramente de soprar, a fogueirinha teria vivido longo tempo reduzida a brazas, a carvões, latente, ansiosa, á espera dum sopro vivificador. Mas a brutalidade do vendaval, o açoite da violencia, a furia subitanea assassinaram-na cruelmente...

Quando o amor morre desta ou daquella forma, de quem é a culpa: do vento que violentou a fogueira, ao invés de atiçal-a com brandura, ou da propria fogueira, qu, lhe não soube resistir ao impeto?

A praia deserta não respondeu á minha pergunta... Fogo, vento, amor, tudo passa...

A MULHER CHIC
Blusa de crepe da china branco
Jean Patou
Especial para "Fon-Fon"

OS SACRIFICADOS...

NUMA das ultimas noites de maio estava em minha sala de estudos, entre livros que sobre a mesa esperavam o momento de ser lidos, quando soou a campainha do telephone. Olhei para o apparelho ao alcance das minhas mãos, porém, não tive nenhum desejo de acudir ao chamado.

Preferi apanhar uma caixa de cigarros loiros, da côr de uma cabeça que eu havia visto exposta ao sol, pela manhã, na praia de Copacabana, e deixei correr o pensamento, fixando o evolar da fumaça...

Minha vida!

Não sei por que, os pequeninos nadas, os minimos incidentes do meu dia interessam-me muito mais que os grandes acontecimentos que, por vezes, abalam até os fundamentos do universo.

Frivolidades?!

Sim...

Mas, as coisas frivolas são as mais interessantes.

E ser frivolo é uma arte galante, muito differente da cultivada pelo imbecil.

A campainha do telephone insistiu no chamado e, pensando na linda cabecita loira, tomei o phone.

— Quem?!...

— Um seu admirador do FON-FON.

— Um admirador...

— Que lhe mandou hoje um conto.

— Ahn...

— E' que estou ansioso por conhecer a sua opinião.

— A minha opinião...

— Com a maior franqueza, pois, no meu modo de entender, modéstia á parte, o meu trabalho é mais interessante do que muitos outros publicados pela sua revista.

— O senhor está enganado...

— Então o meu trabalho não presta?!

— Mas, quem disse tal coisa?...

— Parece que ouvi...

— Eu disse que o senhor está enganado, porque a revista não é minha; sou apenas um modestissimo redactor do FON-FON, nada mais.

— Perdão! Modestissimo, não senhor; um talento, um grande talento.

— Bondade sua...

— Faço apenas justiça.

— Muito obrigado...

— Porém, como dizia, o meu conto...

— O seu conto creio que ainda não o li...

— Será possivel?!

— E' muito possivel, é quasi certo, pois, recebo uma somma respeitavel de trabalhos, semelhantes ao seu, e, como os meus affazeres são muitos, é preciso que o amigo tenha um pouco de paciencia...

— Reconheço que o senhor está com a razão, mas, o meu conto podia merecer a sua preferencia...

— Sim, talvez, porém, nem sempre o tempo me permitte ler xaropadas de cincoenta tiras de papel, como um tal Armando Guerra me obsequiou.

— Ah!...

— Pois é... O titulo já faz lastima — "A sacrificada". Calcule o amigo o meu sacrificio de ler este verdadeiro conto do vigario...

— Então o senhor não gostou...

— Afinal, nós do FON-FON não podemos ser sacrificados tão impiedosamente pela...

Larguei o phone, porque percebi que o Armando Guerra, o autor de "A sacrificada", tinha fugido, do outro lado...

Apanhei outro cigarro loiro e uma secular edição de Voltaire, disposto a rir um bocado da imbecilidade humana.

E a campainha do telephone novamente tocou.

Está o Guerra querendo passar o recibo, pensei.

Coragem...

— Alô!

— Quem fala?

— Com quem deseja falar? E'... Muito prazer... Mas a honra é toda minha... Como?!... Ah! sim... Recebi... Li... A minha impressão?... Maravilhosa... Um encanto a sua prosa... No mesmo instante que me foi entregue... Perfeitamente... Darei preferencia, é claro, sem favor algum... Minha admiradora?! — Oh! obrigadissimo... Que fortuna, a minha... Certamente... Creio que sim... Quem escreve paginas tão lindas, deve, forçosamente, ser bella, de espirito e de rosto... Não estou enganado... Creio até que a conheço, de vista... Loira... Ah! não?... Si gosto das loiras?!... Sim... isto é, ás vezes... Depende... Conforme o meu estado de alma... Isto de poesia não é commigo, é com o Yves... Não entendo de amores, isso é assumpto da predilecção do Elcias... Tambem não... A alma mais romantica do FON-FON é o Capistrano, que estuda a alma e o coração das mulheres, para... Bondade... já disse... Li e gostei... Vae ser publicado... Que penso das mulheres que escrevem?!... O assumpto é complicado para uma palestra pelo telephone... Tambem... E' bom não insistir... Sim, penso bem das mulheres... Muito... Quanto mais tanagra, mais deliciosa... Que fazia neste momento?... Coisa simples e tambem deliciosa... lia Voltaire... Não conhece?!... E' deveras lamentavel... E' um velho companheiro de todos nós que escrevemos no FON-FON... Quer conhecel-o pessoalmente?!... Ah! não é possivel... Por que?!... Está morto... E'... Morreu ha muito tempo... E' difficil explicar... Morreu, mas, está vivo... Complicado, é... Quando ordenar... Amanhã?!... A's cinco?!... Serei pontual... Merci... Não esqueço... Já sei, "Labios que beijam"...

Meu Deus!

Fiquei a olhar para o telephone, esperando pelo ruido da campainha, mas ella silenciou de vez...

Como havia lido o conto da minha admiradora e menti deslavadamente, elogiando-o, quando elle repousava na cesta dos papeis inuteis, senti um grande remorso pelo desprazer que causei ao meu admirador Armando Guerra, criticando-o sem conhecer o seu trabalho.

No salão do Automovel Club realizou-se, ha dias, o almoço com que foi homenageado nesta capital o presidente da Sociedade Pan-Americana e director da Associação Americana-Brasileira de Nova York, sr. John Merrill, que se acha entre nós, em visita de cordialidade ao nosso paiz.

GUIZOS *(Conclusão)*

Era preciso reconciliar-me com o autor, quando mais não fosse, por uma questão de consciência.

E, então, A sacrificada.

O rapaz tinha geito para a coisa, e podia até, com alguns empenhos, candidatar-se a uma vaga da Academia...

Porém, o mal estava feito e era tolice suppôr em reconquistar o admirador perdido.

Um cigarro, e outra vez a cabecita loira, da praia, me appareceu envolta na fumaça azul.

A visão perfeita de uma boneca fragil, que de tão fragil reduz a expressão zero a nossa fortaleza.

E, para esquecer tudo, procurei ler novamente Voltaire, o morto-vivo...

MARION.

O dr. Jurandyr Pires Ferreira, illustre engenheiro, professor da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro e presidente da Cruzada Republicana do Partido Nacional, chegou da Europa, ha dias, acompanhado de sua exma. esposa. Os amigos, admiradores e correligionarios de s. s. promoveram-lhe expressiva manifestação de apreço por occasião de seu desembarque, que foi bastante concorrido, e do qual fixamos um aspecto na photographia acima.

NEBLINA...

Acordei cedo, e dinho, para conferenciar com a minha alma.

Não sabem, meninas? quando a gente quer encontrar-se comsigo mesma, deve escolher uma hora triste, a hora triste e linda do entardecer, ou do amanhecer...

Eu tinha marcado uma conferencia ao meu sub-consciente e despertei cedinho para a entrevista.

A manhã me appareceu endefluxada, ou, por melhor dizer, nem appareceu, pois só consegui ver os lençóes revoltos do seu leito de brumas. Todo o valle admiravel das Paineiras e do Redemptor (valle que é, antes, um planalto equilibrado entre tres abysmos), parecia um campo bombardeado — era um vasto nevoeiro...

Mas, aos poucos, a bruma densa se fez névoa fina. E a manhã fez-me um psitt garoto através da cortina de renda.

Lembrei-me naturalmente do nosso illustre amiguinho Luis Paula Freitas (tão joven e já tão rico de delicadezas sentimentaes) e eu, que passára uma bôa parte da noite entre os rendados da sua primeira "cortina" de arte (modus in rebus), entrei as primeiras horas do dia olhando as lingeries vagas da neblina...

— Névoa, grinalda branca da montanha,
véo do Horizonte...
Névoa do monte,
teia de aranha,
que, espanejada ao sol, és sol tambem!
Névoa do meu espirito, és a fonte
de todas as tristezas que me vêm!...

Ou, então, ess'outro:

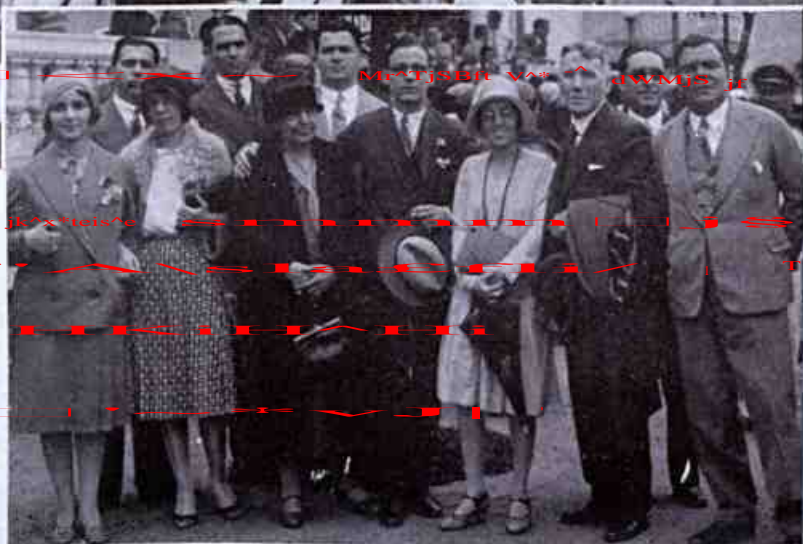
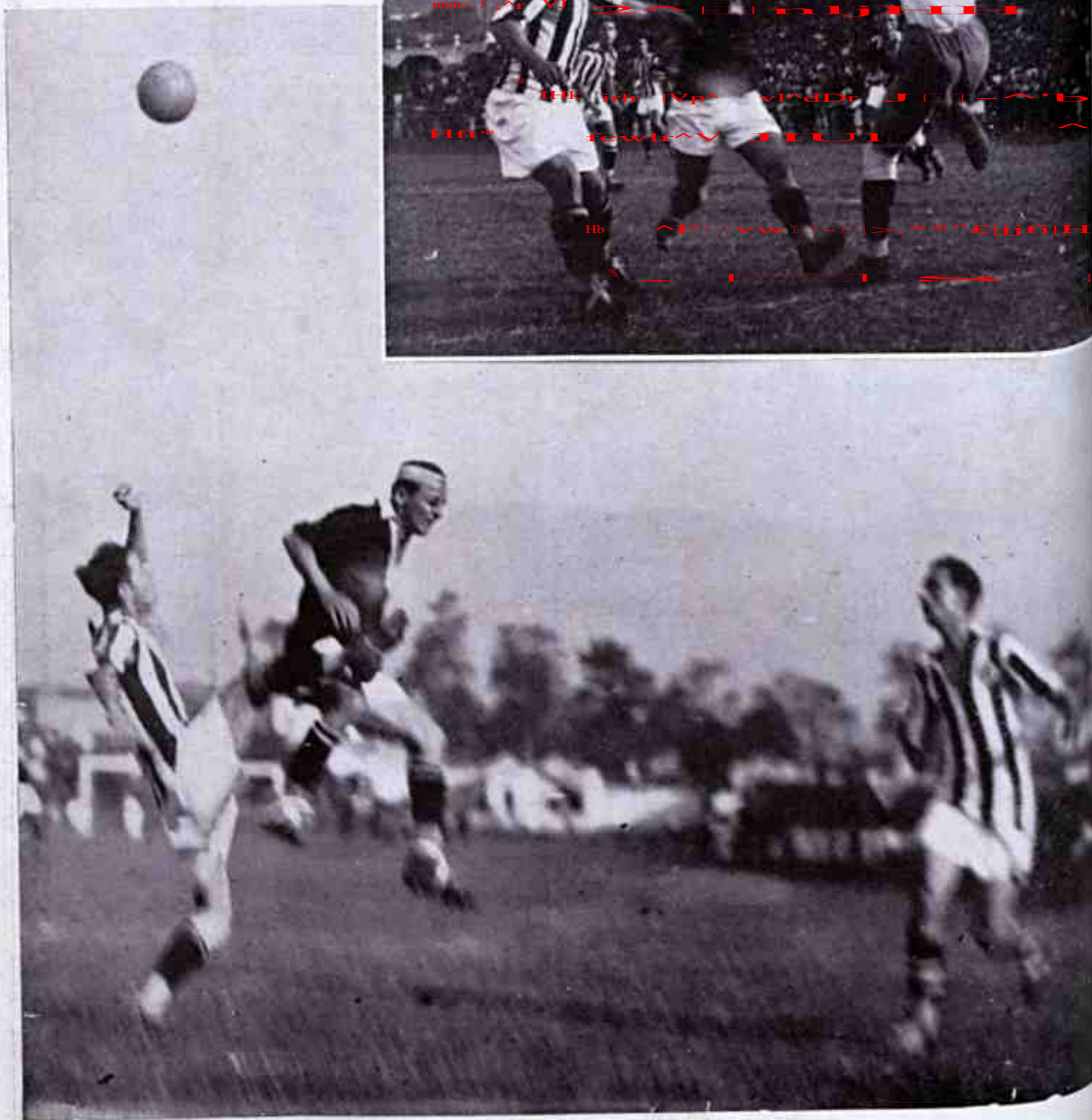
— Uma névoa côr de rosa,
á hora azul do amanhecer!
Eu, em verdade, formosa,
cedo acórdo, para ter
a visão miraculosa,
mas ainda estou por ver
essa névoa côr de rosa,
noiva do sol, ao nascer!

Quem sabe si és tu, formosa
(tardas tanto a apparecer...)
a encantada nebulosa
que estou por surprehender?
— Si hei de turbar-te a aurea rosa,
desfolhar-t'a, sem querer,
nunca, ó névoa côr de rosa,
possam meus olhos te ver!

— Noutros tempos, quando eu acordava cedinho e conferenciava com a minha alma, o peito arquejava em suspiros:

E a vida é isso... A uns, joga areia nos olhos. A outros, põe neblinas na alma...

O sr. dr. Nuno Simões, antigo parlamentar e ministro da Republica Portugueza, chegou ha dias, a esta capital, numa excursão de estudos, a convite dos seus compatriotas aqui residentes. A gravura acima apresenta-o por occasião de seu desembarque, cercado dos seus amigos, portuguezes e brasileiros.

O violinista Oscar Borgeth, premio de viagem do Instituto Nacional de Musica, acaba de regressar da Europa. O artista apparece, ahi, na occasião em que desembarcava nesta capital e na sua residencia, cercado de pessoas de sua familia.

O «stadium» de S. Januario, onde se agglomerou uma enorme assistencia, vibrou de enthusiasmo domingo ultimo. Em continuação á disputa do campeonato carioca de football, defrontaram-se, no campo vascaino, o Botafogo F. C. e o Club de Regatas Vasco da Gama, cujos «teams» defenderam as suas cores numa peleja brilhante e cheia de lances imprevistos e sensacionaes. A «torcida» foi formidavel, de parte a parte, e a technica e a disciplina do jogo foram rigorosamente observadas naquella magestosa praça de sports. Ante o embate memoravel dos dois admiraveis conjunctos, dos adestrados quadros disputantes, a enorme assistencia vibrou enthusiasticamente, numa ampla demonstração de suas sympathias.

Dois lances emocionantes do grande jogo de domingo passado, entre o Club de Regatas Vasco da Gama e o Botafogo Football Club.

Filigranas

Os antigos davam á belleza masculina um valor que hoje nós não lhe damos. Lucrecio, no seu poema, diz que os reis, outróra, distribuiram as terras e pecunias conquistadas aos seus favoritos, em proveito de sua belleza ou de sua força. Foi baseado nos classicos que o velho Montaigne escreveu:

"Les ethiopes et les Indiens, élisant leurs roys et magistrats, avaient égard à la beauté et héroicité des personnes... Platon désire la beauté aux conservateurs de la république."

Na nossa, passa-se o contrario...

TREPAÇÕES

O deputado está enthusiasmado pela Côrte...

Nunca elle imaginou que isto fosse tão bom.

Quando acaba a sessão das veataes da politica, elle parte como uma flecha para apanhar a sessão de certo cinema, que é sempre mais divertida que a primeira.

Quando acaba o cinema, elle segue para as bandas do Flamengo afim de apanhar, antes do jantar, uma sessão alegre da vida...

Agora, o nosso heróe está comprehendendo porque, na provincia, é tão disputada uma cadeira de deputado.

Realmente, o Rio é uma cidade maravilhosa para cozinha da politica...

Quando a capital da Republica fôr transferida para o planalto de Goyaz, o diabo queira ser deputado.

Para que, hein?!

DEVIA ter sido uma excursão agradavel.

Céo azul, temperatura amena, um dia glorioso, desses que convidam a gente para doces desregramentos d'alma.

Influenciada pelo tempo, talvez a interessante viuvinha tivesse resolvido tomar a barca da Cantareira, atravessar a bahia, alcançando Nictheroy, na companhia do moço esculapio.

Um passeio delicioso, porque foi demorado, pois o galante casal só estava de volta pelo cahir da noite, quando no cáes foram feitas as despedidas, para cada qual tomar o rumo de casa.

Curioso é que o medico, sendo casado, certamente não poderá ter promettido uma nova situação social á interessante viuvinha, a menos que não pretendam ambos fazer uma viagem de alguns dias ao Uruguay, onde casam e descasam gente, num abrir e fechar d'olhos...

Izabelita Ruiz, a encantadora actriz que está obtendo grande successo no theatro Casino, como figura da companhia Margarida Max.

OS *piratas* já estão agindo até nas feiras livres.

Parece mentira, mas, é verdade!

E, si a moda péga, vae ser um Deus nos acuda...

O que a nossa *objectiva* focalizou, na feira de Copacabana, é um caso typico.

Elle passou junto de *madame* e acenou-lhe com um pedaço de papel, um bilhete adrede preparado, com o endereço do telephone, etc.

Ella sorriu e recebeu o bilhete, operação que, apesar das cautélas naturaes, foi vista por diversas pessoas.

Madame apanhou o bilhete e satisfez ao appello do *pirata*, indo ao telephone.

Conversinhas *fiadas* e um encontro marcado em uma sala de cinema.

Porem, levou um *bluff*, porque ella não compareceu ao encontro marcado.

Elle, entretanto, notou que outra mulher, insistentemente, o procurava com o olhar...

No outro dia telephone, uma pilheria, uma voz differente, e nada mais.

Depois, um terceiro telephonema, uma terceira pessoa, e um tróte meio assustador com recommendações para que elle tivesse cautéla...

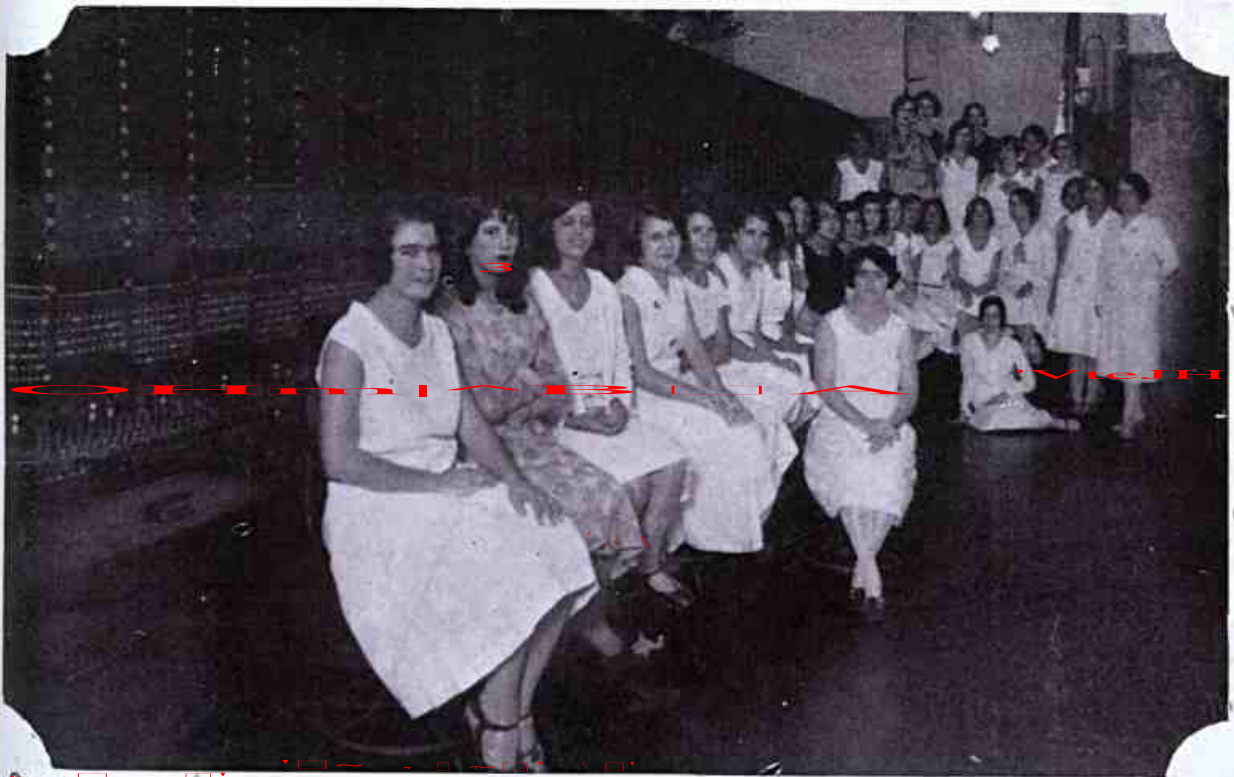
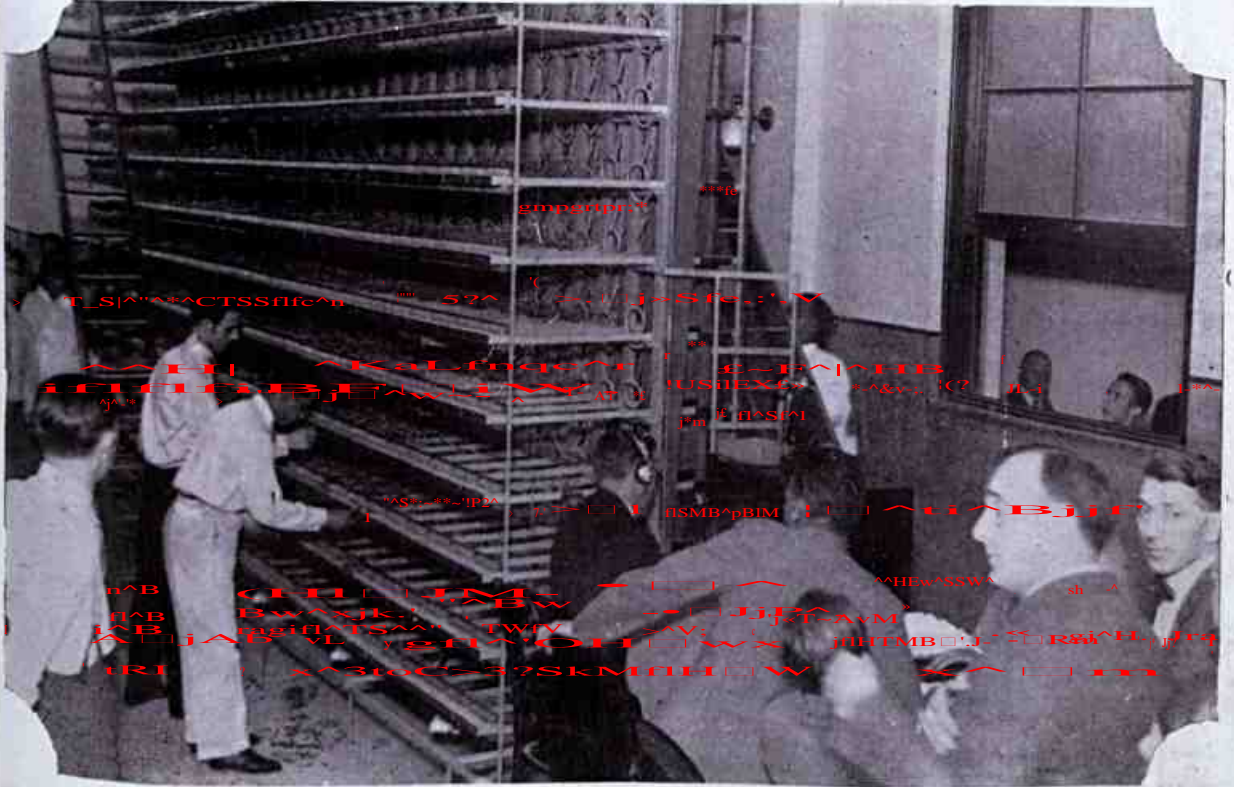
Como se trata de um negocio entre casados, o caso intrigou fortemente o *pirata* da feira, que anda quasi maluco, sem saber como explicar o embrulho em que se metteu.

Vamos observar para vêr como termina a historia...

Hortense Rizzo é uma galante figura do theatro portuguez que sabe encantar com a sua arte e mais ainda com o seu lindo sorriso. Encontra-se actualmente nesta capital, onde tem conquistado muitas sympathias e applausos.

Serenidade! Extase! Dois olhos illuminados dum esplendor divino; dois labios donde parecem voar beijos. E' a linda actriz Maria Alvares, expressão de belleza lusa, uma das graças da companhia Satanella-Amarante.

Entre duas estações

Telephones automaticos e sorrisos... espontaneos

Os elegantes bairros atlanticos estão, desde as 23,55 de sabbado ultimo, providos de telephones automaticos, do mais perfeito systema que a mecanica actual permitte nesse genero de communicações. A nova estação que a Companhia Telephonica Brasileira fez inaugurar com a presença dos jornalistas e de outras figuras de destaque na sociedade carioca, é um complexo de fios e discos de metal que permittem aos assignantes do Leme, Copacabana, Ipanema, Leblon e Gavea se communicarem entre si e com toda a gente, sem esforço e com presteza. Precisamente áquella hora de sabbado cessaram as communicações pelo antigo systema manual, tendo-se desligado a velha estação, que apparece ao alto desta pagina, com as suas gentis telephonistas voltadas, num sorriso satisfeito, para a nossa objectiva... Ellas, que nada perdem com a automatização telephonica da cidade, tambem gostam do que é bom e moderno... E foi pena que não pudessem assistir á mudança das ligações para a estação nova, onde o seu sorriso seria, decerto, ainda pelo systema antigo: isto é, não automatico... A segunda photographia desta pagina fixa o momento em que a estação 7, automatica, começou a ligar os seus aristocráticos assignantes.

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

que foi o *Preludio* de Prokofiew.

Festa de arte das mais sensacionaes, o concerto de Antonietta Rudge Miller não devia ser unico, mas apenas o primeiro de uma sequencia de outros, em que a artista nos brindasse muitas vezes com os primores do seu genio pianistico.

Oscar d'Alva.

NOTA — Os leitores intelligentes, como devem ser os que me fazem o favor de ler estes rabiscos, dispensam erratas. Mas, ás vezes, tornam-se ellas imprescindiveis. Tal o caso da troca de palavras, causada mais pela letra do chronista do que por descuido da revisão, e verificada na ultima chronqueta. O que escrevemos não foi o publicado, mas isto:... "O pianista exteriorizou com todo o poder da sua arte as imagens verbaes..." Em vez de exteriorizou e imagens, typographou-se exterminou e miragens...

O. d'A.

Flagrante colhido por occasião do enlace nupcial da senhora Marjorie Hendersen-Roe com o sr. William James Mc Murtrie, sub-gerente do Bank of London & South America Ltd.

Teve uma grande concorrencia o acto da inauguração da succursal d'«A Equitativa», em Nictheroy, no dia 30 do mez proximo findo. Entre as pessoas presentes se vêem o dr. Henrique Azevedo Alves, director do novo departamento; o sr. Alberto de Souza, gerente, e o dr. Dermeval Rosa, chefe do serviço medico.

Tarde linda

(Do Breviario de Yolanda)

Há-de ser por uma
Tarde linda, por uma tarde suave
E côr de rosa,
Quando o céo desfolhar a ultima prece,
Que terás em tua cabeça quasi loura.
Uma grinalda de flôr de laranjeira
E seguirás toda de branco,
Para egreja.

Há-de s r por uma tarde
Cheia de luz,
Por uma tarde d canto e mysticismo.
Quando os lirios sonharem
De amar
E de saudade,
Que te hei-d vêr
Contricta e de mãos postas,
Pedindo a Deus
Por minha Gloria.

Há-de ser por uma tarde romantica
E divina,
Tarde branquinha de pureza,
Quando Deus abençoar o meu Destino,
Qu hei-de beijar teus olhos verdes
E teus cabellos castanhos e annelados:
Porque há-de ser por uma tarde
Linda e côr de rosa,
Qu has de ser minha
E has de ser a Dona immaculada
De meu grande amor.

BENEDICTO LOPES

BOM TOM

DE ASTAROTH

De vez em quando, aquelles que escrevem em jornaes têm a obrigação de fazer certos reparos, criticar certos habitos do povo, não porque este seja inculto e sem educação e sim porque se entrega sem sentir a habitos dignos de critica.

Cremos que não existe, na capital do Brasil, quem ignore que, comer com a faca, cuspir nos assoalhos, fumar deante de uma senhora, etc., são signaes de má educação e de rusticidade.

Não estamos aqui como "palmatoria do mundo", nem nos julgamos arbitro de elegancias e bons costumes; apenas fazemos reparo para os pequeninos senões que a cada passo encontramos nos habitos da gente culta.

Está em móda o habito dos cavalheiros conversarem nas ruas com senhoras, tendo a cabeça descoberta.

Não ha nada de mais brasileiro, nem mais "rasta"!

Não vamos culpar o cavalheiro que se descobre para fallar a uma senhora; não.

Ella é quem tem por dever de cortezia pedir ao cavalheiro que repônha o seu chapéo e não consentir que elle permaneça de cabeça descoberta.

Si, porém, a dama, desconhecendo essa retribuição da cortezia, não fizer esse pedido, cumpre ao cavalheiro repôr o seu chapéo na cabeça.

Ficar com elle na mão, todo o tempo em que estiver conversando, é que mostra que nem o cavalheiro nem a dama tomaram "chá em pequenos"...

Por outro lado, vemos, constantemente, nos cortejos de casamentos, dentro de automoveis, noivos, paranymphos e convidados sentados ao lado das senhoras, com as cartolas enterradas até as orelhas!

Dentro de um vehiculo onde haja um casal, esse vehiculo representa uma propriedade da senhora, embora esteja alugado ao cavalheiro; sendo assim, é o cavalheiro quem representa o papel de hospede ou visita. Tem, portanto, a obrigação de conservar-se descoberto.

Como se vê, ha justamente uma tróca, quando os homens se conservam descobertos em plena rua e com o chapéo na cabeça, nos carros dos cortejos.

Em todo o mundo civilizado é habito beijar-se a mão, isto é, a ponta dos dedos das senhoras: Nunca se deve beijar a mão de uma senhorita.

No emtanto, ha por ahi quem julgue que á senhora casada é que não se deve beijar a mão.

Temos reparado, por ahi, dois habitos ultra-malcreados: o do cavalheiro tomar o braço da senhora em vez de offerecer-lhe o seu e o de trazer uma senhora ao braço, tendo a mão opposta enterrada pelo bolso da calça.

Ha tambem quem conduza ao braço uma dama, tendo na bocca um "havana" fumegante.

Francamente, estamos em desaccordo completo.

Estamos tambem em desaccordo com as senhoras que julgam que os homens são obrigados a ser delicados, sem que ellas o sejam por sua vez.

O habito cavalheiresco do brasileiro levantar-se e ceder o logar ás senhoras nos vehiculos, salas de espera, etc., já se vae perdendo; isso pelo simples facto da maioria das senhoras não agradecer esse gesto, aliás, desconhecido em muitos paizes bem civilizados...

Ha muitos rapazes que têm o feio habito de cumprimentar sem tirar o chapéo; fazem um arremedo de continencia militar, desgracioso e apenas acceitavel entre camaradas.

O cumprimento deve ser completo, tirando-se inteiramente o chapéo da cabeça, sempre que seja dirigido a uma senhora, a um homem velho ou de posição de destaque na sociedade.

Quanto á má comprehensão do máo habito de comer com a faca, leva muitas pessoas a abandonar a faca ao lado do prato, servindo-se apenas do garfo para comer, auxiliando-o, ás vezes, com um pedaço de pão.

Entretanto, o que é reprovavel é metter-se a faca na bocca, conduzindo nella o alimento.

A verdadeira gymnastica que fazem aquelles que comem sómente com o garfo é tão ridicula como a faca conduzindo para a bocca um parallelepipedo de feijão com arroz...

Outras vezes, encontramos sujeitos que, sendo convidados a fazer um "lunch", ir a um cinema ou tomar um café, acham que é alta gentileza a má criação de pagar a despesa, quando o seu papel é de convidado.

Embora estejamos vendo que o brasileiro dá a vida para se "yankeezar" (perdão!) achamos que, para acompanharmos os americanos do norte, deveremos então lançar, como bons costumes, todas as excentricidades dos norte-americanos, que cantam durante as refeições, se sentam tendo os pés posados no que ha na sua frente, gingam quando andam, usam chapéo menor do que a cabeça, não usam collete, não usam barbinha de judeu, cumprimentam com "shake-hands" ás senhoras, etc.

Somos mais adeptos dos costumes latinos; achamos bonito o "raffinement" francez, a velha cortezia gauleza, que cumprimentava com o chapéo, com a cabeça e com o busto em uma saudação elegantissima, como tambem somos admiradores dos costumes dos castelhanos que levam ao maximo os rapapés e zumbaias.

— *Señorita, a los piés de usted!* — dizem elles dirigindo-se a uma moça.

— *Muchos besa manos a la señora!* — dizem fallando a um cavalheiro casado.

Em todo o caso, como somos um sujeito "demodé", da outra geração e, portanto, com tendencias a não acceitar as novidades do modernismo, talvez estejamos aqui a dizer tolices.

Podemos, entretanto, affirmar que, ha vinte annos atraz, as regras de cortezia que citei estavam em pleno vigor. Modificar para peor é quasi demolir.

Zulmira teve um nenem.
Até ahi, muito bem.
Diz-lhe o doutor que a examina:
— "Foi feliz, mas seu estado
Requer, ainda, cuidado.
Use sempre metrolina."

Baton Rouge

O MATADOR DE MULHERES

— O homem que mata uma mulher deveria ser fuzilado, estraçalhado, picadinho em pedaços!...

A linda morena, que assim falava naquella roda de gente fina, calou-se, por um momento, emquanto com a mãosinha fechada, varando o espaço, em direcção aos poucos homens alli presentes, parecia fazer-lhes uma ameaça.

— Mesmo quando mata por amor, senhorita? — arrisquei, quasi timido.

— Por que não? Se elle mata, é porque não amava!

— E quando ama loucamente a mulher, que é sua vida e sua adoração, o trahe e o deshonra?

— Separe-se; abandone-a, deixe-a morrer...

— E elle — o desgraçado — que teve sacrificada toda sua vida, que viu desfeito pela leviandade de uma mulher, todo seu sonho de felicidade?

— Ora! Elle é homem...

— E, como homem, deve supportar, resignadamente, toda a maldade, todos os soffrimentos, toda a tortura que a mulher lhe inflige, sem um gesto de revolta, sem que se lhe reconheça o direito de fazer tambem "em pedacinhos" quem lhe desgraçou a vida?

— O senhor parece que está disposto a tomar a defesa desse monstro, que é o Vampiro de Duesseldorf.

— Mas, senhorita, então é atravez da impressão de horror que lhe causaram os crimes desse louco matador de mulheres que acha que todos os homens que matarem uma filha de Eva devem ser estraçalhados, picadinhos em pedaços?...

— Os homens, geralmente, são muito máus, muito perversos...

— Desculpa-me, Lygia, mas, neste ponto, não concordo comtigo — disse uma linda loirinha de 18 annos. — Nós, as mulheres, quando somos más, somos muito peores do que os homens. E, realmente, não ha termo de comparação entre os crimes hediondos desse louco e os que o homem ou a mulher praticam sob o impulso de uma allucinação passional... Eu, mulher, tenho a certeza de que seria capaz de matar por amor. Por que recusar ao homem o que nós tantas vezes temos commettido, quando, ainda, na maioria dos casos, somos nós próprias que o arrastamos a esses

O dr. André Boulanger, chefe dos Laboratorios Mayoly - Spindler, de Paris, e que se acha em vista á nossa capital.

extremos de desespero? Depois, estás brincando, falando assim. O anno passado, se não fosse eu, tu ferias...

— Clara, pelo amor de Deus, cala-te!...

— O senhor escapou de boa!...

— Quem? Eu?

— E só porque se parecia com alguém... que a... matou...

— Clara! Clara, não sejas maluca!

— Que a matou, senhorita, se ella está viva?

— Sim, mas tem morto o coração, que o senhor talvez conseguisse resuscitar...

— Eu? Mas eu sou tambem um matador de mulheres...

— O senhor?!

— Eu, sim, senhorita. Já matei umas seis, confesso, e ainda não me arrependi desses crimes... passionaes.

— O senhor? O senhor... um monstro tambem? — perguntou a morena, pallida de espanto.

— Mas foi tudo contra a minha vontade, senhorita, juro-lhe...

— Contra a sua vontade, como?

— Porque ellas foram más, muito más para mim, e fizeram-me soffrer até o desespero... até a loucura...

— Mas, matou-as como, como?

— Esquecendo-as...

— Ah! que blague!

— Se fosse eu uma dessas mulheres... — murmurou a linda morena de coração... morto.

— Que teria acontecido, senhorita? Já eu, ha muito, estaria feito em... pedacinhos?

— Não, não lhe teria dado o gosto de matar-me por... esquecimento. Porque nunca, nunca me esqueceria... Porque eu teria sabido...

— Matar-me?

— Não. Permitte-me que lhe diga ao ouvido?

— Sim, com todo o prazer...

— Porque eu teria sabido amal-o...

E foi assim que eu fiquei noivo, pouco depois — concluiu o meu amigo — e adoro a encantadora noiva que nunca hei de esquecer... mesmo porque tenho um medo louco de ser fuzilado pelos raios ardentes de seus lindos olhos negros, os mais lindos e caridosos que já encontrei neste mundo.

FRAGONARD.

Estava-se em um banquete. A conversação entre os convidados recahiu sobre o thema de espiritismo. Um dos presentes disse:

— Ha dias, estive em uma sessão espirita em que a alma de uma mulher appareceu ao marido.

"— E's tu, Elisa? — perguntou-lhe o homem.

"— Sim, sou eu — respondeu-lhe a morta.

"— E's feliz, Elisa?

"— Sim. Immensamente feliz. Mais do que quando estava ahi.

"— E onde te encontras?

"— No inferno."

*

— Senhorita — disse o padre á noiva, — eu não posso casal-a, porque seu noivo está ébrio.

— Mas, reverendo — respondeu a moça —, é que, quando elle está bom, não quer vir á egreja...

*

A patrôa chamou a criada joven e bonita, para lhe dizer:

— Maria, a primeira vez que eu a surprehender conversando em voz baixa com meu marido, um dos dois terá de abandonar esta casa!

*

A convidada. — Venho muito atrazada. Faça-me o favor de introduzir-me immediatamente no salão.

O criado. — A senhorita vae desculpar-me. Mas, si eu abrir a porta agora, que a dona da casa está cantando, os outros convidados aproveitarão a opportunidade para sahir.

*

— De maneira que o mendigo enlouqueceu?

— Ficou completamente louco. E tivemos que vestir-lhe a camisa de força.

— E que disse elle, quando lh'a vestiram?

— Que era a primeira vez em sua vida que se via com camisa...

*

A dona da casa. — Esta bolsa de vidros velhos não é nossa.

O empregado da empreza de mudança. — E', sim, senhora: são os espelhos da sala de visitas e da de jantar.

*

— Deves acostumar-te a não mentir nunca, meu filho.

— Muito bem, papae. Que digo a esse senhor que procura por ti?

— Dize-lhe que não estou em casa.

*

— Mas, meus filhos, é possivel que estejam ahi ha uma hora sem fazer nada?

— Não vês, então, mamãezinha, que estamos brincando de deputados?...

*

No salão de barbeiro.

O freguez calvo. — Espero que me cobrará mais barato do que os outros. E' preciso levar em conta que só tenho uns cinco fios de cabello.

O official. — Ah, senhor!... E o trabalho que custa encontral-os?...

*

Elle. — Diga-me que gosta de mim, e eu porei a terra sob seus pés!

Ella. — A terra já está sob meus pés. Prefiro que ponhas um *bungalow* sobre minha cabeça...

— Então, tua mulher perdeu completamente o appetite?

— Completamente. Imagina que nem lhe appetecem mais os pratos que o medico lhe prohibiu!

*

A amiga. — Segundo me disseram, teu marido foi visto hontem á noite no Trianon, em companhia de uma linda e joven mulher.

A esposa. — E' verdade. Hontem á noite fomos ver a nova peça do Procopio...

*

Na livraria.

A compradora (senhora de idade). — Desejo comprar um livro que pudesse interessar a uma joven de dezesete annos.

O vendedor. — Sinto-o muito, minha senhora, mas não temos livros para moças dessa idade. A policia prohibiu-nos, terminantemente, a venda delles.

*

A mãe. — E's muito grande, Ernesto, para que chores tão desconsoladamente por ser hora de ires para a cama.

O filho. — Ha pouco tu me disseste que eu era pequeno demais para ficar levantado até tarde. Parece que para tudo sou muito pequeno ou muito grande!

*

— Que lindo vestido! Quanto te custou?

— Um simples beijo.

— Que déste a teu marido?

— Não. Que elle deu á nova criada...

*

André Maurois soube, um dia, que um escriptor seu amigo, de quem, aliás, sempre se havia mostrado sincero defensor, não cessava de denegril-o ferozmente, cada vez que tinha occasião para isso.

— Elle detesta minha obra tanto quanto eu aprecio a sua — replicou o autor de "Bernard Quesnay". — Mas... quem sabe?... Talvez estejamos enganados os dois...

Eu sei...

Sei que um moço é intelligente
Sei que uma moça é de escol
Quando sei que usam somente
O sabonete Eucalol.

Grupo tirado por occasião da inauguração da escova de dentes, na «Escola Pernambuco», dirigida pela professora cathedratica d. Emilia de Freitas. Todas as crianças apresentam a sua escova de dentes.

FILIGRANAS

As lendas da antiguidade são fer-[illegible] em ilhas que boiam á flôr dos [illegible] dos rios e dos oceanos, vogan-[illegible] ao sabor dos ventos. Jasão nave-[illegible] por entre as Cyaneás. Estrabão fala-nos das Planctoe. E Herodoto dá noticia da Chemmie. Este, porem, accrescenta prudentemente que nunca a viu...

Vem a moderna exegese folklorica e mata essas lendas. Qual ilhas navegantes ou errantes, qual nada! Historias! Tudo isso vem dos icebergs por acaso avistados no mar septentrional, trazidos pelas correntes.

E, assim, a sciencia mata as lendas, os temores, as poesias, as sorpresas do Desconhecido...

Sob a direcção do dr. Henrique A. Alves, gerente Alberto G. de Souza e medico dr. Dermeval Rosa, realizou-se, a 31 de maio ultimo, a inauguração da succursal da Companhia de Seguros «A Equitativa», em Nictheroy, á rua Visconde de Moraes, 453, sobrado. Ao acto inaugural, compareceram os representantes do governo do Estado, da Prefeitura, da magistratura, da imprensa, directores e altos funccionarios da séde da «A Equitativa» e muitas outras pessoas gradas.

A morta do Hotel

DE H. P. BLOMBERG

A' meia noite, o *Indian Star* zarpava de Buenos emquanto a casaria branca de Montevidéo se Aires, cheio de passageiros, e no dia seguinte, perdia ao longe, sob um céo deslumbrante de primavera, tropecei, em uma das prôas, com Angelo Bermúdez, que vinte annos antes fôra meu companheiro nas aventuras da mocidade.

— Aonde vaes, Angelo?

— A Paris — respondeu elle, abraçando-me. — E tu?

— A Hespanha me chama sempre — respondi.

E meu antigo companheiro, a quem não via desde o anno em que a guerra terminou, sorriu ligeiramente.

— Hum!... Teu pretendido amor á Hespanha outra cousa não é sinão uma desmedida affeição ás hespanholas, segundo me parece...

— Pode-se saber para que vaes a Paris, Angelo?

A casaria branca de Montevidéo se dissipava na distancia. Bermudez parecia não ter ouvido minha pergunta, e olhava o mar, que se tornava azul.

De repente, se voltou para mim, com expressão longinqua.

— Recordas sempre, Ernesto, aquelles dias que vivemos lá?...

— Si os recordo!... E olha que, desde então, já passou muita agua sob as pontes do Sena...

Havia dezeseis annos. Elle contava, então, vinte e tres e eu vinte e quatro annos. Juventude...

Falamos longamente daquelle tempo. Dois sul-americanos de pouco mais de vinte annos em Paris. As noites do "Bal Bouillier", as tertulias nas boites de Pigalle e de Clichy, as expedições ao "boulevard", os idyllios do "boulevard" Rochechnart, as scenas na rue Faubourg Montmartre, os amanheceres do Pré Catalan, e lá longe, volteando sem cessar na bruma melancolica das recordações, as azas luminosas do *Moulin Rouge*...

Sempre as viamos, da janella daquelle terceiro andar da rue Donai — murmurei eu.

E Angelo empallideceu repentinamente.

Pensei que a tristeza das horas doces que nunca voltariam devia ter ferido o coração de meu velho amigo. Elle sempre, desde os dias do collegio, fôra um sentimental.

— Aquelle terceiro andar da rue Douai!

Era um hotel antigo, como todos os do bairro famoso. A rua, estreitissima e cheia de lojas escuras e mysteriosas, desembocava na praça Pigalle. Chamava-se o Hotel Helena, e constava de cinco andares unidos por uma gemente escada de madeira.

Dois annos morámos alli, Angelo e eu, em plena gloriosa bohemia. Pareceu-me ver de novo a cara magra e ardente de um estudante brasileiro, a cabelluda cabeça de um poeta persa, e ouvir o riso sonoro de um pintor norte-americano que tambem alli residia.

Angelo interrompeu seu prolongado e nostalgico silencio.

— Lembras-te da morta daquelle hotel, Ernesto?

Eu não havia esquecido nunca, através dos annos, aquelle episodio tragicamente triste da já longinqua juventude. Mais de uma vez havia evocado a mysteriosa silhueta daquella mulher desconhecida que, uma noite de frio e de chuva, chegou ao hotel da rue Douai. Angelo estava um pouco enfermo nesse dia.

Foi o persa quem me disse no dia seguinte, por volta das nove da manhã:

— A loira que chegou hontem á noite foi encontrada morta ha duas horas em seu aposento do quarto andar...

Vesti-me rapidamente e subi com elle ao quarto fúnebre. A policia já alli estava, com o medico e o juiz.

— Morreu de um edema pulmonar — dizia o medico, com indifferença profissional.

E o *sergent de ville* escrevia rapidamente.

— Olha como era bella... — murmurou o poeta.

E eu senti um frio estranho ao contemplar aquella mulher loira e pallida, que parecia dormir.

Não foram encontrados documentos de especie alguma em seu poder. Nem siquer havia dado seu nome ao porteiro nocturno. Na mesinha de cabeceira encontrou-se uma bolsa contendo trezentos francos e uma passagem, de ida e volta para Bordeaux. Nem um cartão, nem um envelloppe, nem um nome.

Todos nós, os bohemios da rue Douai, convencemos ao juiz de que não devia autorizar a autopsia nem a remoção para a Morgue da mysteriosa morta, que nunca poude ser identificada.

O pintor norte-americano, que era um bohemio muito rico, nos manifestou, com estranha emoção, que estava disposto a custear o enterro da desconhecida.

E foi numa tétrica manhã, numa manhã de outomno em Paris, que acompanhámos a morta sem nome ao Cemiterio de Montmartre.

Caminhávamos a pé, segundo o costume francez. A chuva outomnal, penetrante e glacial, cahia sobre nós. Angelo Bermúdez, que insistira em levantar-se da cama, apesar de sua febre, e o brasileiro tremiam violentamente.

— Era muito bella, segundo me disse o persa — murmurou a meu ouvido, Bermúdez, que não vira a pobre moça antes de ser encerrada no caixão.

— Muito bella, sim... Tinha uns cabellos loiros... — exclamei eu.

E chegámos em silencio ao cemiterio. Aquella scena nunca será esquecida. O caixão, coberto de rosas outomnaes, foi entregue á terra. O pintor, espantosamente pallido, rezava em inglez. O poeta, tremulo de frio e de emoção, leu algo que pareceu ser uma elegia em versos persas, e o brasileiro chorava como um menino.

Era esse o episodio que Angelo Bermúdez e eu evocávamos a bordo do *Indian Star* dezeseis annos depois.

— Sabes quem era essa mulher, só e enferma, que chegou de um paiz longinquo para morrer em um hotel de Paris?

O estranho accento de Angelo Bermúdez me surprehendeu. Fiquei olhando-o, sem dizer nada.

E elle proseguiu, rouco, quasi soluçante:

— Era Laura Varela, uma pobre moça que me amou na America, e com quem eu devia casar quando voltasse de Paris... Esqueci-a... Nunca mais soube della... Decorreram quinze annos... Julguei sempre que ella tambem me havia esquecido e se casára com outro... Ao cabo de quinze annos soube que Laura Varela seguira para Paris, afim de ver-me, e que desapparecera mysteriosamente, tendo, possivelmente, morrido em algum hotel de França, só, sem documentos (deves estar lembrado de que, naquelle tempo, não se exigia passaporte a ninguem em França), e quasi sem dinheiro. O coração me diz que aquella morta do Hotel Helena era ella, minha pobre Laura, e eu acompanhei suas cinzas á tumba sem saber que havia morrido por mim...

Eu sentia um frio estranho deante daquella dôr e daquelle remorso que surgiam do fundo do amor. Mas guardei silencio.

Naquella noite, emquanto o *Indian Star* corria pelo oceano, permaneci desperto, mergulhado em dolorosos pensamentos.

Pobre Angelo Bermúdez!... Devia eu dissipar sua tragica illusão.

Porque a morta do hotel era a irmã do pintor norte-americano. Elle m'o confessou na noite do dia do enterro, e me supplicou que guardasse o segredo de sua irmãzinha suicida. Porque ella se matára. O medico de Paris se havia enganado. Matara-se por amor de um homem, na immensidade de Paris.

Agora, Angelo Bermúdez ia visitar o tumulo daquella que elle suppunha fosse a Laura Varela de sua paixão juvenil. Aquella viagem e aquella illusão eram uma coisa triste mas doce para elle.

E quando eu me despedi delle, no cáes de Cadiz, talvez para nunca mais revel-o, deixei-o com sua illusão.

O meu vizinho do sete,
Um velhinho de topete,
Passou numa bicyclette,
Perna forte, rija, sã.
Foi um rheumatico outr'ora.
Soffreu muito, mas, agora,
Bemdiz, satisfeito, a hora
Em que tomou Lytophan.

O galante menino Luis Fernando, filhinho do sr. Guilherme Dias Cardoso e de d. Celyde Araújo Cardoso.

EU QUERO SER BONECA TAMBEM...

A minha boneca é do tamanho dum bébé de carne.

É clara, cabellos em cachos, quasi loiros, olhos pardos.

É muito bonitinha a minha Rosita.

Já está uma senhora; tem treze annos.

Foi o presente que ganhei no meu segundo anniversario.

E emquanto eu passava por tantas evoluções, a minha boneca era a mesma.

Chorei, supportei tudo a quanto um mortal está sujeito.

E a minha bonequinha sempre impassivel e mimada.

Agora, desilludida e lacrimosa, eu soluço:

— Que bom si eu fosse boneca! Eu quizéra ser boneca tambem...

CONCHITA CID

O ex-parlamentar portuguez sr. José de Carvalho, em companhia de sua interessante netinha Maria Carolina.

O VALENTÃO

FABULA

Um bello dia,
O Resfriado
apresentou-se, ousado
desafiando quanta gente via,
para uma luta á morte!
Prompto a enfrental-o, appareceu, então,
um cortejo sem fim de gente forte
disposta a derrubar o fanfarrão.

* * *

O tal de Resfriado, no entretanto,
a todos quanto via em sua frente,
abatia, valente,
e num minuto, como por encanto!

* * *

Um homem pequenino
que tudo via,
disse-lhe: — "Agora, nós! Vamos lutar!
"Eu sou franzino,
"mas vivo combatendo, noite e dia,
E hei de vencer-te, custe o que custar!"

* * *

A luta foi tenaz!
Quando findou, no solo ensanguentado,
jazia o Resfriado,
de se erguer, incapaz!

* * *

Do vencedor, indaga toda gente:
— "Dize o teu nome lutador de escol!"
O pygmeu respondeu serenamente:
— "Meu nome é Transpirol!
"Resfriados maiores que esse bruto,
"tenho vencido em menos de um minuto!"

MORALIDADE

Como esse fanfarrão, ha mil vencidos!
De que valem basofias desfructaveis?
O Transpirol são simples comprimidos,
Mas dão cabo de grippes formidaveis!

HOMENECA.

Senhoritas Fausta, Leonor, Ouvinda e Justina Pereira, depois de uma alegre excursão automobilistica, em «pose» para um photographo amador...

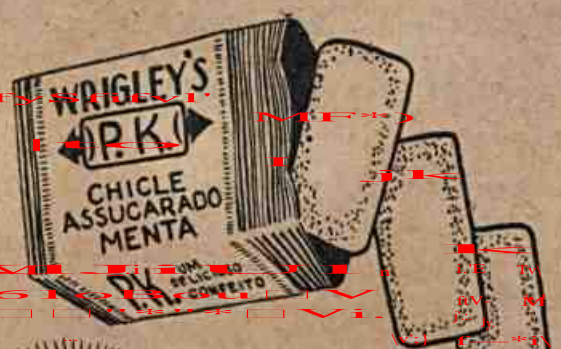
Em Shanghai como em New York — nos polos ou tropicos — as Canetas Parker Duofold servem com fidelidade. Experimente escrever sem esforço com a Parker — examine os seus aperfeiçoamentos — e ficará sabendo porque as Canetas Parker Duofold são as favoritas.

Em todas as boas Lojas. 15

Duofold Sr. Rs. 70$000;
Jr. Rs. 50$000
Lady Rs. 50$000
Unico Distribuidor no Brasil:
A. Cardoso Filho,
Rua Buenos Aires 208,
Rio de Janeiro

Parker Duofold

DE PALADAR DELICIOSO

WRIGLEY'S P.K. CHICLE ASSUCARADO MENTA

MASQUE SEMPRE
WRIGLEY'S
DEPOIS DAS REFEIÇÕES.

(LEIA-SE RIGLIS)

DISTRIBUIDORES:

SCHILLING, HILLIER & CIA. LTDA.

RUA THEOPHILO OTTONI, 44 - Caixa Postal 564

RIO DE JANEIRO

LEIAM
SELECTA
À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAES

Licções de lingua Italiana
pelo Prof. EUGENIO ORFEO
Rua Leopoldo Miguez 139
(Copacabana)
Tel. Ipanema 8315

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

UMA PEQUENA DAS MINHAS

Da Paramount

Cinema IMPERIO — Clara Bow, que a propaganda tem atirado no mundo simplesmente como uma estrella de films-farras, é, como agora vem de demonstrar, uma artista de emoção. Isto acontece muitas vezes com estrellas do genero. Tendo-se jogado com a sua mocidade e a sua gaiatice, esqueceram-se ou só agora se lembraram de que ella era tambem mulher. *Uma pequena das minhas* é um filme para *fans* apaixonados da arte pura. Mesmo silenciosa que ella fosse, esta pellicula obteria successo. O enredo é muito comezinho, mas interessa. O scenario tem uma interessante sequencia e decorre sem grande surpresas, mas prende a attenção. Jean Arthur e Jamen Hall completam o trio com Clara. Grande interpretação? Não. Nem o film dá margem a trabalhos excepcionaes. Emfim, quem fôr devoto de Santa Clara Bow e gostar de films á maneira antiga sae de lá contente. E nós tambem não saimos descontentes, embora não nos enthusiasmassemos. Trata-se, pois, de um filme agradavel, sobretudo para quem não fôr muito exigente.

Cotação — BOM

O TROVÃO

Da Metro

Cinema GLORIA — Classificar um filme com Lon Chaney, em termos menos bombasticos, parecerá parecer a muita gente quasi um sacrilegio. Mas a verdade é que, á força de vermos este artista realizar verdadeiros assombros de interpretação, como ainda ha pouco a figura magistral do *Oeste de Zanzibar*, somos levados a concluir que este film foi para elle, o artista eminente, uma mera brincadeira. Digamos, porem, que, a par da bôa interpretação, esta pellicula é digna de consideração pelo excellente trabalho technico e pela emoção resultante do argumento.

Cotação — SOFFRIVEL

DOIS HOMENS E UMA MULHER

Da Tiffany

Cinema ODEON — O ambiente do dominio francez no norte da Africa, antes da guerra, tem inspirado uma bôa duzia de filmes. Este objectiva o mesmo meio, ainda que em limites muito mais restrictos que, por exemplo, a *Legião Es-*

NOS CINEMAS DA AVENIDA (*Continuação*)

trangeira, com Lewis Stone. Entretanto, é um filme sensacional, em que Alma Benett põe toda a suggestão da sua grande belleza. Entre o trabalho de synchronização da pellicula destaca-se o canto nostalgico dos legionarios da Africa, que valoriza as scenas sentimentaes do emocionante enredo. Se algum defeito, se defeito é, para se apontar, se encontra apenas a demasiada extensão de certas scenas. No resto, a pellicula deixa uma grande impressão de agrado.

Cotação — BOM

A GAROTA DA REVISTA

DA UFA

Cinema RIALTO — Um filme allemão, alegre, genero *féérie* americana, que valeria o dobro se fosse cantado, falado, etc., como os outros. Mas tem só musica. A montagem é surprehendente, de bom gosto e vivacidade, tendo quadros interessantissimos. O argumento, como é natural, é de uma absoluta banalidade. E' do genero. Dina Gralla interpreta a protagonista. Ha quem não sympathize com esta *estrella* germanica. Nós achamos que ella póde não sêr uma belleza, mas que tem muito talento. Esta pellicula prova-o exuberantemente. O publico que prefere filme alegres não deve perder este.

Cotação — BOM

JANGO

DO PROGRAMMA SERRADOR

Cinema PALACIO — E' um filme cultural. Sob este criterio o devemos apreciar, para que lhe dediquemos o verdadeiro valor, que é o de uma das melhores, mais interessantes pelliculas que do genero têm vindo ao Brasil. Sob este aspecto é que o cinema realiza uma das suas mais altas missões, a de nos apresentar em algumas centenas de tela lições do universo. Já o grande Ruy Barbosa concedia á arte da tela essa eminente e agradavel missão: a de vêr o mundo commodamente sentado numa cadeira. Agrada muito neste filme a nitidez da synchronização.

Cotação — MUITO BOM

CORPO DE DELICTO

DA PARAMOUNT

Cinema IMPERIO — Dá vontade de chamar este filme, não "O corpo de delicto", mas "Um corpo para um delicto". *Bemdicta seja tu madre*. O filme, lindamente dialogado, vale principalmente pela interpretação, que é incontestavelmente uma grande belleza feminina. A pellicula é um drama com os seus ares de tragedia. Mas a verdade é que o publico nem dá por isso, encantado com o corpo de deusa de Maria Alba, esquecendo-se até que não tem na sua presença uma artista perfeita, para se lembrar apenas que tem uma mulher extraordinariamente formosa. Tanto pela direcção, como pela technica, estamos em frente de um bom trabalho. A interpretação é que cochila um pouco se exceptuarmos Antonio Moreno, que se destaca por se encontrar entre artistas menores. O filme fez successo. E' natural. Maria Alba seria bastante motivo para isso.

Cotação — BOM

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados
Anno .... 48$000
Semestre ...... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez. Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

TELEPHONES: DIRECTOR: 2-0177. — ADMINISTRAÇÃO: 2-4136

CAIXA POSTAL 97

RIO DE JNEIRO

EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

ANGUSTIA

Dorme, meu filho...
Dorme, meu sol...

A voz enlanguescia. As palpebras ardentes pelo pranto, doloridas pela falta de somno, se esforçavam por permanecer abertas. Ella estava exhausta. Comprehendia que o cansaço, em luta constante com sua vontade, ia vencendo as escassas forças que ainda a conservavam sem dormir, cheia de angustia e desesperação junto ao berço de seu filhinho enfermo.

Cinco dias antes, o menino a aturdia com seus gritos e suas travessuras. Era um encanto de graça e de belleza aquelle delicado palminho de nervos. Cabello loiro, olhos claros e expressiva boquinha rosa, cujo riso estampava em suas faces duas graciosas covinhas. Contava apenas cinco annos e já surprehendia por suas reflexões e sua clarividencia. Tinha tal habilidade para justificar suas travessuras, que a mãe ficava sempre com a mão no alto, sem se atrever a dar-lhe palmadas.

Uma noite, o desanimo prostrou-o, entristeceram suas pupillas e em suas faces appareceram duas manchas vermelhas. A mãe, que se mirava em seus olhos e espiava cada um de seus gestos, sentiu uma viva inquietude. Chamou immediatamente o medico de sua confiança, para que o examinasse e desse o seu diagnostico. O facultativo, depois de um prolixo exame, declarou que o menino tinha, apenas, um pouco de temperatura além da normal, originada por uma digestão má. Era questão de tres dias, si tanto, para ficar bom. O menino voltaria ao seu riso e aos seus brinquedos.

Mas, passou o prazo designado pelo medico, e o menino continuava no mesmo estado. A febre ia consumindo-lhe o organismo. Seu pobre corpo cedia cada vez mais aos estragos da enfermidade.

— Meu Deus! E para que serve sua sciencia, si não pode, não sabe dizer o que tem meu filho? — disse a mãe ao medico, com essa aspereza imposta pelo desespero.

— Senhora..., muito doloroso me foi confessar que desconheço a verdadeira origem da enfermidade de seu filho. Mas considere que, na ultima consulta, nenhum dos tres facultativos presentes puderam fazer um diagnostico definitivo. A clinica está ainda atrazada, minha senhora. Ha enfermidades que apenas sabemos que existem, sem conhecermos o bacillo originario. Diariamente se apresentam symptomas estranhos em uma enfermidade que começa com caracteres communs. Apesar disso, lutarei até levantar seu filho.

Mas os dias decorriam, e o menino continuava em seu estado de prostração. A febre subia e declinava de forma alarmante. E ella nada podia fazer... nada, excepto estar a seu lado noite e dia, chorar e rezar por essa vida em perigo. Nada mais!... Quão pouco para seu amor!... Deus devia ter dotado todas as mães de uma sabedoria especial para preservar seus filhos de todo mal ou, pelo menos, suavizal-o, quando seus esforços não pudessem evital-o.

O pequeno enfermo abriu os olhos e, ao olhar sua mãe, pareceu sorrir.

Dorme, meu filho...
Dorme, meu sol...

sussurrou ella, dando palmadinhas em sua mão. O menino fechou novamente os olhos, e ficou quieto.

Declinava o dia. A penumbra se occultava nos cantos

DE

SOFIA ESPINDOLA

do aposento, aguardando o momento propicio para abrir suas grandes azas.

A mãe continuou cantando. Cinco dias e cinco noites sem repousar.... Apenas uns minutos de somnolencia punham, de vez em quando, um pouco de tregua em sua desesperação. Breves minutos apenas.... A angustia arrancava-a de sua semi-inconsciencia, e outra vez, deante da realidade, sua ansiedade crescia ao contemplar a gravidade da situação.

Já não lhe interessavam seus passados soffrimentos, a fuga de seu esposo, que a deixara, mezes antes, para seguir o ficticio reflexo de uma luz; sua dôr de esposa e mãe abandonada, sua condição de mulher joven e bella, a quem o destino negava toda a illusão de amor.

Essa pagina dolorosa de sua vida ficava muito atraz, perdida entre trevas. Como traços apagados, a figura do homem a quem havia amado intensamente se esfumava cada vez mais, até ficar ao alcance de seus olhos ligeiros traços impossiveis de definir. E assim seu coração se aquietava, e renascia sua morta primavera. Seu amor, sua illusão, sua esperança, sua propria vida, estavam naquelle menino, pedaço de sua alma e sangue de seu sangue. Por elle renunciaria para sempre ao amor. Por elle desangraria seu pés para recolher os espinhos. Por elle dominaria a felicidade, subjugaria o destino.

O pequeno agitou-se de novo no berço. De novo a mãe começou a cantar.

Dorme, meu filho...
Dorme, meu sol...

Que placidez nos membros! ... Que ardor nos olhos!... Que cansaço na alma! Não podia mais... O somno a vencia, esmagava-a a fadiga. Reagiu. Não devia ceder... Havia dias que a morte rondava pela casa. Presentia sua presença, notava seu halito gelado, adivinhava suas intenções. Percebia-o occulta quem sabe em que recanto! E a morte só esperava que ella adormecesse para se aproximar do berço, beijar a fronte do pequeno e roubar-lhe a alminha.... Eram esses seus desejos.... Para evitar a investida, ella não devia succumbir ao cansaço. Em seu desvario estava firmemente certa de que sua vigilancia detinha a mão da morte e difficultava o passo da intrusa. Não devia adormecer. A vida de seu filho dependia de sua fortaleza.

Levantou-se e começou a passear pelo aposento. Voltou ao berço do filho, beijou-lhe as mãos e sentou-se. Que cansaço! Que peso nas palpebras!... Por que, por que não devia dormir? Por que o somno a enervara?

Este thesourinho,
que nasceu de noite...

Enlanguescia sua voz, suas palpebras se cerravam.

Querem leval-o...
Querem tirar-m'o...

Ella inclinou-se sobre o berço, para ver o pequeno enfermo. Docemente, repousou sua cabeça sobre a colcha que o cobria. O somno beijou-lhe as palpebras, lutou contra a debil resistencia, e, afinal, a venceu.

O pequeno enfermo abriu os olhos, e, vendo sua mãe adormecida, pareceu comprehender até onde chegava seu sacrificio. Suavemente, levantou sua mãozinha e pousou-a na cabeça da adormecida. Depois, tornou a seu somno, do qual talvez não despertasse mais...

AFFINIDADES

Ella. — Eu nado, jogo o tennis e o golf e monto a cavallo admiravelmente.
Elle. — Eu cozinho, cirzo meias e varro muito bem.

O ébrio. — Pois não é que me metteram de novo no xadrez!

— Eu só bebo cognac nas grandes occasiões.
— E quaes são as grandes occasiões?
— Quando bebo cognac...

ESPIRITO ALHEIO

— Papae, por que a terra se move sem cessar?
— Maldito sejas! Bebeste outra vez o vinho do armario!

— Bom homem, por que chorar desta maneira?
— Porque não posso entrar em minha casa.
— Perdeu a chave?
— Não; o que perdi foi o buraco da fechadura.

Ainda que um homem se vista á ultima moda, se deixar que as pontas do collarinho molle se abram excessivamente, ou se dobrem e se amarrotem, produzirá uma impressão de descuido.

E indispensavel manter o collarinho em sua melhor posição. Os alfinetes KREMENTZ além de prenderem bem, são artisticas joias de ouro laminado.

KREMENTZ

Um Casamento na Roça

D. AÉCIO DE MENEZES

AQUELLE namoro começara quando o José Florencio vira a Maria Rosa na missa do gallo.

Ella, dotada de um corpo esbelto e fascinador, tinha todos os encantos das manhãs tropicaes. Nascida no "Brejo Verde", cinco leguas além de Cascavel, a sua formosura não fôra notada ainda pelos rapazes da redondeza, sinão quando sua velha mãe a convidara para assistir á tradicional missa do gallo. Timida, ella penetrou no templo sagrado e, espraiando a vista pela multidão, receiosa, com passadas lentas e indecisas, avançou até a parte media da egreja e ajoelhou. Trajava um vestido de chita nova, salpicado de minusculas estrellinhas e, engrinaldando a fronte, trazia uma fita escarlate, deixando cahir pelos hombros, em caracoes, os cabellos de azeviche.

O entrebater de azas e o grito metallico de um gallo empoleirado em uma arvore proxima cortaram o silencio. Meia noite. A missa começára. Subiam para o Céo, em accordes suavissimos, os canticos sacros.

Foi ahi, nessa occasião, que nasceu no coração de Florencio o seu primeiro amor. Com os olhos gravados no perfil moreno e gracioso de Rosa, o rapaz se manteve até o final da cerimonia religiosa.

• • •

As visitas de Florencio ao povoado do "Brejo Verde" tornaram-se constantes.

Dias decorreram quando, á procura de uma rez extraviada, Florencio distinguiu, á margem de uma lagôa que existia proximo á casinha de Rosa, um vulto de mulher, que se preparava para o banho matinal.

Nesse momento, rolavam nuvens algodoadas pelo espaço e, por entre as folhagens, corria uma aragem balsamica perfumando a matta.

Desprendendo Rosa, pois era ella o vulto que surgira ao longe, do corpo indiático e trescalante, as peças que lhe encobriam as fôrmas palpitantes, uma por uma descia, num gesto soberbo, como o arriar de bandeiras em festa.

Conscia da belleza exuberante das suas fôrmas plasticas, quedou-se, em seguida, immovel, numa immobilidade estatuaria, fitando a sua nudez deslumbrante no espelho coruscante das aguas adormecidas. Passados alguns instantes, por sobre uma magestosa pedra encravada á margem da lagôa, firme, braços erguidos para o céu, numa attitude esplendida de invocação, lançou-se nagua. O seu corpo elastico, descrevendo uma trajectoria pelo espaço, num mergulho profundo, sumiu-se por muito tempo, indo apparecer, subitamente, além, de onde voltou singrando velozmente á flor das aguas, com braçadas rythmadas e seguras, em nado athletico. Outro mergulho mais, mais outro, e ella desapparecia por cinco, por dez, por quinze segundos, com a mesma ligeireza das irrequietas jaçanãs.

A passarada presente áquelle banho olympico, num grasnar confuso, saltitava sobre os galhos do arvoredo glauco.

Os primeiros signaes algidos pelos membros annunciaram o termino do banho.

Tudo se transformara agora. Serenaram e emmudeceram os passarinhos, e as aguas, como se quizessem reter, por mais alguns instantes, o corpo exuberante, voluptuoso e excelso da donzella, arqueavam o dorso em ansias dolorificas, formando mil halos multicores.

Vestindo-se ás pressas, receiosa de que alguem a visse naquelle estado de nudez, como a jurity ao al-

car o vôo soberbo, ella debandou numa carreira desordenada, rumo á casa, maltratando de leve, com os pésinhos velozes, a verde grama que atapetava os caminhos. Quando o seu vulto desappareceu na curva da estrada, Florencio retirou o cavallo de dentro da macéga. A visão do banho aturdira-o completamente.

— Tolo que fui! — murmurava, entre dentes — podia muito bem tel-a tomado nos meus braços, devorando-a com beijos longos e profundos, apaixonados e sensuaes...

E, voltando a si daquelle estado de lethargia, picando com as esporas os flancos do animal, disparou numa carreira louca, em demanda da casa da virgem. Tudo estava decidido. Iria agora mesmo pedir-lhe a mão. Riscou o cavallo á porta da casinha; bateu e esperou. A porta entreabriu-se e surgiu a mãe de Rosa. Florencio, que não era homem de meias palavras, ao sentar-se declarou que já havia algum tempo amava a Rosinha, e o fim daquella visita era solicitar-lhe a mão em casamento.

— Rosa, ôu Rosinha!

Apparecendo a filha, d. Josephina perguntou-lhe si era do seu gosto aquelle casamento, ao que a moça respondeu, riscando com a ponta do dedo a parede caiada, toda enleada e confusa — "Que sim, que era". E o casamento ficou combinado para realizar-se dois mezes após, afim de aproveitar o anniversario da Rosinha. Ao sahir dali, Florencio e Rosa eram noivos.

....

Raiou, emfim, o dia almejado para ambos. Pela casa, num vae-vem constante, da sala á cozinha, d. Josephina, com a respiração offega, preparava-se e preparava a noiva. Ao terreiro chegavam os primeiros convidados. Prompta a cavalhada, debandou o cortejo rumo a Cascavel, onde ia, o par ditoso, receber do padre Horacio a benção nupcial.

A' frente, numa attitude garbosa, envergando um terno de casemira preta, que já ha alguns annos atraz mandara fazer em Fortaleza, com as calças ao meio das pernas e as mangas ao meio dos braços, donde surgiam quatro dedos de punhos durissimos e luzidios, gravata azul celeste, tremulando no ar como bandeira desfraldada, — ia o noivo.

A' garupa, toda enleada e confusa, com os olhos baixos, enlaçando com os braços roliços e morenos a cintura do noivo, vestido de cambraia, sapatinhos de verniz, com fivellinhas de pedras reluzentes, meias roseas, — ia a noiva.

Em seguida, tendo cada um á

UM CASAMENTO NA ROÇA

(Conclusão)

garupa uma dama trigueira, — iam os convidados.

Dentre os convivas que ficaram, surgiu a idéa de tirar-se o chapéo do noivo no regresso da cavalhada. Ao cahir da tarde, occultos á margem da estrada por onde o cortejo deveria passar, anciosos esperaram. Não tardou muito tempo, quando distinguiram ao longe o tropel dos animaes. Chegara a hora. Arrancando de chofre o grupo de dentro do arvoredo, quaes salteadores temiveis surgindo ante os noivos perplexos, estrugiu por todos os lados o grito de "O chapéo do noivo! O chapéo do noivo!" Florencio, porém, não se entregava sem resistencia e, picando com as esporas o animal, disparou numa carreira hippica e, si não fosse a Rosinha, que a todo momento vacillava sobre as ancas do formoso corcel, Florencio não teria capitulado.

A noite descambava e pelo céo mirifico appareciam as estrellinhas, quando a comitiva aportou ao "Brejo Verde".

A casa toda illuminada a lampeões de carboreto achava-se repleta. Entre gritos de gaudio da meninada, hurras estridentes, foi recebida a caravana. Após largo espaço de tempo, foi servido o aluá e com a chegada dos tocadores de harmonica, violão e cavaquinho, as danças proromperam animadamente.

Lá fora, de vez em quando, o ribombar de uma rouqueira abalava a terra.

Meia noite.

Pelo céo deslisava magestosamente uma lua jalne, côr de ouro. A festa ia no auge quando, do lado de fóra, gritos metallicos, assobios, risadas, numa confusão infernal, despertaram a attenção dos que se encontravam dentro de casa. Correram todos anciosos afim de saber do que se tratava. Era o Pedro da Philomena, um rapazote de uns dezoito annos, que, sustendo á ponta de uma vara um enorme balão, gritava, com todas as forças dos seus pulmões, que arredassem a meninada. E o balão subiu no céo, soberbo e heraldico, seguido do sibilar dos foguetes, que riscavam o espaço offuscado em todas as direcções, indo uns espoucarem quasi por cima das cabeças da multidão, e outros, além, alegremente.

Cansados pelas danças, deram por finda a festa esponsalicia. Os recem-casados, á porta, recebiam de cada conviva um abraço affectuoso, acompanhado da phrase — "que Deus lhes dê muitas felicidades".

Cerraram-se as portas e um silencio profundo reinou então. Ouvia-se agora somente o crepitar da fogueira que se extinguia vagarosamente no terreiro.

O casamento havia terminado.

A Arte de Bem Vestir

A arte de bem vestir póde ser classificada como uma das bellas-artes; a mulher elegante é uma artista que faz do seu corpo a materia prima de creações geniaes.

Dahi a differença que vae entre o vestir bem e o vestir com ostentação e riqueza.

Não ha duvida que os estofos caros, as pelles raras, as jóias resplandecentes concorrem, numa alta escala, para o fulgor da elegancia; são as armas de seguro effeito que as mulheres têm á mão para a conquista da victoria; mas ha que saber manejal-as.

Em mãos inhabeis, as mais bellas fazendas, as rendas mais caras, as pelles de mais alto preço perdem muito do seu effeito.

O ideal na arte de bem vestir é a elegancia na simplicidade.

E' classica a anecdota do discipulo de Apelles que pintara uma Venus coberta de jóias, da cabeça aos pés. O mestre, ao ver a setta, observou paternalmente ao joven pintor:

— Fizeste-a rica, porque não a soubeste fazer bella...

A mulher verdadeiramente elegante não deve abusar dos motivos ornamentaes na "toilette": jóias, rendas, bordados, fitas, enfeites de todo o genero; ha um justo meio, uma conta certa, uma dose adequada que só o bom gosto de cada uma póde ensinar.

Ha de haver especialmente cuidado nas côres a escolher e no modo de combinal-as; e não só: é preciso attender a que taes côres sejam fixas e conservem permanentemente o seu brilho e frescura.

Nada mais deselegante que um vestido desbotado, por mais cara que seja a fazenda e por melhor acabado que seja o trabalho da modista.

Felizmente a chimica moderna conseguiu obter colorantes indeleveis, resistentes ao sol, á chuva e ás lavagens.

As senhoras já podem exigir aos seus fornecedores tecidos de côres firmes, em bem da elegancia e da economia.

Flora Tosca

Prisão de ventre
Incommodos de estomago e intestinos
Engorgitamento do figado

TRIBERANE

Laxativo
Depurativo
Facilitante das funcções digestivas

Casa FRÈRE
19, r. Jacob, Paris

App. D. N. S. P. em 21 de abril 1887

Quem falla de bellos dentes, diz: Dentol...

O DENTOL (agua, pasta, po, ou sabao) é um dentifricio ao mesmo tempo poderosamente antiseptico e dotado de um perfume muito agradavel.

Creado segundo os trabalhos de Pasteur, dá firmeza ás gencivas.

Em poucos dias, dá aos dentes uma alvura excepcional. Purifica o halito e é particularmente recommendado aos fumadores. Deixa na bocca uma sensação de frescura deliciosa e persistente.

O DENTOL encontra-se á venda em todas as boas casas vendendo productos de perfumaria e em todas as pharmacias.

Dentol

Deposito geral:
Maison FRERE, 19, rue Jacob - Paris

BRINDE. Para receber, franco de porte, uma amostra de pasta DENTOL, basta devolver o presente annuncio do "Fon Fon" aos Srs BARENNE & C.a, 263, rua Buenos-Aires no RIO DE JANEIRO.

A todos os leitores que sabem aproveitar seu tempo

aconselhamos a leitura da grande obra do celebre escriptor
MICHEL ZEVACO

A' HEROINA

As notas falsas

de Ernesto Loewe

FRITZ ROBERTS lia, tranquillamente, um jornal da manhã, quando seus olhos tropeçaram com a seguinte noticia:

"O Banco Nacional vae pôr em circulação, dentro de dois mezes, as novas notas de 1.000 e de 500 marcos. Nesta pagina publicamos o verso e o reverso dos nossos instrumentos de cambio."

Fritz ficou pensativo. Elle era um dos melhores desenhistas, calligraphos e gravadores da cidade. Mas, apesar disso, não pudéra conseguir uma situação de accordo com os seus meritos.

Suspirou. Depois de suspirar, tomou sem café matinal, e, em seguida, se encerrou em seu gabinete, recommendando que ninguem o fosse incommodar.

E dedicou-se, por espaço de muito tempo, á realização de um projecto mysterioso e estranho. De um projecto desconhecido para todo mundo.

Não havia transcorrido um mez após ser posta em circulação a nova emissão das notas mencionadas acima, quando o Banco Nacional mandou a seguinte nota a todos os jornaes do Imperio:

"Ao mesmo tempo que este Banco punha em circulação as novas notas de 1.000 e 500 marcos, um falsificador emittia uma enormissima quantidade das mesmas, que se differenciam das verdadeiras apenas porque o papel é muito melhor, o matiz mais fino, o colorido mais brilhante e mais fixas as tintas. Tirando todas essas excellencias, são as notas falsas iguaes ás legitimas. Si o artista que fez as taes notas não fosse um falsificador, o Banco se sentiria honrado contando-o em seu seio e erigindo-lhe uma estatua no salão das sessões. O Banco Nacional vê-se, não obstante, na contingencia de offerecer a somma de 200.000 marcos a quem denuncie o autor dessa falsificação, que, dado o grande numero de notas apresentadas até agora, deve ascender a muitos milhões."

Mas ninguem denunciou o autor da falsificação. E não foi só. O Banco, em vez de recusar ás notas falsas, acabou admittindo-as, dando por ellas a metade do seu valor.

E ao mesmo tempo recolheu as notas legitimas, que acabava de lançar no mercado, e que, seja dito em honra da verdade, eram bastante toscas, e tanto mais si se comparavam com as falsas, e lançou estas ao mercado com o caracter de legaes.

Fritz Roberts transferiu, pouco depois, sua residencia para Berlim, dizendo a suas amizades que ia tentar fortuna.

Esta deve ter-lhe sorrido com uma celeridade espantosa, já que, actualmente, sua fortuna é calculada em mais de dez milhões de marcos.

E' excusado dizer-vos, leitores, que toda essa quantia notavel elle a possúe em notas legitimas, notas que, não sei por que rara circumstancia, distingue maravilhosamente das falsas...

FOSFATINA FALIÈRES

A FARINHA ALIMENTICIA INCOMPARAVEL A QUAL MILHÕES DE CRIANÇAS DEVEM A FORÇA E A SAUDE

FACILITA A DENTIÇÃO
FORTIFICA OS OSSOS
CONVEM A OS ANEMIADOS,
VELHOS, CONVALESCENTES.

PHARMACIAS E CASAS DE ALIMENTAÇÃO-PARIS

VESTIR
SEMPRE MODERNOS
E AUTHENTICOS
PADRÕES INGLEZES
COM
ARISTOCRATICA
ELEGANCIA

—::—

54

RUA DA CARIOCA

—::—

ALFAIATARIA
GUANABARA

—::—

REPARAR O QUADRO
NA VITRINE
COM O N — 54 —

MOVEIS E TAPEÇARIAS

ANTES DE COMPRAR, VISITEM AS EXPOSIÇÕES DA MAIOR E MELHOR CASA DESTA CAPITAL

Casa Bella Aurora

CATTETE 78 - 80 E 108 PHONES 5-1891-2768 E 3633
FABRICA E DEPOSITO: RUA SÃO CHRISTOVÃO 48 — PHONE 8-1450

QUER GANHAR SEMPRE NA LOTERIA?

A Astrologia offerece-lhe hoje a RIQUEZA. Aproveite-a sem demora e conseguirá FORTUNA E FELICIDADE. Guiando-me pela data de nascimento de cada pessoa, descobrirei o modo seguro que, com minhas experiencias, todos podem ganhar na loteria, sem perder uma só ves.

Milhares de attestados provam as minhas palavras. Mande seu endereço e 500 réis em sellos, para enviar-lhe GRATIS «O SEGREDO DA FORTUNA». Remetta este aviso — Endereço: Sr. Prof. P. Tong. Calle Pozos 1369. Buenos-Aires — Republica Argentina — Cite-se esta Revista».

Versos

A idéa do Diabo

A BASTOS PORTELA

... E o Diabo diz: — "Senhor, os homens, de rep nte,
Choram, clamam, sem paz, queixando-se de tudo
Que vós, com tanto amor, com tanto zelo e estudo,
Fizestes o pulsar de sensação fremente!...

Eternam nte assim, monotonos no gozo,
Sabei que de rancor se amúa e desespera!...
Porque nos d sencanta o espirito fogoso,
Quando, i ndo-se o amor, nos falta a vã Chimera!...

Porém, Senhor, si houver, nas dores do Peccado,
Trevas e variações, a terra, ingrata e fria,
Toda s povoará de mais vivazes seres!..."

... E Deus lembrou-se, a rir, de subito, inspirado,
Em pôr no coração de todas as mulheres,
Feito de opaca luz, o deus da Phantasia!...

JOSÉ FREITAS COUTO DE MAGALHÃES NETTO

(Do livro "Evangelho do Amor", inedito).

Horas de Silencio...

Nesta hora d immensa solidão
E de serenidade,
O meu p ito soluça uma canção
De amor e de saudade!...

Quanto é doce lembrar!
Porque a alma da gente
Com ça a sonhar
Calma e profundamente...

E revejo, emotivo,
A minha mãe distante...
Fico em extas , mudo, pensativo,
Vivendo muito na dôr de um só instante...

Os coqueiraes esguios de Recif
Erguidos contra o céo, como os atheus,
São como evocações daquella que me disse
Um tristissimo adeus...

Por isso, em horas de solidão
E de s renidade,
E' que toda a ternura que ha no coração
E' uma amphora cheia de saudade...

NEWTON LEMOS GUERRA

Só a Ti!

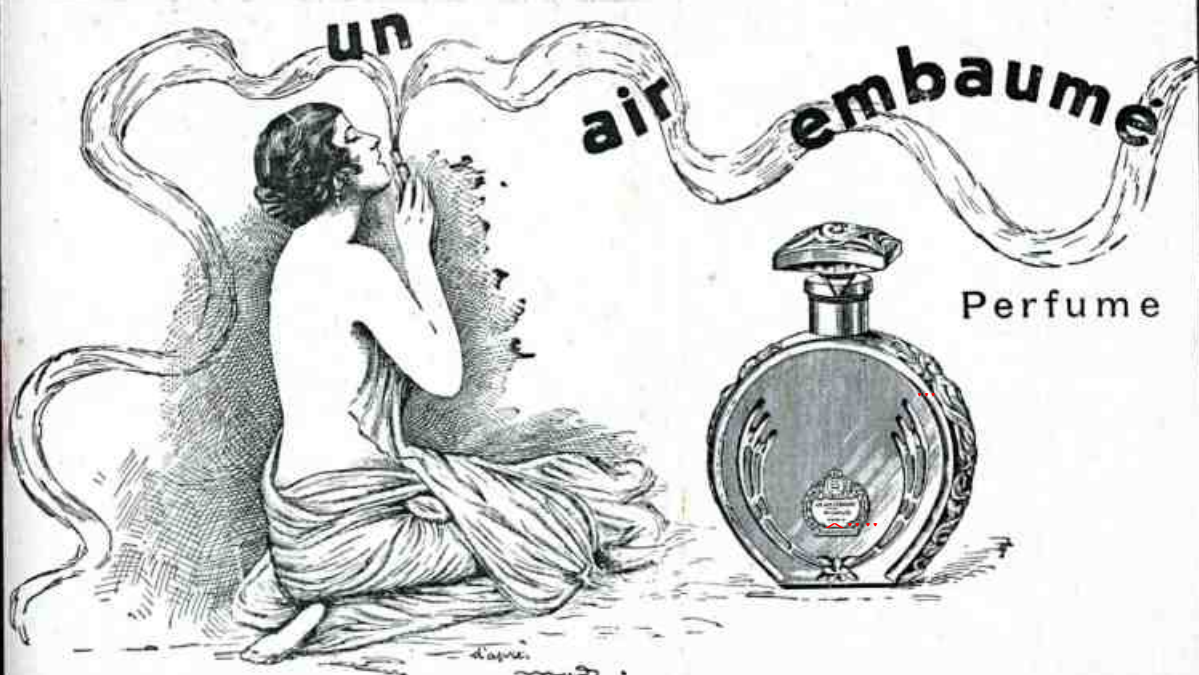
Amei-te só a ti... Flamma erradia,
Ardeste em minha mente, transformada
Na graça feminina, na magia
D um corpo divinal de meiga fada!

Na ansia de vêr-t , alfim, desencantada,
Vibrei em quanta estrella me trazia
Vislumbres de tua alma fugidia,
De diamante e de arminho, ó minha amada!

Amei-te só a ti... Foste B atriz,
Carmélia, Inah... Variou, na fórma, o objecto
Somente d ste amor com que eu te quiz!

Sombras em que te vi, cego e feliz,
Foram-se... E eis, afinal, anjo dilecto,
Vazio o coração que te bemdiz.

(Do livro "Aljôfares").

OTHONIEL BELLEZA

E. CHARLES VAUTELET, Agent — 20, Rua do Mercado — Rio de Janeiro

A Sciencia enaltece as qualidades da "ASTREA"

O preparado ASTRÉA é de perfeita indicação na hygiene feminina, empregado em lavagens vaginaes.

a) Fernando Magalhães.

O uso do preparado ASTRÉA recommenda-se por suas magnificas qualidades antisepticas e hygienicas.

a) Augusto Brandão Filho.

«ASTRÉA» é um preparado usado em lavagens vaginaes, que eu aconselho vivamente na hygiene da mulher.

a) Oliveira Motta.

ASTRÉA é um dos melhores preparados destinados á toilette das senhoras. Attestando a sua efficiencia subscrevo um acto de justiça.

a) Fernando Vaz.

Caixa Postal 2.577 — S. Paulo

PREÇO 4$000

AS CREANÇAS ADORAM O SEU SABOR AGRADAVEL

O leite Horlick é preparado facilmente em casa

FAÇA A SEGUINTE EXPERIENCIA:

Compre, hoje mesmo, um vidro do leite Maltado Horlick e comece a dal-o regularmente aos seus filhinhos, pelo menos uma vez por dia ás refeições, ou como lunch, quando voltarem da escola, ou tanto ás refeições como no lunch.

Pese-os antes de começar a dar-lhes o Horlick, e, dahi, em diante, uma vez por semana, registando os pesos que a balança fôr accusando. Si os seus filhinhos não estiverem doentes e si se tratar de deficiencia de nutrição, verificará como augmentarão de peso dum modo sensivel e dentro dum espaço de tempo surprehendentemente curto. Si os seus filhinhos forem sadios e tiverem o peso normal proporcional á sua estatura e á sua idade, deve dar-lhes, mesmo assim, o Leite Maltado de Horlick, para manter a sua saúde e para crear nelles uma reserva de vigor para compensar o gasto nos estudos e nos folguedos, e para augmentar-lhes a resistencia contra as molestias.